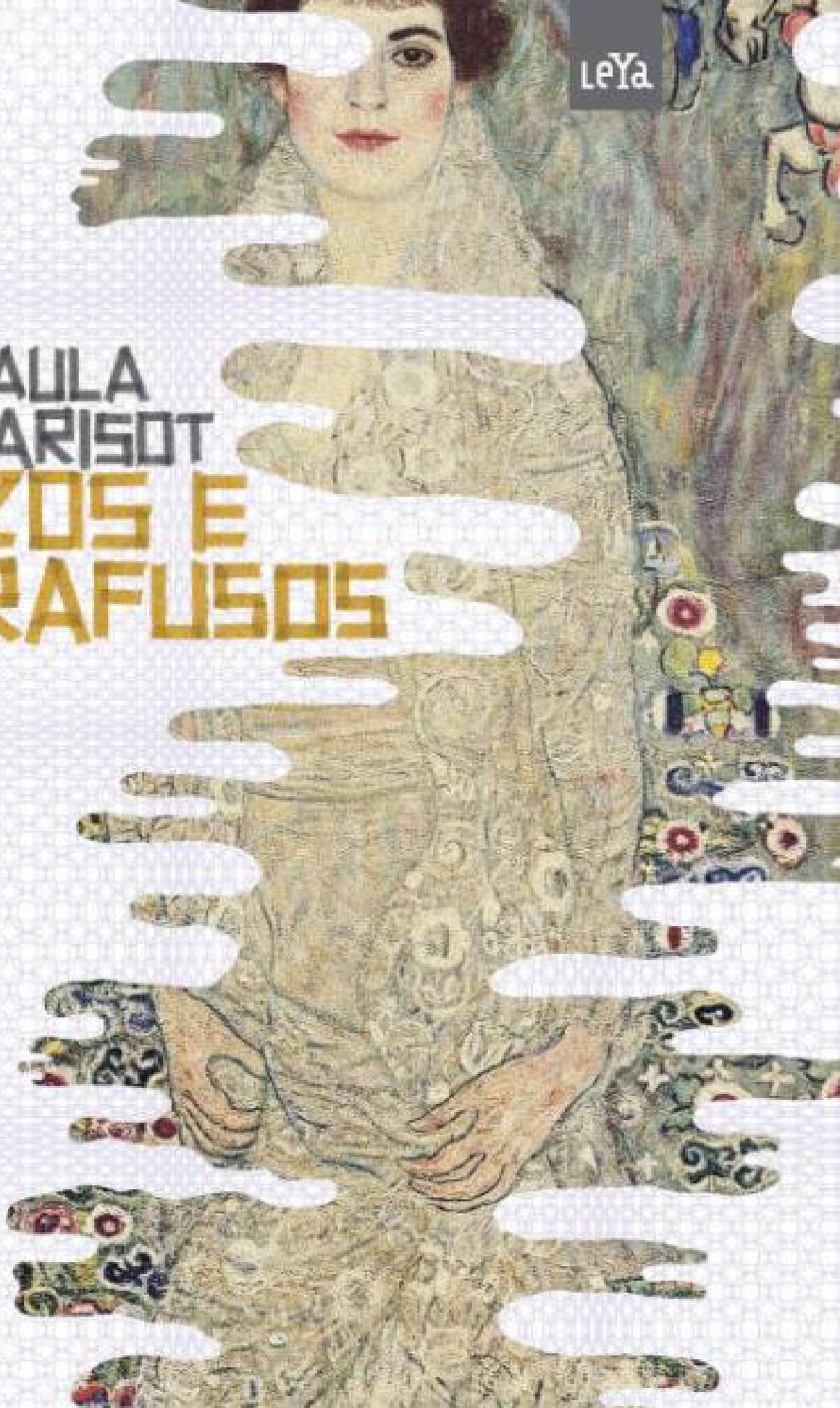


leYa

PAULA
PARISOT

GONZOS E PARAFUSOS



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Ficha Técnica

GONZOS E PARAFUSOS

Copyright © 2010, Paula Parisot

preparação de textos José Muniz Jr.

revisão de textos Beatriz de Freitas Moreira

capa e projeto gráfico Kiko Farkas e Mateus Valadares/

Máquina Estúdio

imagem de capa © Klimt, Gustav (1862-1918):

Portrait of Baroness Elisabeth Bachofen-Echt, 1914-16. Basel,

Kunstmuseum. Oil on canvas, 180×128cm

© 2009, Photo Austrian Archive/Scala Florence

diagramação Máquina Estúdio

foto da autora © Richard C. Haber

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (cip)

(Câmara Brasileira do Livro, sp, Brasil)

Parisot, Paula

Gonzos e parafusos / Paula Parisot. — São Paulo : Leya,

2010.

ISBN 9788580440133

1. Ficção brasileira i. Título.

10-00393

cdd-869.93

2010

Todos os direitos desta edição reservados à

texto editores ltda.

[Uma editora do grupo Leya]

Av. Angélica, 2163 – Conjunto 175

01227-200 – Santa Cecília – São Paulo – sp – Brasil

www.leya.com.br

Aviso

Esta obra foi postada pela equipe [iOS Books](#) em parceria com o grupo [LegiLibro](#) para proporcionar, de maneira totalmente gratuita, o benefício de sua leitura àqueles que não podem comprá-la. Dessa forma, a venda desse eBook ou até mesmo a sua troca por qualquer contraprestação **é totalmente condenável** em qualquer circunstância. A generosidade e a humildade é a marca da distribuição, portanto distribua este livro livremente.

Após sua leitura considere seriamente a possibilidade de adquirir o original, pois assim você estará incentivando o autor e à publicação de novas obras.

Se gostou do nosso trabalho e quer encontrar outros títulos visite nossos sites:

[iOS Books](#)

[LegiLibro](#)

Para Ana e Eduardo,
meus pais

“Tendo visto com que lucidez e coerência lógica certos loucos justificam, a si próprios e aos outros, as suas ideias delirantes, perdi para sempre a segura certeza da lucidez da minha lucidez”

Fernando Pessoa

O início que não é o começo

1

Este não é o início da história.

Eu poderia dizer, como outros já disseram: a tragédia começou no dia em que nasci. Mas não é tão simples assim.

Às vezes a Baronesa Elisabeth Bachofen-Echt vem me visitar. Porém, o fato de ela não existir não me torna necessariamente uma louca. Porque, nesse caso, toda pessoa com imaginação seria louca.

Eu estava pronta para ir a uma festa com a Amanda. Havia até comprado um livro com a poesia completa de T. S. Eliot para o aniversariante. Sempre faço isso, presenteio as pessoas com as coisas que eu gostaria de ganhar.

“O tempo presente e o tempo passado/ Estão ambos talvez presentes no tempo futuro/ E o tempo futuro contido no tempo passado.” Esses versos do T. S. Eliot não me saíam da cabeça. Desembrulhei o livro e, ao abri-lo, deparei com o poema “Burnt Norton”, dos *Quatro Quartetos*, cuja primeira frase é essa. Decidi ficar em casa e com o livro para mim. A edição que eu tinha estava em mau estado de tanto ter sido compulsada.

Telefonei para a Amanda e disse que não iria mais à festa com ela.

Tirei a roupa, que vestira especialmente para a festa, e as pulseiras. Removi a maquiagem observando meu rosto no espelho do banheiro, como se aguardasse uma resposta. Por um momento deixei de acreditar que existia, mas ver-me refletida me deu a certeza de que eu continuava viva. Contemplar a minha imagem me tranquilizou, ainda que aquele corpo, dentro do qual eu me abrigava, parecesse estranho. Reparei então nas cicatrizes no meu braço esquerdo e nos meus pulsos. Aceitei-as ao invés de repeli-las. Elas estabeleciam uma junção, uma união profunda comigo mesma.

De cada cem mil pessoas, setecentas e cinquenta se ferem propositadamente de diferentes maneiras. Porém, elas não são loucas nem suicidas, conquanto algumas acabem se matando.

Volta e meia alguém me pergunta que cicatrizes são essas na parte superior do meu braço e nos meus pulsos. Por isso, raramente saio sem pulseiras e não gosto de usar camisa sem manga. Como as pessoas são perversas, fazem perguntas constrangedoras fingindo uma ingênua curiosidade. E se rechaça a pergunta chamam você de sem educação. Se diz a verdade — tentei me suicidar, desejei me ferir —, elas suspiram com uma falsa expressão de dó e se desculpam, sentindo-se superiores. Federico foi o único que riu e me deu dentadas bem de leve no pescoço, dizendo, “Bela, Bela, você é impossível”.

Federico Sánchez, meu colega de profissão, divide comigo o apartamento onde temos nossos consultórios. É cheio de vida, muito expansivo e bem articulado, apesar do sotaque portenho. Ele nasceu em Buenos Aires. Quando está feliz contagia todos com a sua gargalhada eufórica. Beija, abraça e até morde as pessoas de excitação. Contudo, a sua alegria é ocasionalmente substituída pela depressão e pela ansiedade, o que faz a epiderme do seu cotovelo ficar ferida e descascar. Ele sofre de psoríase. Além de amigos, éramos amantes. No entanto, eu não era apaixonada por Federico e, por mais que o estimasse, não o amava.

É irritante descobrir que até eu abuso do verbo amar, esse verbo que pretende dizer tudo e não diz nada.

Já expliquei isso diversas vezes para uma das minhas analisandas, que apelidei de Madame Bovary, porque se chama Emma como a personagem de Flaubert e é magra, pálida, de olheiras azuladas como, aliás, todas as heroínas tísicas dos romances franceses do século dezenove. Minha paciente, como a Bovary, certa vez se apaixonou, mas, assustada com a inesperada paixão extraconjugal, não teve coragem de trair o marido e se arrependeu. “Eu devia ter

me entregado a ele”, repetia sem parar. Eu sabia que, assim como aconteceu com Madame Bovary, não demoraria muito para que minha paciente fosse para a cama com o primeiro estranho que aparecesse. Eu, em silêncio, talvez a incentivasse, a traição quando secreta pode ser benéfica ao casamento. O traidor passa a sentir culpa e a tratar melhor o seu cônjuge.

A minha Emma Bovary também tinha ideias românticas sobre a vida, e em mais de uma ocasião me perguntou, “Todo mundo é capaz de amar?”. Expliquei-lhe que todos somos capazes de transferir.

“Não sei o que significa o amor”, insistiu a minha Madame Bovary.

“Ninguém sabe”, respondi.

No meu aniversário de seis anos o meu avô paterno, um senhor esguio de poucas palavras, sussurrou no meu ouvido, “Vá até a varanda e fique escondida me esperando”.

“Pode sair de trás das plantas”, disse ele.

Agachada, olhei para o vovô, que me pareceu ainda maior. Ele se ajoelhou ao meu lado. Ficamos quase da mesma altura. Então, sem dizer uma só palavra, ele me entregou uma caixa de plástico cilíndrica e transparente, amarrada com laços de fita. Vi através do plástico uma boneca cabeçuda de cabelos loiros cacheados. O corpo da boneca era minúsculo e ela trajava uma roupa prateada.

“Abre”, falou.

Fiz o que ele mandou.

No pescoço da boneca havia um coração rosa com um dizer em letras vermelhas. Vovô leu em voz alta o que estava escrito no pingente: “Eu te amo”.

“Não mostre o seu presente para ninguém. Essa boneca simboliza o amor.”

“Mas, vovô, ela é feia.”

“Você vai acabar achando ela bonita.”

2

Acordei com o telefone tocando. Ouvi a voz de Amanda vindo da secretária eletrônica, decidi não atender. Ainda na cama acariciei Karen, que ronronava ao meu lado com o focinho no meu pescoço.

Quando lembrei que não teria Denise, minha empregada, para conversar, fiquei chateada. Ela saía aos sábados bem cedo, pois frequentava uma igreja cujo nome esqueci. Não entendia o que ela ia fazer lá uma vez que bebia, fumava e adorava namorar, coisas que o pastor condenava.

Denise era uma pessoa extremamente sensível e observadora. Sempre me dava bons conselhos, sem se intrometer na minha vida. A sua postura era a de uma verdadeira psicanalista. Claro que alguém como eu, que entende o processo de análise, sabe se disponibilizar para colocar qualquer um na posição de analista, até mesmo um gato como a Karen.

Minha avó materna, Helga, me ensinou que não devemos dar intimidade aos empregados, porém nunca consegui, nem quis, seguir o conselho dela.

Morei toda a minha infância na casa da minha avó Helga, que detestava ser chamada de avó. Respeito, por isso vou me referir a ela como Helga. Quando menina eu queria ser como Helga, que ao me educar alertou-me de que só uma mulher burra se casa com um homem pobre. Minha mãe, seguindo os conselhos da Helga, casou-se com o meu pai, um homem de família rica que perdeu tudo que herdou. Papai era um estroina alcoólatra metido a comunista, como a maioria dos burgueses que nunca precisaram trabalhar.

Não demorei para entender que, normalmente, o que as pessoas dizem não vale nada. Todos mentem para o outro ou para si e, quando falam dos outros, estão falando de si mesmos. Sabia que era verdade o que Helga dizia, mas também sabia que era desaconselhável confessar que somos fascinados por dinheiro e poder.

Gosto de dinheiro — do que eu posso fazer com o dinheiro. Dinheiro não nos dá apenas liberdade, dá também poder. E quando digo poder, me refiro ao substantivo, que tem como sinônimo domínio, autoridade, e também ao verbo no infinitivo, que indica a possibilidade de fazer coisas, poder fazer isso ou aquilo, poder não fazer nada.

A minha mãe não tinha dinheiro e, por isso, era humilhada por Helga, que fazia questão de repetir a todo instante que morávamos de favor na casa dela. Helga não perdoava minha mãe por ter saído do casamento com o meu pai sem nada e ainda com uma filha para criar.

Ainda que Helga fosse odiada pela própria filha, a minha mãe, eu gostava dela. Vivi momentos felizes ao lado da Helga, essa avó encantadora e egoísta que ouvia música, dançava e jogava cartas em casa todas as terças e sextas-feiras com as amigas, na maioria viúvas. Eu auxiliava a Helga na cozinha, preparava a cobertura do bolo, uma calda com uma quantidade exagerada de açúcar misturada com um pouco de suco de laranja. Fazia questão de abrir a porta para as convidadas que chegavam uma a uma, separadamente.

Nesses dias a minha mãe aproveitava para ir à boate. Ela ainda era jovem, tinha uns vinte e sete anos. Eu assistia mamãe se maquiar e buscava sobre a cama, cuidadosamente, o vestido passado que ela usaria. Naquele momento, o desânimo de viver que atormentava minha mãe durante o dia era substituído pela esperança de que, talvez, ela encontrasse um homem que pudesse salvá-la. Eu também me alegrava com essa possibilidade.

A minha mãe sempre será a minha mãe. Hoje posso amá-la sem cobranças. Todavia, na época eu ainda precisava dela. Então, à noite, na hora em que ela saía, eu era tomada por uma sensação sombria e silenciosa. Eu me sentia abandonada, mas era mais do que isso: era também possessão. Que terrível a ideia de dividi-la

com alguém. Contudo, não demorava muito e eu me animava, pois as viúvas, amigas da Helga, deixavam-me embaralhar e distribuir as cartas.

Gostaria de mastigar o passado e digeri-lo.

Mas não, isso não acontece. Pergunto-me constantemente: onde estão aquelas noites em que eu ainda era uma menina e andava para lá e para cá sobre as tábuas de madeira da sala, sentando-me no colo das viúvas? Onde está aquela menina que sentia falta da mãe e do pai, e pendurava-se na janela para chamar a atenção das velhotas que jogavam cartas esquecendo-se dela? Onde está a brisa leve que vinha do mar e refrescava o meu corpinho magro e suado? Onde está tudo aquilo? Alguma coisa terá ficado naquela casa que hoje já não é mais minha? Alguma coisa ficou e não pode ser só essa agonia no meu coração. Alguma coisa ficou, mas onde? Sei que eu era aquela menina, mas onde ela está? O que restou? Talvez se note alguma coisa daquele tempo no meu rosto. Ainda sinto o cheiro forte do spray de cabelo da vovó e escuto o barulho do salto alto de metal do sapato da minha mãe contra o ladrilho do banheiro, momentos antes das longas noites que ela passava fora. O que restou daqueles anos?

Hoje me limito a dizer não — não tenho vontade de expor o vazio.

Voltarei a falar da Helga e da forma fria, ainda que educada, como se dirigia aos criados — ela usava essa palavra para se referir a eles. Ao contrário dela, sinto-me uma exploradora por ter empregada. O que posso fazer? Fico constrangida por ter alguém me servindo, fazendo a minha comida, a minha cama, lavando as minhas calcinhas. Percebo a sutileza das palavras e dos gestos de devoção servil permeados de ódio, ciúme e inveja. E se o patrão for do sexo feminino fica ainda mais vulnerável a isso, principalmente se for uma mulher jovem e bonita, e tudo piora se ela for rica. As empregadas preferem receber ordens de homens — no fundo, em sua santa ignorância, acreditam na “inferioridade feminina”. Helga não queria

nem saber da minha opinião, dizia que eu só falava besteiras, que eu sofria de uma deformação profissional. Segundo ela, psicanalistas não batem bem.

Caso eu iniciasse uma conversa mais íntima na presença de uma das suas criadas, Helga me encarava com um olhar severo e repressor. Esse comportamento, no final da sua vida, parecia-me ainda mais absurdo, uma vez que ela havia se tornado uma velha inválida que vivia sozinha. Suas únicas companhias eram as duas empregadas, que cuidavam dela, dia e noite, com carinho e dedicação. Será que em segredo Helga fazia delas suas confidentes? É provável que sim, que as suas duas criadas tenham se tornado tão preciosas para Helga quanto Denise é para mim. Felizmente, a minha doce Denise parece gostar de trabalhar comigo. Talvez na tentativa de evitar o mal-estar e amenizar a minha culpa, eu lhe pago um bom salário, bastante acima da média, e ainda lhe permito frequentar o curso de cabeleireiro três vezes por semana na hora do jantar. Contudo, quando ela chega, tem de tirar a mesa e lavar a louça. Abomino fazer esse tipo de coisa. Ah, e quem arca com as despesas do curso de cabeleireiro sou eu, e se só tem um bife de filé-mignon na geladeira quem come é Denise, não sou eu nem a Karen. Nada mais justo.

Fiquei satisfeita por não ter atendido ao telefonema da Amanda. Ela iria reclamar dizendo que eu deveria ter ido à festa ou pelo menos avisado com antecedência que não iria, que eu era uma mal-educada, sem consideração. Mas como eu suportaria permanecer naquele tipo de festa? Imagine ficar cercada por homens barrigudos e corpulentos, com expressões de fastio e piadas sem graça, rindo, bebendo, fumando e se empanturrando de canapés, enquanto as mulheres se recusam a envelhecer contando vantagens e falando futilidades com seus rostos cobertos de uma maquiagem que não disfarça as aplicações de botox. Para aquelas mulheres, o maior medo é o estrago que o tempo lhes causa.

Olhei para minha gatinha siamesa, que estava ao meu lado e era uma anciã. Se Karen fosse humana, a sua pele já estaria toda encarquilhada, mas, no entanto, os pelos dela continuavam sedosos. Quem não a conhecia não podia imaginar quantos anos ela tinha. Uma vez a Tânia, minha amiga, colega de trabalho e antiga professora, veio me visitar e perguntou a idade da Karen. Não sei por que, mas menti, disse que Karen tinha apenas um aninho. Tânia acreditou. Será que, como todas as mulheres, eu também tenho medo de envelhecer? Como todas as mulheres e como todos os homens: os homens também têm medo de envelhecer.

Amanda tinha razão, eu era sem educação. Jamais nego ou me defendo quando o meu comportamento é criticado. Sei que a negação não passa de uma afirmativa. A lógica do inconsciente não é a lógica clássica, que se caracteriza pela contradição, pelos opostos. Se eu digo um *sim*, é porque existe um *não*. Na lógica do inconsciente, o *sim* não é o contrário do *não* e um não exclui o outro. Sabendo disso, jamais nego coisa alguma, apenas escuto.

3

Queria ser o avesso daquilo que era.

Queria espremer o vazio até a última gota.

Queria sentir, mas tudo me escapava, se não fosse por Federico nem conhecimento do meu corpo eu tomaria.

Era estranho, já que sempre fui adepta do prazer solitário. Concordo com os antigos árabes, que acreditavam que o gozo masturbatório é o mais prazeroso.

Não entendo por que a masturbação é motivo de vergonha. Mesmo uma de minhas pacientes do hospital, que tinha mania de tirar a roupa em público, corou ao me dizer que se masturbava diariamente. Em seguida me perguntou se deveria parar de fazer isso.

Comentei muito brevemente que a masturbação tem inúmeras finalidades. Por exemplo, faz a pessoa relaxar e sentir mais energia, além de tornar o sono mais profundo. Expliquei a ela que Kant era conhecido como o masturbador de Königsberg. Ele se masturbava e escrevia. Talvez por isso os seus livros sejam uma dura travessia: ele se esquecia do outro. Quando falei em Kant, ela me interrompeu, “Kant que se dane. Estou preocupada, acho que sofro de uma séria disfunção sexual porque não atinjo o orgasmo através da penetração”.

Eu tinha de ouvir muita bobagem na minha profissão, era paga para isso. Mas eu adorava ouvir histórias, segredos, intrigas, tudo que se pode e não se pode imaginar.

Acho que sempre fui um pouco bisbilhoteira, curiosa sobre a intimidade dos outros.

Todos os tipos de história me interessam, uns mais que outros. Gostava de atender um paciente que apelidei de Pirata do Caribe, um homem de cinquenta e três anos que, apesar da idade, praticava o surfe. Tinha tatuagens em várias partes do corpo, tribais e coisas do gênero, brincos, cinco pequenas argolas de prata na orelha direita e quatro na esquerda, tique nervoso, vestígios da época em que cheirava cocaína com frequência, cabelos grisalhos com as pontas queimadas de sol e água do mar. O Pirata era casado há anos e dizia amar a esposa cada vez mais, apesar de só falar de outras mulheres durante a consulta. Toda sessão era uma mulher diferente, a última era uma loira alta, gorda, opulenta, de seios fartos, entre os quais ele enfiava a cabeça e desaparecia, sentindo falta de ar, mergulhado naquela pele cor-de-rosa e *gorged* — sua amante era polonesa. “O *imiç* dela é”, dizia o Pirata do Caribe, “Majka Bialkowska. A minha polonesa tem uma *tyłek*, é assim que Majka se refere a sua bunda, deslumbrante, apoteótica. Agora, o meu grande prazer é quando chego em casa e vejo a minha mulher magrelinha e delicada. Encho-a de beijos e o meu coração exulta de

felicidade.” O Pirata do Caribe se considerava muito bem casado. Segundo ele, a esposa nem imaginava que era traída, mas também se desconfiasse preferiria que as coisas continuassem como estavam. Afinal, o meu paciente se dizia um homem generoso, amável, e afirmava ter relações sexuais frequentes com a mulher. Falava, “Eu pulo a cerca, mas mostro serviço em casa”. Em suma, como se sabe, ser infiel tornava-o mais atencioso com a esposa.

Tenho também um paciente que denominei secretamente de Choramingas — sei que essa mania que tenho de alcunhar meus pacientes é, no mínimo, pouco profissional, mas não resisto. Até a Tânia, minha amiga, que adoro, é chamada pelas costas de Tantânia — não que eu também não seja tantã. Mas, como eu dizia, o Choramingas também gostava de trair a mulher, porém o que mais lhe dava prazer era voltar chorando arrependido para os braços da esposa, que nem desejava mais, porém continuava unido a ela pelos laços do sagrado matrimônio.

4

Um estranho poderia dizer que os meus avós paternos eram mal casados, mas não eram, apesar de discutirem sem parar. Suas brigas giravam em torno de coisas banais, como no dia em que minha avó apareceu com o cabelo pintado de roxo. O cabelo dela estava ficando branco. O meu avô, aquele homem esguio de poucas palavras, que sempre adorou a teatralidade da vovó, disse que daquela vez ela tinha passado dos limites. Tentou convencê-la a pintar o cabelo de castanho, para que ficasse da cor natural, ou que pelo menos colocasse uma cor normal, preto, ruivo, loiro, mas roxo, roxo não dava, era horrível. Ficaram sem se falar por alguns dias. Quando cheguei na casa deles para jantar, eu devia ter uns seis anos, fiquei eufórica ao ver a minha avó de cabelo roxo. O meu pai, que jantava conosco naquela noite, disse, “Se for para pintar o

cabelo de alguma cor, que seja verde ou amarelo, cores da bandeira do Brasil. Ou então vermelho, cor do Partido Comunista”.

“Verde é a cor da esperança, amarelo, da amizade, e vermelho, do amor”, respondeu a minha avó. “Essas cores não são minhas. Roxo é a minha cor, roxo de desespero.”

Os momentos com os meus avós paternos me trazem recordações felizes. Adorava viajar para a casa de campo com eles. O meu avô dirigia bem devagar enquanto a minha avó, disfarçada com óculos escuros e um xale enrolado na cabeça, me contava histórias. A história que eu mais gostava se passava em Bagdá. Era sobre um homem que mandou o empregado comprar não sei o quê no mercado. Quando o empregado voltou estava lívido, e com a voz trêmula disse, “Senhor, uma pessoa esbarrou em mim no mercado e, quando olhei, era a morte. Ao me ver, ela fez um gesto ameaçador. Por favor, senhor, me empreste o seu cavalo porque eu vou fugir. Vou para Samarra. Lá a morte não irá me encontrar”. O patrão emprestou o cavalo para o empregado, que se foi o mais rápido que pôde. Depois o patrão foi ao mercado e lá, ao cruzar com a morte, perguntou, “Por que você fez aquele gesto ameaçador para o meu empregado?”. A morte respondeu, “Não fiz nenhum gesto ameaçador. Apenas levei um susto. Não esperava vê-lo aqui em Bagdá. Tenho um encontro marcado com ele, esta noite, em Samarra”.

Eu achava que aquela história tinha sido inventada pela minha avó, que dizia, “Não se pode escapar da morte, ela pega você onde quer que se esconda”. Anos depois descobri que aquela narrativa era a epígrafe de um livro.

Às vezes, vovó sentava comigo no banco de trás do carro e ficávamos folheando livros de arte, figuras coloridas que me deixavam fascinada. Quase sempre parávamos no meio do caminho para comer pastel num restaurante de estrada onde havia gatos soltos. Minha avó tinha pavor de gatos. Uma vez ela subiu na mesa

e começou a gritar porque um gato aproximou-se dela. Sem entender por que ela havia trepado na mesa e não na cadeira, perguntei o motivo quando retornamos para o carro. Vovó, muito dramática, disse, "Nunca mais sairei deste carro para ser ameaçada por esses bichos sarnentos. A partir de hoje o seu avô vai trazer o pastel no carro para mim".

Meu avô, que fazia todas as vontades dela, passou a levar o pastel no carro de bom grado. E eu, para imitar a minha avó e também para receber atenção especial do meu avô, passei a temer os gatos. De tanto repetir que tinha medo de gatos, adquiri um pavor exagerado dos felinos. A Karen, minha gata siamesa, foi um presente que só decidi aceitar para vencer esse medo que eu havia inventado. Hoje adoro gatos, são animais peludinhos que você põe no colo, coisa que não se pode fazer com um elefante, que é grande, pesado, tem a pele dura e áspera, dentes grossos, compridos e pontudos, orelhas de abano, olhos melancólicos e bunda triste. Visualizo bem o elefante porque era o meu animal preferido quando criança, eu adorava ele ser chamado de proboscídeo. Quando descobri que o elefante recebia esse nome devido a sua tromba, fiquei muito decepcionada. Pensava que proboscídeo era sinônimo de sabedoria e poderes divinatórios. Um dia fui ao jardim zoológico e perguntei ao elefante se meu nome, Isabela, era bonito, e se ele gostava do meu apelido, Bela ou Belinha. O elefante levantou a tromba, bramiu igual a uma buzina estridente, que interpretei como significando *sim*. O meu nome era bonito.

Voltando aos meus avós paternos, penso em como se tornara diferente aquele casal nos dois anos em que morei com eles durante a minha adolescência. Deve ter sido difícil para a minha avó ver o marido tão doente. Meu avô já não era aquele homem esguio e elegante, era um estranho com os mesmos olhos grandes cor de mel. Vovó lutava para continuar vivendo no seu mundo de leituras e

ideias, no qual era permitido que uma pessoa não soubesse ligar o aquecedor ou preencher um cheque.

“Isso é uma desgraça, o dinheiro”, dizia a minha avó paterna, o oposto do que Helga me ensinava. “O dinheiro é que nos obriga a viver na realidade. Não sei lidar com ele. Tive sorte de ter o meu pai e depois o meu marido cuidando de mim. É uma maravilha ser mulher se você aceita o seu papel, sem deixar-se transformar nele. Toda mulher é dividida, é uma outra e não só aquela que finge ser. Os nossos desejos e fantasias são o que temos de mais sagrado e misterioso, é ali que se esconde o nosso verdadeiro universo. Eu sou um mundo, isolada. Há momentos em que deixo que as pessoas entrem, mas elas vêm e vão, e eu fico. Sabe por que eu gosto dos livros? Sabe por que precisamos dos livros? Porque eles entram e ficam, mas só fica o que é mais precioso e necessário. Eles nunca são um excesso na nossa vida. Sei que não quer dormir nessa biblioteca, mas este é o único quarto da casa onde posso acomodar você. O seu avô está morrendo e eu... bem, eu estou cansada... e sem paciência para você. Um dia, se você deixar, os livros vão lhe fazer companhia.”

Apontando para uma parte da estante próxima à janela, me explicou: “Aqui estão os livros em inglês, aqui à esquerda os escritos em francês e espanhol, e todos aqueles do outro lado são em português. Estão organizados em ordem alfabética, pelo último nome do autor. Ficção, poesia, arte, ensaios, biografias, filosofia, história, sociologia, teatro, psicanálise, estão todos misturados. Prefiro assim”.

Será que a minha avó sabia que eu sofria? Será que percebeu os cortes nos meus braços e pulsos? Será que a minha mãe contou para ela que a sua filha havia tentado se suicidar?

Na volta do hospital, no dia em que cortei os pulsos, minha mãe disse, “Se eu soubesse que iria se tornar essa pessoa tão infeliz eu teria abortado você”.

Aquilo não me chateou. Pelo contrário, foi comovente saber que eu existia porque a minha mãe permitiu que eu nascesse. Minha avó paterna era uma mulher inteligente, talvez soubesse o que havia se passado. Eu não usava blusas sem manga e andava cheia de pulseiras. Mas isso não impedia que, de vez em quando, eu me achasse atraente.

Fui instalada na biblioteca. A minha cama foi colocada no centro daquele quarto sem paredes vazias. As minhas roupas foram penduradas num cabide de metal improvisado. Devido à doença do meu avô, os outros dois quartos vagos da casa foram transformados em uma espécie de UTI para atender às necessidades dele.

Comecei a ter uma sensação nova, como se naquele ambiente a minha existência cedesse espaço e se misturasse à existência dos livros. À medida que eu me familiarizava com eles, olhando-os, manuseando-os, cheirando-os e finalmente lendo-os, descobria-me outra. Descobria-me muitas. Lia cada vez mais, e o conhecimento parecia libertar-me das minhas obsessões e medos. Eu escapava da realidade através da leitura. Claro, tinha recaídas e muitas vezes acordava no meio da noite sentindo falta de ar. Um pânico que ainda hoje pode me assaltar, porém agora sei controlá-lo.

Durante o dia aquele quarto impunha reverência, mas à noite transformava-se num lugar irreal, onde o inimaginável habitava. Sob a luz fraca do abajur eu percorria as estantes.

“Não serei capaz de ler todos vocês”, disse a eles, girando de braços abertos no centro da biblioteca. Depois comecei a rir e me senti na companhia de todos aqueles autores e personagens.

Eu não carregava sozinha o sofrimento do mundo.

5

O escritório da minha casa estava sujo e bagunçado. Os armários e gavetas, entulhados de papéis que há tempos eu não organizava. Denise era proibida de entrar ali. Varri, passei aspirador de pó e

pano úmido nas estantes. Flores, precisava de flores, mas não fui comprá-las. Era domingo e eu ainda teria de começar a arrumar aquela papelada.

Quando anoiteceu achei que merecia um descanso, embora não tivesse terminado o trabalho — sou uma péssima organizadora de papéis.

Decidi fazer o que mais gosto: perambular entre as prateleiras da minha livraria favorita, até que um livro me chame a atenção. Então, abro-o em qualquer página, folheio-o e leio os dois primeiros parágrafos. Quando gosto, levo-o para casa, senão saio à procura de outro. Até que algo me diz, “Você tem de ser meu”. Não costumo saber exatamente por que estou levando aquele livro comigo, mas quase sempre as leituras impostas pelo acaso são descobertas essenciais para mim naquele determinado momento da minha vida. Era domingo e eu queria ser escolhida por um livro.

Chegando à livraria, fui passear entre as estantes. Deixava que os lançamentos e até os clássicos me seduzissem, por mais que fossem velhos conhecidos e eu estivesse enjoada deles. Forcei-me a folhear um livro de matemática pura, sobre as propriedades dos Algarismos e Números em Abstrato. Li algumas páginas, não entendi nada. Essa necessidade e obrigação de compreender o que lemos é um absurdo. Quanto mais entendemos, menos poéticos e mais achatados ficamos. Se havia falta de nexo, não era na matemática, era na minha cabeça.

Quando eu era pequena, a minha avó paterna sempre me levava às livrarias, mas não deixava que eu comprasse livros apropriados para a minha idade. Dizia, “Livros infantis transformam crianças saudáveis em adultos débeis mentais”. Ela sugeria que levássemos livros de arte e poesia para casa e escolhêssemos pinturas para ilustrar os poemas.

“Belinha, você tem de sentir o livro com o tato, o olfato, a visão e a audição. Todos os sentidos devem ser aguçados, exceto o paladar.”

Imitei a vovó, que cheirava, manuseava, folheava e olhava cada um dos livros com desvelo. Ela pegou um livro de arte e fechou os olhos. Abriu-o numa página, roçou-a de leve com as pontas dos dedos e foi virando algumas folhas. “Escute, papel *couché*.” Aquilo me pareceu mágica. “*Couché* alto brilho”, disse vovó já com os olhos abertos. Mostrou-me o nome do papel no colofão e explicou que ali estavam todas as informações sobre a fabricação do livro, tipografia, papel, nome do impressor, local e data.

Em seguida, colocou duas edições na minha frente. Foi naquele dia que as mulheres pintadas por Gustav Klimt e Egon Schiele entraram na minha vida.

“Qual dos dois você quer levar para casa? Klimt ou Schiele?”

“Os dois”, respondi.

6

Sinto-me como uma mulher de Schiele, mas tudo o que desejo é ser uma mulher de Klimt.

7

As segundas-feiras eram cansativas. Eu era uma das únicas psicanalistas disponíveis nesse dia da semana no hospital psiquiátrico onde trabalhava, um hospital público no subúrbio do Rio de Janeiro. Os pacientes ficavam internados, o nível socioeconômico deles era baixíssimo, a maioria analfabeta. O trabalho era extremamente difícil, tínhamos de improvisar constantemente.

Os pacientes, ao mesmo tempo que tinham acompanhamento médico, podiam conversar com os psicanalistas. Era uma espécie de comunidade terapêutica, fundada por Tânia. Logo depois que voltei de Nova York fui trabalhar nesse hospital. Não demorou muito, talvez dois ou três anos, até que Tânia me contratasse. Lidávamos com os pacientes com naturalidade. No início perguntávamos, “Por que você está aqui? Você acha que está doente? Qual é a origem da

sua doença? Você concorda com aquilo que o médico chama de doença?”. E assim, pouco a pouco, íamos entrando na intimidade deles e ajudando-os a superar o que os afligia. O objetivo dessa comunidade terapêutica era diminuir ao máximo a quantidade de medicamentos ingerida pelos internos. Isso, volta e meia, gerava problemas, porque alguns pacientes acabavam se agredindo. Às vezes ocorria de um interno atacar verbalmente ou fisicamente uma enfermeira, um médico ou um psicanalista.

Freud, no início da sua carreira como médico neurologista, trabalhou em um manicômio. Observando os pacientes, ele se perguntou: “Por que os chamam de loucos se eles são neurologicamente saudáveis? Qual é a deficiência?”. Freud, então, percebeu que não deixavam os internos se expressarem. Eles eram amordaçados, tomavam remédios e eletrochoques.

Embora a terapia eletroconvulsiva cause controvérsias e seja retratada de forma preconceituosa, errônea e horripilante no cinema e na literatura — o que, aliás, só beneficiou a indústria farmacêutica —, o eletrochoque continua sendo considerado um tratamento seguro, eficaz e indolor, que muitas vezes pode curar pessoas com esquizofrenia e catatonia. Esse procedimento também é indicado para quadros depressivos graves e contínuos, crise maníaca, bipolaridade, alguns casos de mal de Parkinson e risco de suicídio iminente, como foi o meu caso.

Quando Cornélio, meu psicanalista e psiquiatra, explicou para minha mãe que seria aconselhável eu fazer algumas sessões de eletrochoque, ela disse que aquela hipótese estava fora de cogitação, que jamais permitiria que a filha dela fosse submetida àquele tratamento para loucos, porque a filha dela não era louca.

Porém, eu não melhorava. Meses antes eu tinha tentado me matar e estava desolada por ter fracassado pela segunda vez. A situação se agravava, os remédios receitados já não faziam efeito, e as minhas noites se tornavam cada vez mais longas e agitadas. Ouvia

as turbulentas vozes que vinham da cova da minha alma. Assustava-me como se estivesse sendo esmagada pela noite escura, que escondia criaturas sinistras capazes de roubar a minha sanidade, seres que gemiam ao pé do meu ouvido. Eu contraía os músculos do corpo, temendo levantar, temendo permanecer deitada, suava frio, o meu coração batia em grande velocidade, eu não chorava, não me mexia, o pânico paralisava as minhas pernas e os meus movimentos. Era o início de um ataque de claustrofobia, que terminava com uma queda. Eu me jogava ao chão e esperneava.

“Imagine que os neurotransmissores da Isabela entraram em pane, os remédios não estão funcionando. Se a senhora é contra a terapia eletroconvulsiva, só existe uma alternativa: lobotomia”, mentiu Cornélio, para assustar a minha mãe. Ela acabou consentindo que eu recebesse o eletrochoque.

Cornélio começou a tratar de mim nessa época, por recomendação da Tânia, que era sua paciente há anos. Ele era um excelente psiquiatra e psicanalista. Considerava o que ouvia, não desclassificava, não encarava nada como supérfluo.

Fiz todos os exames prévios necessários. Era obrigatório que as minhas condições cardiovasculares, respiratórias, neurológicas e odontológicas fossem avaliadas. Os antidepressivos foram suspensos uma semana antes do início da terapia eletroconvulsiva. Devaneios eram mais reais que coisas palpáveis, e a minha luta para ter domínio sobre a situação intensificava o meu sofrimento.

Era a minha mãe que me levava para as sessões de eletrochoque no hospital. Quando eu chegava, em jejum, me colocavam na enfermaria onde as camas eram separadas por biombos. Mamãe ficava sentada ao meu lado, rígida e muda. Eu transpirava ansiosa, olhando para o teto, esperando por Cornélio, que viria me buscar para irmos até o seu consultório, onde finalmente eu poderia falar, falar, falar.

Cornélio caminhava a passos lentos e quase inaudíveis, porém eu ouvia de longe o toc, toc, toc da ponta da sua bengala contra o chão de azulejo do corredor. O que, pensando bem, é estranho, uma vez que tive, na infância, a audição prejudicada de tanto que a minha mãe limpava o meu ouvido com cotonete.

Mas o que não é estranho nessa vida? Cornélio não era manco, não tinha qualquer defeito na perna e, mesmo assim, usava uma bengala herdada do pai, que era um grande admirador do Cornélio Pena e por isso deu ao filho o nome do escritor. A bengala de Cornélio era imponente, tinha como castão a efígie de uma gárgula de bronze, muitas vezes sonhei com ela. Era uma espécie de arma de defesa, um objeto fálico, um artefato para andar com elegância. A bengala de Cornélio adquiria diferentes significados na minha imaginação. Mas a bengala era apenas mais uma das excentricidades do meu psiquiatra e psicanalista. Ele só se vestia de cinza, ternos de diferentes tonalidades de cinza. Passados alguns anos, intrigada, questionei-o sobre o assunto. Ele respondeu, “Na vida existe o branco e existe o preto, mas entre esses dois extremos existe o cinza, que não é nem branco nem preto. As pessoas tendem a se aferrar às suas ideias, traumas, experiências, afirmam que isso é branco e que aquilo é preto, porém se esquecem de que tudo é e não é. Por isso eu uso cinza, porque é o branco com a sutil essência do preto ou o preto com a sutil essência do branco”.

Depois de me dar essa explicação, fez uma pausa e prosseguiu, “Houve um tempo em que eu me vestia de preto, de luto, porque na vida estamos sempre de luto, constantemente substituindo as pessoas e as coisas por outras, ou seja, em última instância matamos e morremos. Porém, talvez porque a idade foi avançando, e ninguém fica imune à proximidade do fim, decidi afastar essa visão realista do meu vestuário. Mas, por favor, uma coisa eu lhe peço: se eu ficar religioso, como a maioria dos anciões, mande me matar ou me interne, porque perdi o juízo”.

Ao fim da consulta, eu voltava para a enfermaria, onde o anestesista me aguardava ao lado da minha mãe.

Em seguida, me levavam para uma sala e fixavam na minha cabeça dois eletrodos por onde, durante uns cinco segundos, passava uma corrente elétrica. Nem sempre eu pernoitava no hospital, mas quando acordava ganhava um pedaço de bolo, um bolo malfeito, mas até um bolo ruim é bom dependendo das circunstâncias. A única coisa que me incomodava era o protetor de plástico que colocavam na minha boca.

Ainda que houvesse riscos, tudo correu bem. Não quebrei dentes ou fraturei ossos, não vomitei nem urinei ou defiquei nas calças no momento das aplicações. Também não sofri efeitos colaterais comuns, como cefaleia, enjoo, tontura, desmaio. Apenas sentia-me ausente, fora do meu corpo, como se eu fosse capaz de me arrastar pela vida por longas distâncias, sem fazer esforço. Essa sensação durava dois ou três dias após cada sessão. No início, eu ficava muito angustiada. Na noite anterior ao procedimento, suava frio com falta de ar.

O que mais me inquietava era a possibilidade de que minha memória fosse afetada. Afinal, esse é o efeito colateral mais comum durante o período de tratamento. Mas, em geral, cessadas as aplicações, a memória volta ao normal, ainda que existam casos de amnésia lacunar que permanece por seis meses ou mais, muito mais. Por outro lado, como afirmou Nietzsche, muitas pessoas fracassam em se tornar pensadores porque a memória é demasiadamente boa. Como não amar o Nietzsche? Ele nos dá uma citação apropriada para qualquer situação. Mesmo sabendo o que o filósofo disse, fiquei preocupada com os pequenos e frequentes lapsos de memória que ocorreram na época.

Existem diversos tipos de memória: memórias muito antigas, recentes, memórias esquecidas, picotadas, desconexas, memórias ruins, desesperadas, vergonhosas e prazerosas, memórias boas e

divertidas, que nos fazem rir, existem até memórias que não são nossas, memórias de séculos passados, de anos, dias, minutos, mas essa não é a questão. A questão é: Como você trata a sua memória? Com cuidado e esmero? Ou com desleixo?

Aos poucos fui usufruindo dos resultados das sessões de eletrochoque. A depressão foi sendo controlada, eu retornei à rotina e, em seguida, reassumi a minha carreira. Foi nessa época que Tânia me chamou para trabalhar no hospital psiquiátrico, primeiro como estagiária, depois como contratada.

Ainda assim, não se pode esquecer que remédios e eletrochoque são paliativos. Medicamentos ajudam nos momentos de crise, mas não dão uma solução definitiva.

Existem pessoas saudáveis que são internadas e enlouquecem porque perdem o contato com o mundo. Qualquer um, até o mais equilibrado e sadio dos seres, irá experimentar inquietação mental extrema, proferir disparates e agir de forma desatinada se ficar fechado em um lugar por algum tempo. E quanto mais trancafiado ficar, maior será a possibilidade de delírio. É por isso que todas as famílias são disfuncionais e, até certo ponto, loucas: porque convivem fechadas em uma mesma casa.

Tenho uma analisanda no consultório que ficou casada durante anos com um homem possessivo e irascível, que não permitia que ela se relacionasse com ninguém além dele. Passado algum tempo, ela começou a ter devaneios, imaginava coisas e delirava, ficava o dia todo dentro de casa, só tinha permissão para sair acompanhada da sogra ou do próprio marido. Era o começo da loucura. A minha analisanda continua um pouco transtornada, mas se não tivesse se divorciado, estaria completamente louca. E, depois, as pessoas se surpreendem quando acontecem suicídios e assassinatos.

Um bom exemplo para o que estou dizendo é o famoso caso das irmãs Papin. Elas trabalhavam numa casa de família, dormiam no emprego e passavam os dias de folga juntas, trancadas no quarto.

Em suma, elas não saíam daquele ambiente. Foram enlouquecendo e assassinaram a patroa e a filha da patroa. Lacan apresentou esse caso na sua tese de doutorado como exemplo dos perigos do encarceramento psiquiátrico.

Já não sei por que estou falando sobre isso, mas os meus exercícios mnemônicos estão funcionando, pois ao falar das irmãs Papin me lembrei de Lacan e, conseqüentemente, de Jean Genet, que escreveu a peça *Les Bonnes*, baseada no mesmo caso.

8

“Karen, Karen”, gritei ao entrar em casa, “cadê você, Karenzita? Trouxe o seu jantar, filé-mignon fresquinho, moidinho, do jeito que você gosta.”

A minha gatinha gostava de brincar de se esconder. Encontrei-a dentro do closet, e ela me olhou com aqueles lindos olhinhos azuis, que pareciam os da minha mãe. Aliás, além dos olhos azuis, minha mãe também tem uma graça felina, é meiga e surpreende com inesperadas reações agressivas. Então eu disse, “Menina arteira”, e peguei Karen no colo. Não gostava quando ela se metia no closet, já rasgou um dos meus vestidos favoritos.

Fui até a cozinha, abri uma garrafa de vinho e jantei.

O escritório continuava uma baderna. Eu havia deixado várias coisas espalhadas pelo chão no domingo. Além da bagunça, e dos livros que se empilhavam por toda parte, havia também muita poeira. Quanta coisa inútil eu acumulava. Cadernos e mais cadernos com anotações, diários, cadernetinhas, bloquinhos, gavetas com cartas e fotografias.

Encontrei uma carta que minha avó paterna escreveu no dia em que nasci.

“Quando você chegou, já havia cansaço no caminho para os mais velhos da família. Havia tristeza e desordem no mundo, insegurança no amor dos seus pais, como no amor de todos os casais jovens.

Mas, de repente, o cansaço, a tristeza, a insegurança desapareceram. Você chegou quase no dia em que chegou Jesus. Havia ainda nos corações a alegria e a melancolia do Natal. Chegou às onze horas com o sol a pino, e muita gente emocionada, contendo o choro, e rindo no *hall* da Casa de Saúde. Havia o lindo papai, mordendo os lábios e tentando brincar. Estava toda a família, e eu era a avó mais aflita do mundo. Quando disseram 'Nasceu e é uma menina', seu pai subiu as escadas aos pulos e todos se abraçaram. E depois de algum tempo vimos você, vermelhinha, miudinha, tão frágil, tão dependente e já tão você. E lhe deram o nome de Isabela. E era lindo que achassem você linda, discutissem com quem você se parecia... e já brigassem por você. E a mamãe estava tão bonita, tão calma, tão repleta do amor e da plenitude da maternidade. E o papai beijou a mamãe de leve e deu-lhe tapinhas, acanhado, comovido, e ela olhou-o, também sem falar. Acariciou-o com os olhos, como que dizendo, 'Não é maravilhoso? Não era o que você queria?'. E o papai depois se zangou, brigou, porque estava nervoso. E eu olhava para eles, olhava para você e dizia: 'Bendito seja Deus, quanta maravilha, quanto mistério, quanta beleza, como somos todos surdos e cegos à grandeza e ao amor de Deus por nós'."

9

Antes de morrer, a minha avó paterna resolveu queimar todos os seus papéis, diários e cartas, alegando que jamais seria perdoada caso algum membro da família lesse o que ela havia escrito ao longo da vida. Disse que o único texto que preservou foi esse em que descrevia o dia do meu nascimento.

Quando ela me entregou essa folha escrita à mão, eu tinha mais de vinte anos e me emocionei tentando imaginar aquela manhã. Sempre que releio esse papel todo amassado, me coloco a pensar nessas pessoas que fazem parte da minha família. Nos meus pais

ainda jovens, talvez ainda esperançosos, creio que sim, esperançosos e arrependidos, já se detestando da maneira que só os ex-amantes podem se detestar. "E o papai depois se zangou", escreveu a minha avó. Minha mãe disse que desejou assassinar o meu pai a sangue-frio no dia em que nasci. Ele não deixou que ninguém entrasse no quarto onde ela estava. Contratou uma enfermeira mal-encarada, de mãos grossas e cabelo muito crespo, para cuidar da minha mãe. E mamãe disse que, se não tinha leite para me amamentar, o culpado era ele.

Nada era diferente: meu pai, o eterno alcoólatra criador de problemas; minha mãe, a falsa vítima que culpa os outros pelas suas infelicidades. Mesmo assim, me surpreendi com a maneira como vovó descreveu aquele dia, as palavras que utilizou, o carinho com que falou da minha mãe e a sua afirmativa de acreditar no amor de Deus. Logo ela, que se dizia ateia e que fora forçada a apelar para Freud porque Deus nunca foi socorrê-la. Quem me apresentou Freud foi ela. Quase sempre aquelas pessoas que mais fundo entram na nossa vida mais misteriosas se tornam.

No fim da vida, minha avó paterna, que fora uma mulher muito rica, estava morando num quarto e sala, único bem que lhe restou. Nem os livros raros que ela tanto amava existiam mais. Muitos foram vendidos, outros tiveram algum destino desconhecido durante as mudanças para apartamentos cada vez menores. Depois que o marido dela adoeceu, o meu pai assumiu os negócios da família. Porém, papai não sabia lidar com dinheiro, nunca tinha trabalhado, e se perguntassem a ele o que fazia, respondia, "Sou herdeiro", ou então falava que veio ao mundo a passeio. Abriu alguns negócios, como uma livraria, um restaurante, uma loja de tapetes (em certa ocasião trocou um tapete por duas ovelhas), uma concessionária, todos com o dinheiro dos pais e em todos, sem exceção, ele faliu ou foi roubado pelos sócios. Na juventude, foi jogador de futebol de um time de terceira divisão e, quando morou em Londres, foi modelo e

manequim, desfilou para grandes marcas, e é um mistério que não tenha aprendido a falar inglês com fluência. “Depois de alguns drinques falo qualquer idioma, japonês, mandarim, russo, tcheco”, dizia ele, que fora um homem alto, magro, muito bonito. Cortava o coração vê-lo corpulento, vermelho, barbado e mal-ajambrado no fim da vida. Foi também garçom, taxista e pescador, comprou um barco de pesca, e pouco antes de morrer foi, por poucos meses, representante de uma distribuidora de cachaça. Ele era um burguês aventureiro e não um trabalhador, como falsamente se definia nos bares para os amigos comunistas. Na presença desses amigos, ele não fazia piadas dizendo que a sua profissão era herdeiro ou que viera ao mundo para se divertir.

O meu avô paterno demorou muitos anos para morrer. Adoeceu quando eu ainda era uma criança e só foi falecer no fim da minha adolescência. Durante esse período, meu pai foi gastando o dinheiro das aplicações, vendendo diversos imóveis. Em seguida, quando o meu avô já havia falecido, foi-se o resto dos imóveis, inclusive a casa de campo. Depois foram-se as joias de família, as obras de arte, tapetes, antiguidades e, por último, os móveis. Para se defender minha avó se distanciava, deixou de ver as amigas, de frequentar o clube, almoços e jantares. Escapava da humilhação através do isolamento.

Não me recordo de ter conversado com ela nos últimos anos, não reconhecia aquela mulher que permanecia sentada em frente a uma televisão ligada num canal sem estação onde tudo que se via era um chuvisco, além do ruído da estática. Ela tinha sempre um livro nas mãos, o qual não lia. Já não atendia às minhas ligações. E eu, não suportando presenciar aquele enclausuramento imposto pela vergonha, fui deixando de procurá-la.

No dia do enterro da minha avó, o meu pai estava bêbado e transtornado. Sabia que não conseguiria sobreviver, continuava sem

emprego, fingindo que trabalhava. Era um herdeiro sem herança e, agora, não teria mais a pensão da mãe.

Os fatos estão sempre ali, na nossa frente, mas muitas vezes só somos capazes de compreendê-los anos depois.

Papai morreu poucos meses após a morte da sua mãe. No final, moravam juntos em um quarto e sala em Copacabana. Meu pai passava o dia fora, bebendo em botequins de quinta categoria, mas à noite voltava para ficar ao lado da mãe. Somente mais tarde, depois do falecimento do meu pai, pude começar a entender que eu jamais teria acesso à loucura que os unia, o único bem que possuíam. Sem perceberem, eles haviam se tornado um o escravo e o carrasco do outro.

Agora compreendo por que temia me aproximar do meu pai e dessa avó paterna que eu tanto amava. Não queria me transformar em um deles. A vovó era uma mulher sensível, inteligente e louca; e o papai era um homem sagaz, engraçado e tão inteligente e louco quanto a mãe. Quem os conhecia admirava-lhes a personalidade forte, viva, incansável. Era gostoso estar com eles. Porém, eram irresponsáveis, não se preocupavam em cuidar de mim. Mas também, "Depois dos dez anos ninguém mais é criança", dizia a minha avó.

Ela tinha razão, e no entanto o filho dela nunca deixou de ser criança, e ela preferia assim. Entre eles eu estava só, completamente só.

Não queria ser o meu pai, não queria ser a minha avó paterna, não queria ser a minha mãe, não queria ser Helga, queria ser eu e algumas vezes fui, sou, o mundo sou eu, mas nem sempre, nem sempre.

10

Quando fui morar sozinha, só tive coragem de convidar meu pai para me visitar um ano depois. Primeiro precisei me instalar

adequadamente no apartamento e me habituar com aquela conquista. Era necessário encarar aquilo como algo concreto, que não pudesse escapar, para que eu não me sentisse ameaçada pelo mau agouro que imaginava vir do meu pai. Enquanto o apartamento estava em obras, coisa que durou cerca de um ano, pois eu não tinha dinheiro suficiente para arrumá-lo de uma só vez, não disse nada ao papai. Fingia que ainda morava na casa da minha mãe.

Minha mãe, que nunca perdoou o meu pai por ser um estroina alcoólatra, alimentava o ódio que eu sentia por ele.

Não esqueço a emoção que senti ao arrumar o meu primeiro apartamento, escolher a cor da tinta da parede do quarto, da sala, pagar em prestações o sofá e a geladeira, trocar as tomadas e os interruptores de luz, encomendar as cortinas depois de passar meses com cartolina preta colada no vidro do quarto para não despertar com a claridade. Mudava os móveis de lugar, reorganizava os livros, as roupas, tirava o pó das prateleiras, encerava o chão e não me incomodava que a vista da janela fosse a parede branca e suja do prédio vizinho.

Então, chegou o momento em que finalmente aquele apartamento tornou-se totalmente meu, não havia mais nada para arrumar. Eu já constituíra hábitos ali dentro, sabia onde tudo se encontrava, deixava que as coisas ficassem desorganizadas e não zelava tanto pelos estofados. Era normal ter aquela casa. Foi aí, quando já não dava tanto valor àquele apartamento, que convidei meu pai para jantar.

No começo papai estava animado em conhecer o lugar onde eu morava. Depois de algumas doses de vodca e de uma macarronada com vinho tinto, ele ficou mudo. Observava tudo. Era um apartamento pequeno e simpático. O meu pai andava de um lado para o outro. Parecia analisar os móveis, as cortinas, os livros nas estantes e a filha. Em seguida, voltava a se sentar e me fitava. Sem perceber, ele quase enfiava o dedo indicador dentro do próprio olho

enquanto apoiava o rosto na mão. O seu olho se deformava. Aquele olho que herdei. Ele sabia que o que eu mais temia era ser como ele. Assim, para massacrar-me, repetia, "Você é igual a mim, você é sangue do meu sangue, você é minha filha".

Papai nunca fez um gesto agressivo, jamais encostou um dedo em mim, mas me torturava com palavras, sabia que aquela era a melhor e mais cruel forma de atormentar alguém.

Ainda posso escutar a voz do meu pai dizendo, como num pesadelo, "Você é sangue do meu sangue". Naquele dia senti prazer em mostrar para o meu pai que, ao contrário dele, eu progredia. Vi a frustração em seus olhos. "Estou livre de você", pensei, enquanto o observava sentado no *meu* sofá. Quando ele foi embora e fiquei sozinha, senti pena dele.

Por que sentia tanta raiva dele? A minha mãe falava mal do meu pai e ela era a pessoa que eu mais amava, ainda que esse amor fosse insuportável. Eu e ela éramos uma, era assim que ela queria, e eu aceitava, depois a repudiava, e aos poucos fui deixando de desejar que ela morresse. Eu a amava e não podia admitir que meu pai falasse mal da minha mãe. Olhar meu pai me incomodava. O jeito, a voz e principalmente o escrutínio dos seus olhos brilhantes e nervosos. Durante muitos anos tentei encontrar uma explicação para isso, tentei racionalizar todos aqueles sentimentos para poder me livrar da hostilidade permanente que a sua pessoa me inspirava. Tudo no meu pai me encolerizava: sua maneira de apoiar o rosto na mão, como cruzava as pernas ao sentar, como mastigava, segurava o copo, batucava na mesa, até o seu jeito articulado de falar me irritava.

Mas não era apenas isso. Sempre que ele se aproximava para me cumprimentar, fosse com um beijo ou um abraço, eu me retraía. Não gostava de ter qualquer contato físico com ele.

Não sei dizer a data exata, o dia em que consegui me libertar desse ódio, mas esse momento chegou inesperadamente depois de

muitos anos de tentativas. Nesse dia encontrei-o e nada senti, percebi que meu pai estava finalmente morto dentro de mim. Só restava a indiferença, e aquela descoberta me deixou ainda mais triste. Todavia, nada mais poderia ser feito — quando matamos alguém dentro de nós, é impossível trazê-lo novamente à vida.

Quando papai faleceu encomendei uma coroa de flores, não porque desejasse prestar-lhe uma última homenagem ou um último gesto de carinho, mas porque era algo que devia ser feito. Fiz por educação.

Fiquei observando-o dentro do caixão. Imóvel, frio e sem vida. O pai já não existia. A pele avermelhada pelo álcool estava cinzenta. Ele não era ele com os olhos fechados. Onde estavam aqueles olhos irados que me causavam tanto desassossego?

Por um instante parei de me preocupar com a minha pessoa, abandonei a minha posição de filha e, pela primeira vez, pude ver o meu pai como um homem. Todo o ódio, a pena e a indiferença que um dia senti por ele tornaram-se insignificantes. Inclinei-me sobre aquele corpo estendido no caixão, tive vontade de dizer algo, mas não ousei. Apenas lhe dei um beijo.

11

Cedo pela manhã, fui caminhando para o consultório, que ficava a cinco quadras da minha casa.

Quando cheguei, encontrei Federico abatido, sentado na minha sala. Perguntei-lhe o que estava fazendo ali. Respondeu que o seu paciente havia faltado e que ele estava se sentindo muito triste e sozinho na sala dele. Notei que a psoríase voltava a se alastrar por seus cotovelos. Como ainda havia tempo, meu analisando só chegaria dentro de meia hora, tentei animar Federico pedindo que me contasse sobre o fim de semana na fazenda do Diogo.

Federico me fitou sem dizer uma palavra. Mesmo infeliz ele era lindo, tão encantador como quando falava sem parar, gesticulando

os braços e produzindo expressões teatrais que me faziam rir. Era fascinante ouvi-lo narrar qualquer bobagem, pequenas coisas que a maioria das pessoas considera triviais. Num passeio pela rua, ele observava tudo ao redor, a paisagem, os transeuntes, reparava naqueles que estavam sentados num café, num banco de praça, ou de pé no ponto de ônibus. Ele ficava imaginando quem eram aquelas pessoas, o que faziam, o que pensavam, onde trabalhavam, se eram casadas ou solteiras, onde moravam, se estavam esperando alguém. Suas histórias sempre tinham um ponto de vista bem-humorado e irônico. O jeito como ele narrava os acontecimentos lembrava o meu pai, que, como ele, conseguia se divertir até durante os momentos mais trágicos — assaltos à mão armada, terremotos, enchentes, acidentes, carros enguiçados, o que fosse.

Entretanto, naquele dia, Federico permaneceu imóvel com a cabeça baixa, mirando o rodapé. Era como se eu não estivesse ali, nem um sorriso ele deu. Observei-o como sempre faço, porém com mais atenção, e não consegui ver nada, nada além de um olhar perdido. Abracei-o e ele disse, “Eu não devia ter ido para a fazenda do Diogo. Milene estava lá”.

Diogo era da tradicional família carioca Sampaio de Almeida, e Milene era a sua esposa. Eu o conhecia pouco, mas nos últimos meses a sua amizade com Federico havia se estreitado, e ele vinha muito ao nosso consultório. Estava sempre vestido de forma impecável. Suas roupas eram extremamente bem passadas, nunca vi qualquer vinco ou amassado — enquanto eu, a qualquer hora do dia, estou amarrotada. Quando vou pegar algo para vestir, quase sempre derrubo os cabides que estão ao lado do que eu quero, pois as roupas, principalmente as camisetas de alça fina, engancham nos cabides próximos e ao puxar um puxo outro junto, e eles caem e eu não penduro nada de volta. Ao abrir uma gaveta para apanhar uma camisa de malha fico na dúvida sobre qual escolher, vou tirando várias e experimentando, ao fim opto por uma e jogo todas as

outras amontoadas na gaveta. Até meus sapatos somem sem eu perceber. Às vezes, coloco os chinelos ao lado da cama antes de dormir, mas quando acordo não os encontro. Por isso, ver Diogo todo engomadinho, exalando uma fragrância doce e dispendiosa, que impregnava a nossa pequena sala de espera, me perturbava. Fazia eu me sentir uma desleixada. Ele carregava várias canetas no bolso e jamais o vi com uma camisa manchada de tinta. Apesar da quantidade de canetas, Diogo nunca usou qualquer uma delas na minha presença, ele nem ao menos possuía um caderninho de notas.

Numa ocasião, não resisti e perguntei por que ele carregava tantas canetas no bolso. Respondeu que gostava de canetas. Mostrou-me cada uma delas: uma Montblanc com detalhes em ouro, uma Bic ordinária, uma lapiseira de metal e outra cuja procedência ele não soube identificar. Intrigado, tirou-a do bolso e ficou examinando-a. Franziu as sobrancelhas loiras e, piscando os olhos azuis com um ar querubínico, girou a caneta na mão observando as extremidades. Ele era baixinho e arredondado, porém eu não poderia descrevê-lo como um homem gordo. Na verdade, parecia um bebê crescido. Continuou inspecionando minuciosamente a caneta até que disse, "Pilot G dois, zero ponto sete. Não sei de onde vem isso, mas não importa, o que interessa é que me sinto bem com essas canetas no bolso. Tem gente que, como você, se sente bem usando um cordão com medalhinhas para se proteger de mau-olhado. O que você tem aí?".

"Uma santinha da Nossa Senhora, uma chamsa e uma figa."

Pensei bem e calei-me. Ele tinha razão. Lembro-me de ter anotado mentalmente que, no próximo aniversário de Diogo, eu lhe daria uma caneta.

Como já mencionei, não tínhamos intimidade, mas simpatizávamos um com o outro. Diogo era muito gentil e educado, falava tão pausadamente que, quando lhe fui apresentada, pensei

que fosse gago e estivesse tentando disfarçar a gagueira. Era conhecido por ser um grande entendedor de literatura francesa, Proust em particular. Falava inglês, francês, italiano e espanhol fluentemente. Além disso, arranhava um pouco de alemão. Ele alegava que isso era natural, uma vez que seu pai fora diplomata. Já Milene, sua mulher, com quem Federico não se dava bem, era de família simples e, apesar de estar casada com Diogo há anos, ainda não tinha conseguido aprender a ter classe e elegância. Amanda, que sabia de todas as fofocas e exagerava tudo o que ouvia, me contou que Milene havia sido amante do professor de tênis, que volta e meia se envolvia com homens jovens de nível social inferior. Federico, que como eu não se interessava por fofocas, nunca comentou nada a esse respeito, mas falou que Milene ficava insuportável quando bebia. Certa vez, durante um jantar, ela disse: "Da mesma forma que existem pessoas que sofrem de enxaqueca, eu sofro de borborigmo, um ruído surdo e rouco causado pelos gases que se movimentam no interior do meu corpo. Quando expelidos pela parte superior do organismo, eles se transformam em eructações, assim", e Milene deu um arroto tonitruante. "Quando expelidos pela parte inferior do organismo, eles se transformam em flatulências, assim", e Milene deu um retumbante peido. Federico disse que perguntara ironicamente, "Eructações?". Ela respondeu, "Odeio palavras vulgares. Está vendo, Diogo? Você não desperdiçou o seu dinheiro ao me pagar aquele curso de cultura geral".

Federico ficava inconformado com a resignação de Diogo, que não reagia àquelas provocações da mulher.

12

No fim do dia, depois que meu último analisando saiu, abri as persianas do meu consultório. Como as luzes estavam acesas e já era noite lá fora, o vidro funcionava como um espelho. Deparei com o meu reflexo no vidro da janela. Um rosto pálido emoldurado por

cabelos pretos, mãos magras, compridas e crispadas. Eu parecia ser ela, a Menina de Cabelo Negro Nua em Pé, pintada por Egon Schiele. Não, não era ela, era uma das mulheres do Gustav Klimt. “Quem é você? Baronesa Elisabeth Bachofen-Echt, é você?”

Nunca entendi por que eu me confundia com a Baronesa Elisabeth Bachofen-Echt, ela não se parecia comigo, também não era uma daquelas lindas mulheres pintadas por Klimt. Se comparada às outras, a Baronesa era até sem graça. O que resta da Baronesa Elisabeth Bachofen-Echt se pensarmos nos olhos semicerrados, insinuantes e ameaçadores da Judith I de Klimt? Olhos orgásticos, que desafiam aqueles que os encaram, que têm a superioridade de duvidar de tudo que veem e sentem. O que resta da Baronesa se pensarmos na luminosidade da pele da Judith I? Cútis dourada, mais preciosa que as joias que a adornam. Lábios vermelhos e carnudos, voluptuosos. Roupa entreaberta que revela um seio pequeno, digno de ser adorado. Sorriso sereno e mão delicada, que segura com firmeza a cabeça de Holofernes, que ela mesma decapitou. O que resta da Baronesa Elisabeth Bachofen-Echt se comparada a Judith I de Klimt? Nada.

Na verdade eu sei por que me identificava com a Baronesa Elisabeth Bachofen-Echt e não com a Judith I. Elisabeth se vestia de branco, branco é a cor da pureza, e nunca perdi por completo a minha inocência. E Elisabeth era ainda baronesa e sempre, desde criancinha, quis ser uma aristocrata. O nobre tem privilégios. Se ele não quer dizer bom-dia, não tem de fazer isso. Apenas a classe média é obrigada a tanto. Sempre detestei ter de ficar dizendo bom-dia aos outros. Outro privilégio do aristocrata é que não importa se ele tem dinheiro ou não, ele é aceito de qualquer maneira. Diferente da classe média, que paga juros para comprar carro do ano e coisas de grife para se exibir e ser aceita. Mas o que me interessa é a aristocracia de espírito, a única arma contra a mentira. O aristocrata

de alma é o único ser que tem como referência o absoluto, o desconhecido radical, o menos provável.

Permaneci parada, olhando o meu reflexo no vidro e desejando. Eu era eu. Não era a Baronesa. Não era a Menina de Cabelo Negro Nua em Pé.

A simples possibilidade de desejar me satisfez. Pareceu-me que por um instante — um mísero instante — saciei o desejo de extinção. Sorri e pensei em Freud, no *Além do princípio de prazer*, em que explicou que o desejo é sempre desejo de morte, ou seja, o que cada um de nós deseja em última instância é parar de desejar. No entanto, eu perguntaria ao Doutor, desejar não mais desejar não seria ainda desejar?

13

Já em casa, deitada na cama, não consegui dormir. Ouvi os miados da Karen, eu a deixara para fora do quarto. Levantei, abri a porta, peguei-a no colo e fui até a sala.

Preparei um drinque, acendi um cigarro. Como acontece sempre que me sinto tensa, fumei um atrás do outro. Fumar estava me deixando ainda mais nervosa — ou estaria ficando mais nervosa porque olhava para uma foto minha de quando tinha cinco anos? O que aquela fotografia estava fazendo ali, em um porta-retratos? Toquei a moldura daquele objeto com desconfiança, como se duvidando que aquela garotinha loira da foto fosse eu.

Naquela fotografia existia um sorriso que eu não era capaz de reconhecer como meu. Eu usava uma pulseirinha de ouro e outra ordinária, de miçangas coloridas. Meu queixo estava levemente inclinado para cima e meus olhos quase se fechavam, devido a um sorriso de felicidade que hoje desconheço. Saudade, eu a sentia, ainda que não recordasse como era não ter esse buraco que se cavou em mim com o passar do tempo. Tentei parar de pensar. Contudo, o meu ponto fraco era justamente ficar parafusando.

Analisei a fotografia com perplexidade, por mais que reconhecesse a espaçosa e antiga casa onde minha avó paterna morava. Na foto, apareço sentada numa poltrona azul; ao fundo se veem santos barrocos, alguns sobre a cômoda e outros presos na parede. Fora de foco, no canto esquerdo do retrato, se vê o perfil da minha mãe, que me contempla com um sorriso que mais pude imaginar do que ver. O meu pai não estava presente naquele dia; na verdade, eu nunca sabia por onde ele andava. Não consegui me lembrar da sua presença física durante a minha infância. Mesmo assim, a sua pessoa se mostrou sem rosto na minha imaginação, me invadiu, uma figura ausente e ao mesmo tempo presente, alguém que existia mas que eu não podia tocar, que existia mas não me via, alguém que deveria me proteger mas não me protegia, alguém que teria para sempre uma dívida impagável comigo, ainda que estivesse debaixo da terra.

Fui até a cozinha, peguei uma faca, um prato e duas maçãs. Descorticar frutas, legumes, grãos, o que seja, é terapêutico. Quando me sinto estressada e temo perder o controle, descasco algo e foi o que fiz: comecei com a primeira maçã. Como não sou habilidosa manualmente vez por outra corto o dedo. Procurei tirar a casca sem desperdiçar a maçã. Via lascas caírem sobre o prato, mas ainda assim, apesar de todo o esforço para me concentrar, lembrava do olhar triste e perdido de Federico e da psoríase que voltava a se alastrar pelo seu cotovelo. Larguei a faca sobre a mesa. Peguei uma pera. É sempre mais difícil descascar uma pera que uma maçã.

14

Durante o café da manhã, Denise perguntou o que deveria preparar para minha mãe, que viria jantar comigo. Um peixe, uma carne, massa? Que tal um risoto? Ela insistia em me questionar sobre assuntos domésticos, mesmo sabendo que a minha resposta era sempre a mesma: “Você decide”.

Quando cheguei em casa, de volta do hospital psiquiátrico, minha mãe já me aguardava. Havia trazido lindas tulipas e as arrumava num jarro de cristal. Enquanto eu a observava dispor cuidadosamente as flores no vaso e dar ordens para Denise de como deveria ser preparado o molho da carne assada, pensei: por que minha mãe não fez um bom casamento? Ela seria a esposa ideal para qualquer burguês. Era tão graciosa quando se ocupava das tarefas caseiras, fazia tudo parecer tão simples... Para mulheres como ela, não ter um marido fazia muita falta.

Abracei mamãe, puxei-a pelo braço para a sala de estar.

Ao longo dos meus dez primeiros anos de vida, minha mãe gritava muito comigo e me batia, não com força, mas com raiva, o que fazia a palmada doer ainda mais. Um dia, eu devia ter sete, talvez oito anos, fui malcriada com um dos namorados dela. Estávamos as duas dentro do Mercedes conversível desse namorado, cujo nome esqueci, indo para algum lugar que hoje também não consigo lembrar. O namorado e a mamãe discutiam aos berros. Eu o xinguei e lhe dei um tapa na cabeça, do banco de trás, tentando defender a minha mãe. O carro parou. Mamãe me pegou pelo braço e saltamos em plena Avenida Atlântica. O carro acelerou e sumiu. Continuamos paradas no meio da rua, ela me segurando pela mão. Alguém de dentro de um automóvel que passava gritou, "Cuidado com a criança". Atravessamos para a calçada. O mar estava agitado, ameaçava chover. Estávamos no início de Copacabana, quase no Leme. Lembro que mamãe me bateu. Puxou o meu cabelo e cravou as unhas no meu braço. Me encolhi com medo de apanhar mais. Ela se agachou, ficando quase da minha altura. Agarrou-me nos dois braços. Fincou seus olhos azuis nos meus. Permaneci quieta, olhando para ela. Ela me pegou pela mão. Caminhamos em silêncio até o ponto de ônibus. Notei que havia marcas das suas unhas nos meus braços.

Eu sabia que mamãe se envergonhava por não ter carro, não ter casa, não ter ninguém, nem ela mesma. Quando nos sentamos no banco do ônibus ouvi os seus soluços abafados, quase imperceptíveis, a sua pele branca estava vermelha. Ela me abraçou, pediu desculpas.

De noite eu me deitava ao seu lado, e ela dizia, “Belinha, não respira em cima de mim”. Eu virava o rosto. Por isso eu não gostava quando Karen encostava o focinho no meu pescoço, imitava minha mãe.

Quando eu estava quase dormindo em frente à televisão, mamãe me carregava para o quarto e fazia carinho com as pontas dos dedos na minha face. Sentia-me protegida e adormecia tranquila por tê-la ao meu lado até o fim.

Pensava: mamãe e eu somos uma. Se ela chorasse, eu também chorava sem precisar saber o motivo. Às vezes ela chorava escondida no quarto. Caso eu entrasse, fingia que não estava chorando, mas eu sabia que mentia. Desejava vê-la feliz. Porém, não sabia como fazer isso. Abraçava a minha mãe e pensava, não posso morrer, ela precisa de mim.

Eu era a filha e me sentia responsável por aquela infeliz que era a minha mãe. Muito jovem, ainda criança, decidi que não queria ter filhos. Mas eu seria uma boa mãe, visto que levantava no meio da noite para levar as minhas bonecas para fazer xixi — aproveitava e fazia também.

15

Eu me sentia um pouco desengonçada, como se estivesse fora dos engonços, com as dobradiças enferrujadas.

Contei para mamãe sobre a minha preocupação com Federico, que andava sumido.

“Será que estou fantasiando?”, foi o que me perguntei quando me encontrei sozinha na sala, tarde da noite, depois que minha mãe foi

embora.

Fazia algum tempo que eu não sonhava acordada, e espantei-me ao perceber que me imaginava ao lado de Federico. Por onde andava Federico, que me fazia falta, tanta falta que eu temia reclamar com ele? Não consegui dormir. Maldita insônia.

Acendi um cigarro. O céu escuro, um preto gasto, penetrava pelas janelas. Karen dormitava no sofá e eu sentia. Nem a certeza de que tudo se transformava fugindo do meu controle me amedrontou.

O sol foi surgindo e eu o vi antes de qualquer um.

16

No momento em que eu me preparava para ir embora do consultório, a campainha tocou. Fui atender, mas Federico, que ainda estava no consultório, foi mais rápido que eu. Quando saí da minha sala, encontrei-o com o Pirata do Caribe, que ao me ver disse, "A Majka está morta, morta".

"Calma, vamos entrar. O que houve?"

O Pirata do Caribe não quis se sentar, transpirava. Com uma voz entrecortada, me contou que estava no apartamento da sua amante polonesa, que ela estava muito bem, linda e voluptuosa como sempre, toda desejo e paixão, ele com a cabeça mergulhada nos seus fartos seios cor-de-rosa, por cima dela, ela gemia puxando-o pelos cabelos, de repente ela deu um suspiro, um longo suspiro e parou, as suas mãos, que seguravam-lhe os cabelos com força, ficaram inertes. "Majka, Majka", ele chamou por ela, "Majka." Ela não se mexia, não respirava. Ele sentiu o pulso dela para ter certeza. O Pirata do Caribe sabia, mas não querendo acreditar insistiu, sacudiu-a e lhe deu alguns tapas na cara.

"A Majka está morta. Larguei-a lá, sozinha, nua na cama, e vim para cá. Não sei o que fazer. Ela não tem parentes no Brasil e a minha mulher está me esperando para o jantar."

Prossiguiu, confuso, explicando-me que havia pensado em ligar para a polícia, mas a polícia iria levá-la para o médico-legal, e Majka acabaria numa cova de indigentes ou retalhada para servir de estudo nas escolas de medicina. Repetiu que não sabia como agir, que a sua esposa não podia saber sobre sua amante, que ele precisava chegar em casa a tempo do jantar e já eram oito e meia da noite. Agarrando-se a mim, pediu — eu poderia até dizer que implorou — para eu ir até o apartamento da polonesa, vesti-la, conseguir um atestado de óbito e providenciar o funeral. O resto, me garantiu, ele resolveria no dia seguinte. Na mesma hora se prontificou a me dar um cheque para arcar com as despesas. Eu disse para acertarmos as contas depois, que o melhor a fazer era ele ir para casa, para chegar a tempo de jantar com a mulher. Creio que falei para acalmá-lo, “Não foi nada, essas coisas acontecem, esquece isso”. Às vezes falo coisas sem cabimento quando não sei mais o que dizer.

O Pirata do Caribe me entregou a chave do apartamento de Majka junto com o endereço, que anotou em um pedaço de papel. Depois de me agradecer, foi embora.

Chamei Federico e contei o ocorrido. Ele era médico e poderia me ajudar fazendo o atestado de óbito.

“O que é isso, Isabela? Você não tem nada a ver com isso. Vai enterrar a amante desse indivíduo?”

“Vou.”

“Desculpe, mas não vou participar disso.”

“Então eu vou sozinha. Arranjo outro médico para me dar o atestado de óbito.”

Peguei a bolsa e saí da sala.

“Está bem, espera aí, eu vou com você”, disse Federico.

O apartamento de Majka era bem pequeno, tinha poucos móveis, nenhum objeto decorativo. Devia ser um imóvel alugado por

temporada. A cozinha, que pude ver da sala, era cheia de potinhos de vidro com diferentes tipos de guloseimas, balas coloridas, biscoitos, castanhas e frutas secas.

Federico não quis me acompanhar até o quarto, disse que esperaria por mim na sala, que não gostava de ver gente morta. Enquanto isso, prepararia o atestado de óbito e entraria em contato com a funerária.

Há quanto tempo eu não via a face da morte?

Senti um calafrio e, ao mesmo tempo, uma irresistível atração por aquele mistério insondável. Não era uma mulher opulenta e loira que estava ali, mas algo inefável, que ocupava o quarto inteiro com sua presença invisível.

Meus olhos fixaram-se nos seios volumosos da morta, onde o Pirata do Caribe mergulhava a cabeça, sentindo falta de ar. Os seios eram ainda maiores do que eu imaginava. E Majka toda parecia uma gigantesca boneca inflável de plástico. Tinha mais de um metro e oitenta de altura e seu cabelo era loiro, muito loiro, amarelo.

Aproximei-me dela. Sentei na beirada da cama e examinei a raiz do seu cabelo, fiquei na dúvida se ela tingia ou não, depois abri um dos seus olhos para ver se eram azuis. Eram azuis.

Tudo na polonesa inspirava vida, mas ela estava morta. Morreu assim, sem mais nem menos, suspirou e puft, se foi, deixando de existir. Talvez ainda fosse existir na lembrança do Pirata do Caribe ou de algum outro. Talvez a mãe, se ela tinha mãe, fosse pensar nela, ou uma irmã, ou quem sabe até mesmo eu.

Fiquei ali parada. Será que, depois, Federico gostaria de sair para jantar comigo?

Vi uma calcinha preta jogada no chão, não havia nada fora do lugar, apenas aquela lingerie rendada preta. Majka devia estar apenas de calcinha, com os monumentais seios à mostra, quando o Pirata do Caribe chegou. Coloquei a mão no seio direito da morta, as

duas mãos, e ainda assim não fui capaz de segurá-lo por inteiro, devia pesar mais de cinco quilos.

Achei melhor pegar uma calcinha limpa e não aquela que estava jogada no chão.

Fui até o armário. Escolhi uma calcinha e um sutiã, ambos pretos.

“Você prefere calça ou saia?”, perguntei para a morta, “Ah, saia, eu também. Concordo com você.”

Peguei um vestido de seda florido e outro mais sóbrio, azul-marinho, e mostrei para ela. “Você gosta deste? Ou deste? Nenhum dos dois.”

Fui tirando os vestidos e as saias do armário um por um e não conseguia chegar a uma conclusão. Meu gosto era bastante diferente do dela. Na minha opinião, Majka era cafona.

Chamei Federico para me ajudar, mas ele se recusou a entrar no quarto. Então, levei até a sala alguns vestidos e pedi que ele escolhesse. Federico não gostou de nenhum.

Voltei para o quarto e perguntei, mais uma vez, para a morta, “Você prefere calça ou saia?”.

“Calça? Ah, desculpe, eu tinha entendido errado.”

Peguei uma calça preta e uma camisa social de seda.

Vestir aquela gigantesca boneca polonesa me deu muito trabalho, sem falar que ela estragou os meus planos de jantar com Federico, por culpa dela tive uma pequena discussão com ele. Também, o que custava ele me ajudar a vesti-la?

17

Passei o dia seguinte cansada — tentava transformar devaneios em algo útil. O fantasma da gigantesca boneca polonesa parecia me rondar.

Saí do hospital o mais cedo que pude. Ainda teria de passar no caixa eletrônico e apanhar dinheiro para pagar a mensalidade do curso da Denise, que já tinha se formado como esteticista e

estudava para ser cabeleireira. Seu sonho era ter um salão de beleza, nada mais justo que ajudá-la a realizar esse desejo, ainda que a ideia de não tê-la mais trabalhando para mim me afligisse.

Ao chegar em casa, disse para Denise pegar o dinheiro na minha bolsa e preparar um uísque com soda para eu tomar quando saísse do banho. Tomei uma ducha rápida, coloquei o roupão e chamei a Denise, que depois de me entregar a bebida desembaraçou o meu cabelo molhado. Em seguida, separou-o em seções na nuca, nas laterais e na parte superior da cabeça com prendedores coloridos. Pedi que simplesmente secasse.

“Nada disso. Tenho de dividir o seu cabelo assim, senão o resultado não será o mesmo. Prometo que vai ser rápido. Dona Isabela, quero deixar a senhora linda, já faz tempo que a senhora não se arruma para sair. Só gosta de ficar em casa com a cara enfiada nos livros, trabalhando calmamente enquanto a vida passa lá fora.”

Trabalhando calmamente? O meu trabalho não tinha nada de calmo. As minhas pacientes desejavam ser tudo ao mesmo tempo e, por isso, viviam insatisfeitas. Queriam ser Lady Godiva, queriam ser poderosas, queriam ser famosas, queriam ser ricas, queriam ser inteligentes, queriam ser magras — tinha uma obesa de vinte anos que culpava os pais pelo seu excesso de peso dizendo que, quando viajava e ficava longe da família, podia comer cachorro-quente, hambúrguer, batata frita, chocolate, sorvete, biscoito, pão com manteiga e, mesmo assim, emagrecia. Contudo, quando estava na casa dos pais, engordava bebendo água mineral. Depois duvidam de mim quando digo que está tudo na cabeça. As pacientes sonhavam, também, em ser convidadas para posar na *Playboy*, em se tornar primeira-dama e escrever um *best-seller*. E os homens? Ah, os homens, esses já não sabiam mais o que queriam, talvez dinheiro e poder. Mas não se incomodavam em ficar sexualmente impotentes. E todos eles, sem exceção, tanto os homens quanto as mulheres,

exigiam demais de mim, queriam que eu explicasse aquilo que nem eu entendia. Deveria eu fingir que sabia o que não sabia? Ou deveria me informar melhor sobre o que não sabia? Ou seria mais aconselhável dizer a verdade, que não sabia? Não sei, só sei que, além de tudo, eu não conseguia escrever. Fazia a revisão do mesmo texto há meses. Escrever é uma camisa de força. Quero dizer, várias. A primeira camisa de força é a da lógica, com as suas formas de pensamento em geral, dedução, indução, ilação, associação, hipótese, inferência, isso inclui uma série de raciocínios que encadeiam os acontecimentos, as coisas, os elementos da natureza, o ser humano, o acaso, e deve haver coerência e fundamento; depois vem a camisa de força da sintaxe, essa parte da gramática que ensina a unir as palavras para criar orações, períodos, parágrafos, em síntese, o texto em si, regras estruturais referentes à regência, flexão, tropos, *et cetera*, ou seja, uma complicação danada; depois tem a camisa de força do vocabulário, não vou envolver Flaubert nisso, mas existe palavra certa, o que não existe é o sinônimo. Por exemplo: a palavra "estulto". Qual é o sinônimo? Insensato? Parvo? Néscio? Imbecil? Idiota? Tolo? Zote? Lorpa? Não. Como disse aquele famoso filósofo egípcio de Alexandria, cada palavra tem a sua própria transcendência, cada coisa é uma coisa e cada caso é um caso. E há ainda a camisa de força do ritmo, não me refiro ao fenômeno musical, nem físico, nem fisiológico, mas ao fenômeno rítmico literário, a cesura, a métrica, a cadência, que não existem apenas na poesia, mas também na prosa, que, conquanto não tenha hexâmetros, decâmetros ou hemistíquios, possui a sua própria cadência. E, ao contrário do que se pensa, o texto ensaístico tem um ritmo mais complexo que o texto ficcional. Aliás, eu não lia mais ficção. Parei com isso na adolescência. Li tanto que quase tive uma congestão. E tem mais: hoje em dia existe macete tecnológico para corrigir fotografia, filme, música, tudo, menos textos literários desafinados.

“Olha”, continuou Denise, “vou começar soltando o seu cabelo da nuca e, enquanto deslizo a escova da raiz até as pontas, vou secando com o secador. Isso ajuda a fechar as escamas dos fios. Vou usar essa escova redonda de cabo de madeira e de cerdas naturais, que a senhora me deu, porque ela é mais indicada para cabelos lisos. Depois deixarei que todas as seções do cabelo se misturem e, com o auxílio do secador, farei o acabamento com um pente e algumas gotas de silicone, para tirar os arrepiadinhos persistentes. Dona Isabela, o meu professor disse que eu sou a melhor aluna do curso.”

A Denise tinha um problema: falava demais sobre os assuntos ligados ao curso que estava fazendo. Apressei-a, Federico chegaria em menos de uma hora. Deixei que Denise me maquiasse. Mas quando ela começou a explicar o que iria fazer, a interrompi gentilmente dizendo: “Agora não, estou pensando num assunto. E, por favor, não exagera na maquiagem”.

Como eu não sabia o que usar, Denise escolheu a roupa para mim. Insistiu que eu colocasse uma sandália de salto altíssimo, alegando que mulher que se preza e tem menos de um metro e setenta de altura deve usar salto alto. “Sem falar que alonga as pernas”, disse ela, antes de sair para assistir televisão.

18

Às oito da noite eu estava pronta, olhando-me no espelho oval de moldura ouro velho que ficava pendurado em cima de uma cômoda no meu quarto. Usava um vestido florido e um antigo xale fora de moda, que de certa forma contrariava a minha maneira de ser, mas que por algum motivo fez eu me sentir mais confiante. Não tirei nenhuma pulseira.

O céu já havia escurecido, e o abajur da mesinha de cabeceira estava aceso. Escovava o cabelo enquanto me examinava no espelho. A luz suave realçava a minha figura, não via olheiras ou o

vinco que começava a se formar na lateral da minha boca; os meus olhos tornavam-se mais expressivos; meus lábios pareciam mais grossos e o meu pescoço, ainda mais longo. Sentia-me aristocrática e dourada como as mulheres pintadas por Klimt.

Quando criança, gostava de me olhar no espelho. Não porque me achasse bonita, mas pelo júbilo que aquilo gerava em mim. Reconhecia as feições e o formato do meu rosto, a cor dos meus olhos, cabelo, pele. Aquela refletida no espelho era eu e, ao mesmo tempo, poderia ser outra, porque eu existia mas não me possuía. Era como se eu procurasse pelo rosto que eu tinha antes, muito antes de tudo ter começado. O rosto primeiro, o sentimento primeiro. Havia momentos em que, assim como aconteceu com Jakob Böhme, o espelho me proporcionava uma espécie de epifania, que iluminava a minha vida, a estrutura espiritual do mundo, as relações entre o Bem e o Mal. Certas vezes, eu indagava o meu reflexo e reconhecia a possibilidade de mudança, sentia a vida e a morte segurando na minha mão. Em outras ocasiões, contemplava-me e retirava daquela imagem qualquer valor, porque ela só servia para abrigar o meu espírito. Será que eu pensava assim quando criança? Não sei, não importa. Todas as minhas interpretações estavam corretas apesar de se contradizerem, pois não há nada que o olho ou o espelho não vejam quando estão dispostos a ver a si mesmos.

Antes de ir para as aulas de balé clássico, eu tinha de fazer um coque. Então, colocava em frente da pia do banheiro um banquinho no qual subia para poder me olhar no espelho. Passava gomalina no cabelo, esticando-o para trás, fazia um rabo de cavalo, que enroscava até formar um coque, enfiava com cuidado exatamente quinze grampos, em seguida vinha a rede e um laço de fita rosa, que era amarrado simetricamente. Pegava na gaveta um espelho de mão para espiar o coque de diferentes ângulos. Perguntava-me se aquela que eu via era a mesma que sentia. Na esperança de obter

uma resposta, puxava o cabelo com força excessiva. Caso visse um fio arrepiado, recomeçava tudo.

“Encolhe a barriga, Bela-baleinha”, dizia a minha mãe. Eu sabia quando mamãe estava zangada comigo porque me chamava de Isabela, e não de Bela ou Belinha. Por isso, quando ela se referia a mim como Bela-baleinha eu tinha certeza de que não era por maldade, mas porque ela acreditava ser fundamental que eu fosse bonita. “Magreza é beleza”, dizia ela, uma mulher alta, magra, de olhos azuis e cabelos loiros, era linda e fazia ginástica diariamente após o trabalho. Quando o meu cabelo loiro começou a escurecer, ela espalhava água oxigenada misturada com camomila sobre ele e me levava para apanhar sol. Assim, eu continuaria loira. Mas não adiantava: o meu cabelo insistia em escurecer e minhas espessas sobrancelhas, que até os seis anos eram quase invisíveis de tão claras, tornaram-se castanhas. Nunca fui parecida com a minha mãe. “Não senta assim, cruze as pernas. Fecha a boca, parece uma boba. Coloca os ombros para trás”, dizia minha mãe sempre que eu me distraía.

Tinha de me conformar. Era uma criança. É horrível ser criança.

Na maioria das fotografias da minha infância o meu rosto está imóvel, sem aparentar qualquer sentimento, enquanto ao meu lado minha mãe sorri. Eu tinha vontade de lhe perguntar, “Você não se cansa de mentir?”.

Para agradar à minha mãe, eu tentava ser aquilo que não era ou era na minha capacidade mínima de ser.

Permaneci na penumbra olhando-me no espelho oval de moldura ouro velho do quarto. Não queria acender as luzes e descobrir aquilo que sempre soube, que eu não era uma das mulheres pintadas por Klimt, ainda que pudesse me parecer fisicamente com elas. Eu era uma das mulheres de Schiele.

Finalmente, o telefone tocou. Era Federico. Desculpou-se dizendo que, infelizmente, não poderia se encontrar comigo porque Diogo

precisava vê-lo com urgência. Voltei a me contemplar no espelho até que o meu olhar se perdeu.

19

No dia seguinte caminhei pelas ruas. Quando dei por mim já havia entrado em diversas lojas e comprado algumas peças de roupa. Como a maioria das pessoas, eu só tinha impulsos consumistas quando estava triste. Consumir num primeiro instante me alegrou. Vagueava, experimentando tudo que via pela frente. Comprei até um biquíni, que eu jamais usaria, uma vez que não gosto de tomar sol. Entrava no provador e, a cada nova roupa que colocava, ficava na ponta dos pés e dava voltinhas enquanto me olhava no espelho. Ainda era jovem, pelo menos eu me esforçava para me sentir assim, encolhendo a barriga. A iluminação da cabine favorecia as minhas feições. Ergui o queixo virando a cabeça para apreciar o meu perfil. Era o meu traço favorito, aquele nariz pontudo e grande.

Cheguei em casa carregada de sacolas.

Vesti o biquíni de bolinhas vermelhas que havia comprado e fiquei desfilando pela casa. Que tarefa mais difícil agradar, quando tudo que sempre quis foi ser eu mesma.

As semanas que se seguiram não foram nada fáceis. Não conseguia encontrar razões para o desânimo que foi me consumindo, vivia pensativa e profunda, com medo de me afogar.

Um dia, Amanda apareceu na minha casa vestindo uma roupa cor de abóbora — ou seria cor de coral? — e me disse que o namorado não queria mais vê-la, estava com outra. Minha amiga estava péssima e aquela cor alaranjada, que cai tão mal em mulheres ruivas como ela, a deixava ainda mais abatida.

Senti certa alegria. Não que aquela notícia fizesse alguma diferença na minha vida, não fazia, porém o ser humano, vez ou outra, é assim, mesquinho. Por melhor que seja uma pessoa,

indubitavelmente, em algum momento, ela será tomada por uma estreiteza de espírito que a tornará desprezível. A mesquinha nos aflige intensamente, o homem sofre de sovinice. Amanda me pediu conselhos, disse que pensou que o namorado fosse mudar, não era a primeira vez que ela descobria que ele a traía. Comentei que as pessoas não mudam e, quando mudam, é para pior. Aconselhei-a a arranjar outro namorado.

Foi o que ela fez. Não demorou muito e voltou a ser a mesma de sempre, uma espécie de árvore viçosa, cheia de frutos grandes, talvez jacas ou algo parecido, poderia também descrevê-la como um pé de chuchu, mas o pé de chuchu não é tão altaneiro quanto uma árvore. Amanda era bela como uma árvore, apesar de se portar como um arbusto: roía as unhas e falava alto.

Mente quem diz que não deseja nada além do que tem. Amanda parecia dizer, com o seu sorriso otimista, que estava feliz e satisfeita com tudo que já tinha. Talvez por isso eu gostasse tanto da companhia dela: porque não a compreendia. Às vezes, suspeitava que ela fingia. É difícil acreditar na veracidade das virtudes que não possuímos.

Minha amizade com Federico se estreitou novamente, saíamos para jantar e ficávamos juntos. Sentia-me feliz e tranquila ao lado dele. No entanto, algo ainda me incomodava, alguma coisa que eu não sabia o que era, ou não queria saber.

Quando saíamos para jantar, almoçar ou ir ao cinema, Federico segurava na minha mão, aquilo me agradava. Eu me divertia com ele, ríamos e cumpríamos o nosso trato de não falar sobre casos de pacientes e trabalho. Como eu, Federico gostava de beber. Em certas ocasiões passávamos a noite toda bebendo, conversando, fumando e dançando tango. Aliás, foi assim que tudo começou, já éramos bastante amigos quando pedi que ele me ensinasse a dançar tango. Pensando bem, a ideia foi da Tânia, que disse que seria um bom treino para que eu aprendesse a me deixar conduzir. Um dia,

fui para a casa de Federico, dois passos para cá, dois passos para lá, e quando dei por mim estava na cama com ele. Aprendi tango e, mesmo não sendo jeitosa, dançava bastante com Federico, que tinha um ritmo danado, como a maioria dos homens mirrados. Toda vez que eu tropeçava, errava um movimento ou pisava no pé dele, me jogava no sofá e dizia, "Chega, chega", mas ele me puxava com firmeza pelo braço, enlaçava-me e voltávamos a dançar.

Eram momentos de alívio quando eu estava sob o efeito dos medicamentos ou do álcool, ou na companhia do Federico ou da Tantânia. Amanda também me distraía.

Para ocupar a cabeça, já que eu não conseguia escrever os meus próprios artigos, me ofereci para ajudar Tânia no livro que ela estava escrevendo. Eu lia, corrigia e fazia anotações.

Isso me causava certo transtorno porque, ao contrário de mim, Tânia era muito metódica, além de perfeccionista. Para trabalhar com ela na revisão do seu livro, quase precisei de um manual de instruções. Deveria sublinhar de caneta azul qualquer dúvida quanto à pontuação do texto; caso fosse um erro ortográfico, a anotação seria com tinta verde; deveria assinalar em vermelho trechos que não estavam claros; questões e perguntas tinham de ser adicionadas a lápis no verso da folha; na hipótese de inserção de parágrafos, caneta preta; e nos casos de supressão de parágrafo, caneta lilás. Tânia também me deu uma caneta marca-texto amarelo fosforescente que ficava à disposição para qualquer outra eventualidade. Ou seja, eu tinha na minha frente, enfileiradas, sete canetas de cores diferentes. E se eu, involuntariamente, fizesse uma anotação com a cor errada, Tânia criava uma confusão dos infernos. Repetia pela milésima vez quais cores de caneta deveriam ser utilizadas em que situações. Intercalava a explicação com pequenas pausas e enquanto eu não dizia, "Entendi", assegurando-a de que estava acompanhando, ela pigarreava. Portanto, eu precisava ser tão organizada quanto ela, que tinha mais de cem caixinhas de pílulas

dispostas sobre uma mesa em uma ordem que só ela sabia qual era. Tantânia colecionava diferentes objetos e sabia a data exata em que os havia adquirido. O ato de colecionar era talvez a sua maior e mais duradoura paixão.

A casa de Tânia tinha uma energia própria, que não vinha apenas da moradora. Todos os objetos, móveis, tapetes, almofadas pareciam estar devidamente orquestrados, paredes pintadas de rosa-claro, uma espécie de cor de salmão, sofás de cetim com almofadões estampados, cortinas diáfanas e uma minuciosa arrumação de mesas, de diferentes tamanhos, que dispunham as peças das suas coleções: caixinhas de pílulas, relógios antigos que não funcionavam, máscaras de papel machê, conchas e pedras que ela mesma encontrava em viagens ou na esquina de casa, além dos guarda-chuvas que ficavam próximos à porta, dispostos dentro de um recipiente cilíndrico de metal. Desconfio que, em certas ocasiões, motivada pela mania de colecionar, Tânia roubava pequenos objetos para acrescentar à sua coleção, caso não estivessem à venda. Para ser sincera, isso não é apenas uma suposição. Uma vez, quando ela foi à minha casa, uma caixinha de pílulas sumiu. Era uma caixinha barata, de osso, que comprei em uma feira de artesanato. Meses depois, quando fui visitá-la, encontrei a minha caixinha de pílulas exposta junto às outras da sua coleção. Não disse nada, mas passei a ficar de olho quando ela ia me visitar. Contudo, Tânia tinha escrúpulos, não se apropriava de objetos valiosos. Dizia: "O ato de colecionar essas porcarias é elegante. Sabe por quê? Pela falta de utilidade. Quem coleciona livros e manuscritos raros, joias e obras de arte é um exibicionista ganancioso".

Federico e eu achávamos que tudo que Tantânia afirmava parecia ter um duplo sentido ou uma mensagem secreta. Frases bobas adquiriam uma qualidade quase metafísica quando pronunciadas por ela. E sempre, mas sempre que eu me encontrava tensa, ansiosa, frustrada ou deprimida, ela dizia, borgianamente, "Fica tranquila.

Somos muitos, supomos ser alguém, mas não somos ninguém". Tânia era diferente, até fisicamente. Altíssima, pernas longas e finas, que eu invejava; olhos pequenos e juntos, nariz delicado apesar de adunco, cabelos curtos repartidos geometricamente na lateral, que pareciam prensados contra sua cabeça por uma quantidade excessiva de gel. Era uma mulher atraente, conquanto Federico discordasse de mim.

Meio

1

Via-me perdida no redemoinho da rotina e no acúmulo de tarefas, horários, prazos, pacientes, Karen, Denise, e bom-dia, e boa-tarde, e a busca diária de tentar usufruir das pequenas e efêmeras satisfações narcisistas, um cafezinho expresso, um bom livro, uma taça de vinho, o cair da tarde, uma boa conversa, o nascer do sol, batatas fritas, o mar, o horizonte, a lua cheia, pessoas queridas, pessoas se exercitando na orla, pessoas apressadas ocupadas com seus afazeres, pessoas e mais pessoas, gente demais, compromissos, analisandos, trânsito, filas no supermercado, no banco. Ouvia a tempestade, entretanto não era a chuva que fazia aquele barulho, era a vida passando, e eu não podia fazer nada além de flutuar naquele oceano que era a minha vida. Mais uma vez eu me encontrava dormindo, despertando, bebendo, mastigando, expelindo excrementos, tomando banho, falando ao telefone, vestindo-me, lendo, assistindo a filmes, dirigindo, indo, voltando e ficando.

O suicídio era uma opção tentadora, capaz de me tirar daquele tédio.

2

Por que uma pessoa deseja viver? Porque a vida nos proporciona, às vezes, uma felicidade inebriante? Ou porque a pulsão de vida é forte o bastante para contrabalançar a pulsão de morte? Acredito que alguns afirmam amar a vida porque sofrem e fazem um esforço diário para receber pequenas recompensas. Uma coisa é certa, somos destrutivos por natureza e criativos para nos preservar. E quando digo criativo, digo produtivo, pois para mim todo ato humano é um ato poético.

Agora, por que uma pessoa deseja se matar?

Mais de um paciente já quis saber como eu encarava o suicídio. Há pouco tempo um analisando adolescente me perguntou, "Psicanalistas se suicidam?".

Aquilo me fez soltar um risinho tímido e abafado. Ele se referia aos analistas como sendo extraterrestres.

Expliquei-lhe que o psicanalista é uma pessoa como qualquer outra, porém teoricamente ele deve se tratar, fazer a sua análise e se estiver, por exemplo, deprimido, é preferível que tome um remédio, caso necessário. E é claro que, ao exercer essa atividade, a pessoa deve estar atenta à própria situação mental. "No entanto", afirmei, "um analista também pode ficar doente."

Era o que estava acontecendo comigo — evidentemente eu não disse isso ao meu paciente —, pensava com frequência na minha avó paterna e em suicídio.

"Provavelmente uma pessoa se suicida porque sofre de alguma doença, pode ser uma depressão profunda ou pode ser uma coisa mais esquizoide, como uma psicose, quando o suicida acredita ouvir vozes ou alguém mandando que ele se atire da janela, coisas do gênero. Por exemplo, alguns adolescentes pensam em se matar para ver quem vai ao enterro deles — como se isso fosse possível —, ou seja, é uma forma autocentrada de resolver suas questões. Outros adolescentes pensam em se suicidar para castigar a mãe ou o pai. Há vários motivos, há diversas fantasias", concluí.

Para mim, na minha adolescência, o suicídio significava algo sublime, um gesto que incluía paixão, santidade e uma indiferença sincera pelas coisas úteis e inúteis.

Recordo-me de que as tardes e noites da minha infância e juventude eram intermináveis, permeadas por uma profunda tristeza que me consumia e se confundia com a minha identidade. Não distinguia alívio de prazer. Acreditava que escrever me dava prazer, mas era alívio. Escrevia num caderno, "Na luz leio o que os outros

escrevem, na escuridão invento as minhas histórias. Vejo o que não pode ser visto". Sentia-me tranquila quando colocava os meus pensamentos em ordem na folha branca de papel. Não temia a insanidade, nem quando apagava a luz e encontrava-me sozinha deitada no escuro.

"Isabela, à noite os nossos monstros tentam nos dominar. Encare-os de frente, como quem desafia a morte, que eles fogem", dizia a minha avó paterna. Suas analogias eram comumente relacionadas à morte. Gostávamos da morte, de saber que ela estava presente, que jamais poderia ser afastada, não adiantava recusá-la.

"O casal perfeito: vida e morte. Só se vive plenamente exercitando-se para a morte", dizia minha avó paterna. Todos sabem disso, tanto os filósofos quanto os religiosos. Porém, os religiosos tentam driblar a morte com histórias fantásticas sobre vida após a morte, reino dos céus, paraíso e purgatório, espíritos, reencarnação, almas penadas e mais uma infinidade de contos da carochinha.

Atitudes suicidas com ou sem êxito nos faziam rir. Um sujeito que morreu esburacando a própria cabeça com uma furadeira. Outro que, ao tentar se enforcar, tudo que conseguiu foi fazer um corte no pescoço por onde ficou respirando impedido de morrer; depois de muito sacrifício se desprendeu, desamarrou a corda do pescoço, foi até um hospital, levou pontos, voltou para casa, novamente tentou se enforcar e, dessa vez, obteve sucesso. Uma mulher que se matou gradativamente engolindo ao longo de alguns meses diferentes objetos, na autópsia descobriram que havia em seu estômago várias bolinhas de gude e prendedores de cabelo, além de oito pregos. Uma senhora que, vestida de noiva, enfiou uma faca no peito repetidas vezes e não conseguiu morrer.

Suicídios de pessoas célebres também nos interessavam. Os escritores não se suicidam de maneira muito diferente dos filósofos. Um escritor deu um tiro de espingarda na cabeça apertando o gatilho com o dedo do pé, mas na verdade não queria morrer, queria

matar um búfalo, como Francis J. Macomber. Outro se atirou ao mar, de um navio. Outro se jogou na frente de um carro. Um poeta americano pulou de uma ponte, cansado de ser perseguido pela visão do seu pai, que também era suicida. Vários, dos dois sexos, se enforcaram. Um poeta deu um tiro no coração. Uma escritora encheu de pedras os bolsos do vestido e se afogou no rio perto de casa. Outro poeta, esse russo, deu um tiro no peito, mas deixou um bilhete dizendo, "Não recomendo isso aos outros". Um romancista japonês fez *harakiri* e outro escritor, amigo desse japonês, enfiou a cabeça no forno. Uma americana também enfiou a cabeça no forno, mas essa não queria morrer, queria chatear o marido, que, como ela, era poeta. Um filósofo também não pensava em morrer, estava mais preocupado em mandar sacrificar um galo que devia a Esculápio, o deus da medicina. Os filósofos do mundo clássico gostavam de se matar principalmente cortando os pulsos, como aquele que se deixou sangrar até morrer enquanto bebia vinho e trocava ideias com os amigos. Mas teve um, mais criativo, que se sufocou com estrume de vaca. Outro preferiu encontrar a morte numa das crateras do vulcão Vesúvio. Já os filósofos modernos preferem mortes rápidas, como aquele francês que, um belo dia, se jogou pela janela do seu apartamento em Paris. Reis, imperadores e presidentes da república também se suicidam, mas pelo menos um deles, na Antiguidade, talvez não quisesse morrer. Durante muito tempo ficou tomando pequenas doses de veneno e quando decidiu se matar não conseguiu, pois estava imunizado. Uma rainha se matou com uma dentada de serpente venenosa. Um imperador atirou-se de peito nu sobre a ponta aguçada da própria espada. Um presidente deu um tiro no peito trajando um pijama listrado, e outro presidente deu um tiro na cabeça. Até um apóstolo se matou por enforcamento. Um líder nazista só pôde se suicidar com tranquilidade, na companhia da mulher, depois de mandar matar os seis filhos. Cientistas também se matam, como aquele astrônomo

dinamarquês que morreu porque não foi fazer xixi e a bexiga estourou. Médicos gostam de utilizar morfina; artistas de cinema preferem soníferos. Mas artista plástico, se for bom, corta a orelha e dá tiro no peito.

Minha avó e eu concordávamos que suicidas crônicos, como alcoólatras e drogados, não eram dignos de entrar na nossa listagem. Contudo, quando eu queria incluir na extensa lista os suicídios de personagens da literatura, vovó me interrompia alegando que suicídios de personagens, fossem de Shakespeare, fossem de Flaubert, não valiam, não tinham importância. Mas eu discordava, pelo menos no que concernia à Madame Bovary. Tinha de ficar atenta, a minha paciente Madame Bovary era também uma possível suicida.

3

Eu pensava muito na minha avó paterna, na sua morte, na época em que morei com ela e com meu avô doente.

Certa noite, vovó e eu estávamos sentadas na sala de visitas após o jantar. A atmosfera era soturna, a única luz vinha do antigo lustre de ferro, de uma lâmpada que ficava atrás de uma cúpula de vidro vermelha. A minha avó, como era de hábito, bebia bastante. Costumava tomar o seu primeiro drinque, um *screwdriver* servido em um copo de cristal alto decorado com fatias de laranja, por volta das seis da tarde. O jantar era servido com vinho, na maioria das vezes tinto, cuja garrafa vovó terminava de beber sozinha, sentada no *living*. Não era sempre que eu lhe fazia companhia após o jantar, mas naquela noite permanecemos juntas, eu num dos sofás e ela numa poltrona. Utilizo a palavra *living* porque era assim que minha avó se referia à sala de estar, e também porque essa palavra me agrada, com certeza por razões puramente afetivas.

“Já não posso escapar da morte, ela está vivendo comigo”, disse vovó. “Penso nela todas as manhãs quando acordo, todas as noites.

Até com os olhos fechados vejo o nada que serei. Sinto saudades suas, mas principalmente do seu pai. No seu avô eu não penso, porque é como se ele já estivesse morto. Você me entende? O seu avô está aqui, mas é um estranho. Não sei quem é esse homem, esse verme com quem ainda insisto em dormir de mãos dadas. Por que seguro na mão dele enquanto durmo? Será que tenho medo de ficar sozinha e, por isso, me agarro no seu corpo esquelético? Ou será que o amo e não quero continuar a viver sem ele? Ele urina na cama e eu me irrita, mas quem vem trocar o lençol é a enfermeira, não sou eu. Ela deve se incomodar, mas é paga para isso, não é mesmo? Por que o seu avô insiste que eu o alimente? Se a enfermeira lhe serve o almoço e tenta lhe dar comida na boca, ele geme e cospe a comida nela, então sou obrigada a alimentá-lo, mesmo contra a minha vontade. Será que ele tem ódio de mim, que isso é uma espécie de vingança? Ou será que é amor e ele me quer por perto porque sabe que vai morrer?”

4

Estou com vontade de confessar um segredo que somente uma pessoa até hoje sabia, a minha avó paterna, que partilhou comigo a confidencialidade do fato. Alguns meses antes do dramático episódio da sua morte eu tinha feito uma viagem pelo México. Não sei se já disse, gosto muito do México, estive lá algumas vezes, além da capital conheço as cidades de Guadalajara, Monterrey, Oaxaca, Puebla, Puerto Vallarta, mas naquela ocasião visitei pela primeira vez Tijuana, a cidade ideal para hipocondríacos aventurosos, tal a quantidade de farmácias vendendo remédios baratíssimos, bem mais em conta que nos Estados Unidos, que fazem fronteira com a cidade. Tijuana estava repleta de turistas americanos. Evidentemente, nem todos estavam à procura de remédios. A cidade tem muito a oferecer. Andei por toda parte, pela turística Avenida Revolución e pela Zona Norte, que é considerada a área mais

perigosa. Não me assustei quando vendedores ambulantes e traficantes, alguns acompanhados de burros que mais pareciam zebras, pois eram pintados com listras pretas, me ofereceram maconha, cocaína, charutos cubanos, mulheres e mais uma infinidade de coisas. Aquelas drogas não me interessavam, a que eu tinha ido procurar era muito mais poderosa, uma que literalmente tirava o fôlego. Estava atrás de uma droga chamada *Sueño Feliz*, que só tem no México e põe para dormir e mata de forma indolor e civilizada. Os médicos, até mesmo os legistas, caso façam uma autópsia, concluem que a morte teve causa natural. O traficante que me vendeu a droga, contida em uma garrafinha de vidro azulado com um rótulo de papel ordinário, colado à mão, meio torto, onde estavam desenhadas estrelinhas amarelas, disse num sussurro, "*Buenos sueños, princesa*".

Quando voltei ao Brasil guardei o pequeno frasco como se fosse um tesouro. Pretendia usá-lo algum dia, eu mesma. Tê-lo me deixou mais tranquila, agora tudo dependeria do meu desejo. No entanto, fui visitar minha avó paterna e ela me disse que queria se matar, mas não tinha coragem, temia que algo desse errado e sobrevivesse com sequelas. Além disso, ela não conseguia decidir que método utilizar. Para resumir, dei a minha preciosa garrafinha de *Sueño Feliz* para a vovó, que me agradeceu com lágrimas nos olhos. Há muito tempo não conversávamos. Como mencionei anteriormente, nos últimos anos ela se recusava a falar e eu não insistia. Na saída ela me perguntou, "Meu cabelo está bom? Pinte ontem. Eu queria uma tonalidade violácea mais vibrante...". Eu lhe assegurei de que a cor roxa estava muito bonita.

Não me surpreendi quando o meu pai telefonou dizendo que a minha avó paterna tinha morrido.

Meu pai a encontrou morta deitada na cama.

Quando cheguei à casa deles, meu pai abriu a porta. Acompanhei-o até o quarto. A televisão que ficava em frente à cama da minha

avó estava ligada no seu canal favorito — uma estação inexistente onde tudo o que se via e ouvia era a estática, ou seja, uns chuviscos e um chiado insuportável. Na mesinha de cabeceira estava o frasco de *Sueño Feliz*, que dissimuladamente coloquei na minha bolsa. Vovó usara apenas metade.

“A sua avó tinha uma folha de papel na mão”, disse papai pausadamente. Seus olhos não irradiavam fúria como de costume, miravam levemente para cima, na direção do teto.

“Qual? Essa que está pisoteada no chão?”

Ele começou a chorar.

Havia um ponto final no centro da folha.

Permaneci parada contemplando a minha avó, que parecia em paz apesar do cabelo roxo. A maquiagem estava benfeita, e ela usava um vestido preto, meia-calça escura e sapato de salto de verniz.

Fiz questão de enterrá-la com a mesma roupa. Afinal, ela deveria ter gasto muito tempo se preparando para aquele dia. Enquanto retocava a sua maquiagem pensei nas coisas das quais, como dizia minha avó, não podemos escapar. A sua vida se tornara insuportável. Finalmente, tivera coragem, aos oitenta e nove anos, de fazer o que tanto desejava. Também provou para o meu pai que ele estava errado quando dizia, “Quem fala que vai se matar não se mata”.

A justificava do meu pai era absurda, assim como todas as outras falácias que envolvem o suicídio. As pessoas gostam de imaginar que a maioria dos suicidas é composta de jovens, pois se deixam levar pelas emoções. E também preferem acreditar que quem fala sobre o assunto não se mata e que quem tentou se matar uma vez não tenta novamente. Falácias, absurdos! Eu e minha avó éramos prova disso.

Nada me tira da cabeça que o meu pai queria morrer. Senão, como explicar a sua morte repentina poucos meses após o suicídio da minha avó? Está certo, de acordo com os médicos, ele tinha

cirrose. Mas, enfim... Acho que ele se deixou morrer. Seria toda morte um suicídio disfarçado?

5

A quantidade de bebida alcoólica que eu ingeria aumentava, mas eu me recusava a admitir que seguia os passos do meu pai. Tornava-me uma alcoólatra — uma suicida crônica, que se mata gradativamente e alega não querer morrer.

Desde a morte da minha avó paterna passei a andar com o frasco de *Sueño Feliz* na bolsa. Era o meu talismã. Quando eu ficava deprimida, segurava com firmeza o vidrinho azulado, que me dava força e tranquilidade. Eu poderia ir embora a qualquer momento, na hora que bem entendesse — mas para que ter pressa?

Ao mesmo tempo que pensava em morrer, desejava ter filhos.

Mas se eu não tinha marido e filhos era porque não queria.

Viver, em si, já é demasiadamente pesado. Para que acrescentar mais carga com marido, criança, escola, férias, casa de campo e mais uma batelada de obrigações? Todavia, mesmo sabendo que as casas cheias têm mais problemas, às vezes ponderava se não seria bom ter marido, filhos, enfim, uma casa onde em dezembro se enfeita uma árvore de Natal e na Páscoa se escondem ovos de chocolate para as crianças procurarem. Mas não, eu vivia muito bem na companhia da Karen, não tinha esse tipo de preocupação e responsabilidade. Não era isso que eu sempre quis? Então, por que me pegava pensando em como seria uma vida tradicional de família, uma rotina respeitável, encantadora e chata?

Sou uma pessoa incoerente, mas quem não é? Queria me casar com Federico.

Estou contando a minha vida sem nenhum enfeite. Tento entender por que um dia acordei e decidi prestar atenção em Federico. Comecei a vê-lo, ver mesmo, não apenas olhar para ele. Reparava na maneira como se movimentava, na orelha tão benfeitinha, no

perfil, o nariz que parecia ter excesso de estruturas ósseas, os lábios doces e a magreza elegante.

Eu já havia feito sexo com ele tantas vezes e não sabia como ele era?

Preciso aprender a pensar. Deveríamos aprender a pensar tal como aprendemos a andar de bicicleta. A única diferença é que, uma vez que se sabe andar de bicicleta, nunca mais se esquece, enquanto a arte de pensar exige prática constante.

6

Grande é o dia em que me descubro viva.

Eu e você, à mercê do inesperado.

Cheguei ao *vernissage* para encontrar Federico. Cumprimentei a artista, que era uma amiga em comum, e fui olhar a exposição. Nesse momento avistei Federico. Ele conversava com uma moça que provavelmente ainda não tinha completado trinta anos. Fiquei surpresa com a maneira como ele se portava. Não chegava a encostar na moça, mas o seu corpo ficava rente ao dela. Ao lado deles estava Diogo, calado, de braços cruzados. Aproximei-me, e Federico continuou falando com a moça, que ajeitava os cabelos e ria. Diogo, ao me ver, abriu um sorriso, mas permaneceu mudo, sem descruzar os braços. Parece que a moça não gostou da minha presença, pois logo se despediu. Ficamos apenas nós três. Notei então um mal-estar entre Diogo e Federico, um olhar entre eles, que não entendi mas que era muito intenso. Senti que eles queriam ficar a sós e, de fato, foi o que aconteceu.

Diogo segurou Federico pelo braço, dizendo, "Isabela, preciso falar com o Federico. Você me dá licença?". Antes que eu respondesse, ambos se afastaram em direção à saída. Decidi que também iria embora.

7

Ovídio, em *A Arte de Amar*, aconselha os amantes a demonstrar ciúme: "Só é preciso lançar sobre seu amante um olhar mais amoroso, suspirar profundamente, perguntar por que ele vem tão tarde. Acrescente lágrimas à cólera de um ciúme fingido e arranhe-lhe o rosto com suas unhas. Ele ficará logo persuadido; será o primeiro a se comover. Dirá: 'Sou amado loucamente'".

Telefonei para Tânia e convidei-a para jantar. Ela aceitou.

Quando fui pegar o carro no estacionamento da galeria de arte, vi de longe Federico e Diogo discutindo. Diogo parecia furioso. Agachei e caminhei curvada e sorradeira por entre os carros, na direção deles, para vê-los melhor e ouvir o que diziam. Escutei Diogo falar alto, na verdade gritar: "Isso é amor? Você chama isso de amor?". Levantei e voltei a espiar, escondendo-me atrás de uma pilastra. Vi Diogo dar um tapa na cara de Federico, que o abraçou. Diogo, com o rosto no peito de Federico, começou a chorar. Quis me aproximar para ouvir o que diziam, mas tive medo de que eles me descobrissem ali. Federico passava a mão sobre a cabeça de Diogo. Quando Diogo ergueu o rosto, Federico beijou-o na boca.

Fiquei estarrecida com aquela cena digna de Ovídio.

Vi tudo, a briga, as pazes e o beijo. Não sabia o que pensar. Aquilo me fez mal. Durante toda a minha vida, sempre me preparei para ver e ouvir tudo, nada, nunca, me surpreendia, mas para aquela cena, aquele beijo, eu não estava preparada, quase desfaleci.

Abaixei-me rente ao chão, talvez de joelhos, sentada, não sei, estava sem forças. Não os vi entrando no carro, mas escutei o barulho do motor e o carro partindo. Fiquei sentada, encostada em um carro, por algum tempo. Pensei em cancelar o jantar com Tânia, mas achei que seria bom conversar com ela.

Pedimos uma garrafa de vinho e escolhemos os pratos.

Sem saber se deveria contar a Tânia o que vira no estacionamento, disse apenas ter reparado que Federico e Diogo

estavam cada vez mais amigos e que, nos últimos meses, Diogo ia com frequência ao consultório e não havia uma só vez em que não trouxesse algum presente para Federico: um livro, um enfeite, pãezinhos de queijo fresquinhos, até caixas de bombom. Às vezes, Diogo também me presenteava.

“Você sabe que do ponto de vista sexual Federico é... como poderia dizer...”

Fiquei calada por um instante, esperando Tânia terminar a frase, mas ela não terminou.

“Por que você nunca me disse que Federico era bissexual?”, perguntei.

“E por que eu deveria dizer? Vocês são tão amigos e, se ele não gosta de falar sobre o assunto, eu respeito a privacidade dele. Até porque ele nunca disse isso para mim, mas todo mundo sabe. Ele e o Diogo são amantes há anos. Andaram brigados um tempo, mas estão juntos de novo.”

Tânia fez um discurso sobre: sexualidade, desejo e fantasia. Afirmou, como estamos cansados de saber, que todo ser humano é bissexual. Quem nunca teve um sonho homossexual que atire a primeira pedra, disse ela, garantindo que tanto ela quanto a maioria de seus pacientes já haviam tido relações homossexuais ou pelo menos fantasias, que o bizarro era não tê-las e que normalmente aqueles que não reconhecem, negando com veemência esses desejos mais íntimos, sofrem de sérios recalques.

“Federico pode dormir com quem quiser, isso não é problema meu. Acontece que tenho relações sexuais com ele sem proteção. Para falar a verdade, estou com ciúmes. Fui pega de surpresa.”

“Vocês continuam se encontrando de vez em quando?” “Sempre.”

Eu não tomava cuidado e as únicas vezes em que usei preservativo com Federico foi porque ele insistiu. Qual era o motivo de eu agir daquela maneira? As doenças estavam aí, todas facilmente transmissíveis. Milhares de pessoas sendo contaminadas

diariamente com o vírus da aids, sem falar em sífilis, gonorreia, hepatite B, herpes genital, pediculose púbica, clamídia e muitas outras. Mais uma vez eu me descobria desafiando a morte.

Tantânia, percebendo que eu estava um pouco transtornada com aquela história, mudou de assunto. Falou, rindo, que eu era uma sedutora, que quando nos conhecemos fiz tudo para seduzi-la, e que ela só não quis nada comigo porque eu era muito magra e ela gostava de pessoas de carnes fartas, que a envolvessem durante o amor.

“Você era uma garota estranha que só se vestia de preto, não falava com ninguém, só comigo. No começo eu não lhe dava atenção, tratava você como uma aluna qualquer, que na maioria das vezes não segue carreira, ou pelo menos não com a sua seriedade. Mas depois comecei a reparar na sua participação em sala, na maneira como você se colocava, e na clareza com que expunha o seu ponto de vista com relação aos temas debatidos. Sabe quando você realmente me conquistou? No dia em que lhe pedi para preparar uma aula sobre rejeição materna. Você fez tão bem que me chamou a atenção, e eu a convidei para almoçar. Ficamos amigas, você foi estudar em Nova York e, depois daquele susto que deu na gente, pude finalmente empregá-la no hospital psiquiátrico.”

“Pois é... Falando nisso, você já conheceu o novo interno, um rapaz bem pálido que tem parte do rosto queimada?” “Estive com ele uma única vez.”

“Decidi tratar dele individualmente, porque se recusava a participar da terapia de grupo. Alegava que todos conspiravam contra ele, já que é o único branco.”

“Mas isso não é verdade, você tentou explicar que existem outros internos que também são brancos?”

“Claro que sim, mas ele acha que os outros são mestiços. Decidi ficar responsável por ele. É muito inteligente e sabe ler, o irmão traz romances policiais para ele toda semana e ele ainda lê diariamente o

jornal que a enfermeira Fátima, instruída por mim, entrega a ele pela manhã. Acho que ficou com esses delírios persecutórios depois que a casa onde morava com a mãe pegou fogo. No incêndio a mãe morreu e ele ficou com parte do rosto queimada, algumas partes do lado direito do corpo também foram atingidas. Ele tem também um pino de titânio no joelho, pois caiu ao tentar salvar a mãe. A operação que fizeram no joelho dele foi tão malfeita que, além da enorme cicatriz, ele tem dores alucinantes e manca quando caminha.”

8

Eu estava satisfeita com o tratamento do Perseguido, foi assim que apelidei esse novo interno que tinha parte do rosto queimada e um pino de titânio no joelho. Ele sofria de psicose delirante crônica. No caso específico desse distúrbio, existe uma curiosa manutenção da clareza e da ordem do pensamento — ao contrário do que acontece com esquizofrênicos e portadores de doenças neurológicas, que apresentam ideias delirantes um tanto desconexas. As ideias desse meu paciente se uniam num determinado contexto lógico para formar um sistema delirante total, rigidamente estruturado. O Perseguido, além de reclamar de terríveis dores no joelho operado, dizia sentir um cheiro fétido vindo da perna, um cheiro que se alastrava pela pele, principalmente nas áreas das queimaduras. Quando suas crises de alucinação se acentuavam, ele tinha a convicção de que o seu corpo estava infestado de parasitas e insetos que acabariam por devorar o seu cérebro. Ele apresentava variadas formas de delírios somáticos, às vezes passava o dia se escondendo pelo hospital, fugindo das pessoas, convencido de que seria assassinado por inimigos implacáveis.

9

Convidei Federico para jantar na minha casa. Contei que havia visto a discussão com Diogo no estacionamento da galeria de arte. Ele não tentou se explicar, disse que me amava assim como amava Diogo e acrescentou que amar uma pessoa não o impede de amar outra. Afinal, quanto mais feliz ele fosse, mais feliz poderia me fazer.

“Tanto eu quanto Diogo”, concluí, ciumenta.

Federico repetiu que me amava e perguntou se ele ser bissexual era algum inconveniente, mesmo que inconsciente, para mim. Falei que não, e ele me abraçou, pedindo desculpas caso tivesse me magoado. Fez questão de lembrar que jamais havíamos conversado sobre o assunto ou assumido um compromisso em que um devesse ser amorosamente e sexualmente fiel ao outro.

Enchendo-me de beijos, disse que precisava de mim ao seu lado, que eu era a sua alegria e que ele nunca me enganou com promessas ilusórias.

“Eu sei, eu sei”, repeti perdida, “mas não gosto da ideia de dividi-lo com Diogo.”

“Você não está me dividindo com ninguém. Estou aqui inteiro com você. Amo você. Adoro você, Belinha.” Federico passou a noite na minha casa.

Durante a madrugada, despertei perdida e insone, fiquei olhando a escuridão e sentindo o vento frio que vinha do ar-condicionado. Fui até o banheiro. Federico acordou, bateu na porta. “Entra”, falei. Ele entrou e disse carinhosamente, “Vem dormir, minha Belinha”.

Deitamos lado a lado, eu e ele, homem e mulher, numa cama matrimonial.

10

“Os monstros sempre vão aparecer, até durante o dia”, dizia a minha avó paterna. “Eles vivem debaixo da nossa pele e surgem inesperadamente, como furúnculos.”

Demorei para compreender que esses sentimentos obscuros nem sempre eram intuições, mas uma propensão doentia que pode acabar com a saúde, matar ou enlouquecer, como piolhos pulando e se procriando na nossa cabeça.

Evidentemente, é difícil ter controle sobre esses pensamentos irracionais e excessivos, sobre essas vozes e esse arrastar de passos que me atormentam e perseguem. Estaria beirando a paranoia? A insanidade? A única maneira de me livrar deles é trazendo-os para o consciente. Como? Exercitando a todo instante a minha capacidade de ver o que não pode ser visto.

11

No começo, se é que se pode distingui-lo, acreditamos em nossas verdades inventadas. Aos poucos as coisas vão se revelando ou se transformando (o que dá no mesmo), e então é possível perceber que nada era como imaginávamos. Porém, escolhemos continuar acreditando naquela verdade primeira e, contra a nossa vontade, o inadmissível (que não deixa de ser outra verdade inventada) vai se apresentando. Insistimos, recusamo-nos a ver. Optamos por fingir, mentir e atuar. Contudo, chega o momento em que não podemos mais nos engambelar.

Quando eu era ainda bastante jovem, achava que tinha medo de ficar na miséria. Por isso, pensava em dinheiro e me envolvia com homens endinheirados que eu desprezava. Mas era um equívoco: o meu verdadeiro medo era o de ser abandonada. Talvez por essa razão, sem me dar conta, eu me relacionava com pessoas que desdenhava. Graças aos mistérios da vida, ninguém, nem mesmo o mais lúcido dos seres, aquele que sabe que o outro só tem valor a partir do momento que o beneficia com sua capacidade de trabalho, com sua riqueza, com seu poder ou como objeto sexual, nem mesmo esse ser está imune à paixão.

Assim, sempre que eu me apaixonava, arranjava um jeito de destruir a relação.

Supunha que tinha atração por riqueza. Não percebia o lugar-comum desse pensamento — afinal, como se sabe, todo ser humano é fascinado por dinheiro. Este é o grande recalque da humanidade. Não é à toa que criticam a mulher ou o homem que se casa por dinheiro. As pessoas se enganam, pensam que é uma coisa boa proceder dessa maneira. Não é. No fim, com raras exceções, o interesseiro ou a interesseira não ganha dinheiro algum. Tenho vários pacientes que se casaram por razões financeiras. Não viram a cor do dinheiro e ainda tiveram de pagar com a liberdade para usufruir do conforto proporcionado pelo outro.

Aos vinte anos, eu me sentia bonita e atraente, não tão bonita quanto a minha mãe, que era realmente linda. Mas, enfim, eu tinha deixado de ser aquela adolescente de costas curvadas que se escondia numa fingida falta de vaidade, que no meio da noite, depois que todos na casa dormiam, se punha em frente ao espelho e se analisava minuciosamente, tentando descobrir se era tão feia quanto imaginava, magra, sem cintura, sem peito, ou se era bela, com longos cabelos escuros, pele branca e dedos compridos. Desanimada e inquieta, eu me debruçava sobre os livros de poesia, que me serviram de consolo naquelas intermináveis noites e dias de sol. Eu não ia à praia porque todas as mulheres e garotas, todas, sem exceção, se achavam lindas, muito mais atraentes que eu. Podiam ser desengonçadas, feias, gordas, com pernas finas, celulite, não importava: penteavam o cabelo molhado arrebitando o bumbum. E o pior era que eu acabava achando-as cada vez mais bonitas como elas se julgavam e eu, que era bonita, que tinha um corpo benfeito, me achava feia; e acabava ficando feia, não frequentando a praia e não arranizando um namorado.

Aos poucos as coisas foram mudando. Em Nova York, em Manhattan, onde ninguém olha para ninguém, os homens olhavam

para mim na rua, não porque eu estivesse mais bonita, mas porque eu me achava mais bonita.

Certa vez, era verão, eu estava na estação da Rua Vinte e Oito esperando o metrô, direção *downtown*. Era um daqueles dias em que eu tentava me manter consciente sem sucesso. Avistei um rato andando por entre os trilhos. Ratos? Tenho asco desses animais sujos, de ossos flexíveis, capazes que passar por qualquer buraco. Mesmo assim, já peguei um rato na mão quando o vi atravessando a cozinha durante um jantar que oferecia para amigos. Peguei-o, fui ao banheiro e joguei-o na privada. Dei descarga repetidas vezes, mas ele não descia. Então, enfiei a mão no vaso e empurrei-o até que ele sumisse no encanamento. No metrô, observei este outro rato subir, descer e se equilibrar sobre as barras paralelas de ferro dos trilhos. Foi difícil permanecer tranquila perante aquela visão, um rato cinzento, gordo, peludo, que roía algo. O barulho e a luz dos faróis do trem anunciaram a sua proximidade e o rato correu para algum canto, desaparecendo. Ainda pensando no rato, entrei no vagão. A mulher que havia entrado na minha frente ficou em pé, embora os bancos estivessem completamente vazios. Quando me sentei alguém disse, "*Be careful!*". Era um homem de meia-idade, calvo, de axilas molhadas de suor e pele oleosa. Ele chamava a minha atenção apontando para uma mariposa grande e negra. Reparei que nos dois cantos do vagão havia pessoas aglomeradas, olhos arregalados, fixados na mariposa que estava sobre o banco à minha frente. Devia haver uns vinte passageiros, era como se uns estivessem por cima dos outros, apertados, amontoados. Lembrome apenas de uma moça loirinha, de óculos, com lágrimas escorrendo pelo rosto, e do mendigo fedorento que, com o dedo em riste na direção da mariposa, disse, "*I don't know what it is, but whatever it is, has only one tooth*". Quando o metrô parou na estação seguinte, a mariposa voou para a direita e as pessoas que estavam ali correram para a esquerda. Alguns gritaram, outros se

agacharam. Uns saíram, outros entraram. Um sujeito jovem, que devia ter uns vinte e cinco anos — minha idade na época — e exibia uma arrogância masculina e bruta, entrou e, sem hesitar, tentou matar a mariposa com o pé. Não conseguiu pisá-la, e ela mais uma vez voou. Novamente houve um rebuliço histérico. O mendigo dizia: “*Kill it! Kill it! I don’t know what it is, but whatever it is, has only one tooth. Kill it!*”. Finalmente o sujeito conseguiu matá-la, metendo o pé sobre o banco. Suspiros de alívio e sons de nojo ecoaram pelo vagão perante a mariposa esmagada. O sujeito que matou a mariposa sentou ao meu lado. Eu estava rindo daquele tumulto.

“Nova York é o ponto de encontro dos neuróticos do mundo inteiro”, disse ele com um sotaque fortíssimo, num primeiro instante não pude identificar a origem.

E foi assim que começamos a conversar. Ele me disse o seu nome, Yevgeny Ivanovich. Aquele nome pareceu-me saído de Dostoiévski ou Tchekhov, com seus personagens que amam com desespero, choram de felicidade, extremistas que se deixam guiar pelas paixões. Eram assim os russos da minha imaginação. Grandes amantes, violentos, generosos, capazes de gestos covardes e atos heroicos. Há quem diga que os russos são sujeitos em média grosseiros que, antes da Revolução, se dividiam entre camponeses ignorantes e aristocratas que disfarçavam com superficial elegância a sua má índole e gostavam de falar francês. Aliás, também os intelectuais gostavam de usar a língua francesa. Como todo mundo sabe, o primeiro parágrafo de *Guerra e Paz* foi escrito em francês. É, mas Tolstói era conde. Talvez eu esteja enganada e somente os aristocratas russos fossem francófonos. Creio que hoje o chique na Rússia seja falar inglês.

O olhar de Yevgeny Ivanovich era penetrante e eu sorri para ele, que saltou na mesma estação que eu, na Rua Christopher, e me convidou para tomar um café. Não aceitei o convite, para quê? Para fazer aquilo que os estranhos fazem quando já conversaram o

suficiente e descobriram que não têm nada em comum a não ser um pequeno desejo mútuo que será saciado e esquecido? Não, eu não queria me desapontar, preferi ficar imaginando o Yevgeny Ivanovich como o personagem de uma novela russa.

Perguntava a mim mesma, como em segredo: o que você quer? anda, me diga, pare de choramingar, você me entedia, quem eu?, e pode ser outra?, eu sei o que você quer, pode me contar porque eu sei de tudo, então eu não preciso falar, precisa, sim, porque você tem de ouvir, vamos, diga!, e eu disse em voz alta, mentira, sussurrei baixinho no escuro do quarto antes de dormir, Federico, Federico, Federico...

12

Nenhum paciente havia faltado na parte da manhã e, à uma e quarenta e cinco da tarde, Denise chegou com o almoço: salada e filé de frango grelhado. Federico almoçou comigo. A nossa refeição, no meio do dia, devia ser leve, para que não ficássemos com sono durante as consultas. Enquanto comíamos, Federico quase não falou, fez apenas, como era de costume, umas gracinhas para a Denise, que o adorava. Ao terminarmos, depois que ela foi embora, Federico timidamente disse: "O Diogo me chamou para passar duas semanas com ele em Roma. Estava pensando em aceitar o convite, mas, se você não quiser que eu vá, eu não vou".

Fiquei calada.

À tarde, Amanda me telefonou e sugeriu que eu fizesse uma coloterapia, quando lhe falei que ultimamente me sentia exausta e vinha sofrendo de constipação intestinal, coisa raríssima, uma vez que sempre fui ao banheiro impreterivelmente todas as manhãs. Como não sabia exatamente do que se tratava a tal hidroterapia de cólon, pedi a ela que me explicasse. Soube, então, que coloterapia era apenas um nome mais sofisticado para o enema ou clister que a minha bisavó alemã, a mãe de Helga, aplicava à força em mim. Era

um pote cilíndrico de vidro que ela enchia de água morna, na qual ela pingava algumas gotas de uma substância que não sei qual era. Do recipiente saía um tubo de borracha, cuja ponta fininha de plástico era enfiada no meu ânus. Depois que todo o líquido era introduzido no meu intestino, minha bisavó me sentava na privada e ficava em pé esperando eu expelir o bolo fecal. Em seguida, examinava o vaso sanitário e exclamava, "*Wunderbar*".

A minha bisavó era uma alemã nazista que se recusava a brincar comigo porque eu não tinha herdado os olhos azuis da minha mãe. Quando a sua cadela — uma pastora alemã com *pedigree* — cruzou com um cão vira-lata e ficou grávida, ela tentou forçar um aborto usando um cano de ferro. A cachorra sangrava e urrava de dor, enquanto a minha bisavó, uma velha enrugada e magérrima, falava com furor palavras em alemão. Mas o esforço foi inútil, ela não conseguiu abortar aquela ninhada. Assim que os cachorrinhos nasceram, a bisa os afogou, um a um, no tanque. Depois me chamou para vê-los mortos boiando na água e disse, no seu português quase incompreensível, "Isabela, esses vira-latas mestiços tinham de morrer".

Pedi para Amanda agendar uma sessão de coloterapia para mim.

13

Com a chuva que caiu na terça-feira da semana seguinte, a maioria dos meus pacientes faltou ou desmarcou os horários que tinham agendado comigo. A tempestade que desabou sobre a cidade tornou o trânsito caótico. Atendi apenas três pessoas e tinha oito analisandos com hora marcada. Um deles me ligou e disse, "Não consigo sair de casa e ir até aí. Tenho medo de dirigir na chuva".

Federico tinha viajado para Roma com Diogo e me fazia falta. Naquele dia, em particular, foi extremamente difícil permanecer no consultório.

Passei a manhã com a sensação de que me esquecera de fazer alguma coisa importante. Sabia que era só uma impressão, mas mesmo assim não consegui me concentrar e ler uns ensaios, separados numa pilha que aumentava nos últimos dias.

Decidi que, na parte da tarde, iria até o cabeleireiro da esquina fazer as unhas.

O temporal voltou a cair, mas não desisti de fazer as unhas.

Disse para a recepcionista do cabeleireiro que estava com pressa e acrescentei que não tinha preferência por uma manicure em particular. Não gosto de criar vínculos com manicures ou cabeleireiros, falam em excesso, ainda mais se têm alguma familiaridade com o freguês.

A manicure que me atendeu foi a mesma que me atendera duas semanas antes. Era uma baixinha que arregalava os olhos, para exibir a tonalidade verde-clara que contrastava com a sua pele morena. Provavelmente, nem percebia que fazia aquilo, já se tornara um cacoete. Não resisti e disse, "Seus olhos são lindos". Ela agradeceu, esbugalhando-os ainda mais.

"Quer uma revista?", perguntou.

"Se tiver jornal, eu prefiro", respondi.

Li sobre a corrupção, que é, sem dúvida alguma, endêmica neste país, e sobre um assalto que acabou em morte. Li ainda sobre uma mulher que, para não perder uma vaga no estacionamento, acelerou de marcha a ré sem olhar para trás e acabou "esmigalhando um médico contra a parede. O médico morreu na hora". Interrogada pela polícia, disse, "Pensei que o homem fosse uma caixa de papelão". Esse mesmo jornal noticiou que uma senhora aposentada, por não ter dinheiro para pagar o pedágio da Rodovia Rio-São Paulo, deu meia-volta e percorreu quinze quilômetros na contramão. Houve também uma perseguição da polícia rodoviária, pois a aposentada, usando luz alta, passou por mais de trezentos e cinquenta veículos na contramão em alta velocidade.

Quando foi finalmente detida, a aposentada mordeu um dos policiais no braço.

Já fui também notícia insólita de jornal, mas não conto isso a ninguém. Só quem me conhecia na época sabe. Na segunda vez em que tentei me suicidar, aos vinte e seis anos, avancei com o carro contra a mureta da Ponte Rio-Niterói. O pequeno muro de concreto não arrebentou, o meu carro ficou amassado e nada aconteceu comigo, só o meu nariz, que bateu no volante, sangrou um pouco. Enfurecida, saí do carro. Fui até a beirada da ponte, subi na mureta que eu havia abalroado e chutei um pedaço de concreto que estava solto. Observei o seu percurso até cair no mar. As pessoas saíam dos automóveis e se juntavam à minha volta. Creio que alguém disse, mas não tenho certeza, talvez fosse uma voz na minha cabeça, "Pula, pula", e um coro de vozes entoou, "Pula, pula, pula". Foi o que fiz: me joguei da ponte.

"Por que você pulou?", um psiquiatra me perguntou certa vez. Não pude confiar nele. Por quê? Por quê? Não existia um porquê, tinha de ser assim. Pouco tempo depois, Cornélio começou a me tratar, ele entendia que nem sempre há um porquê. Obviamente não morri, saltei de pé. Também não sofri qualquer contusão grave. Fiquei boiando, sem rumo, sentindo frio, cética, sem fé em Deus, no dia de amanhã, no outro, e fiz xixi na água antes de ser resgatada por um barco.

Esta havia sido a minha segunda tentativa de suicídio. Meu insucesso era provavelmente proposital, senão eu já estaria morta. Sabe-se lá por que eu insistia nesse comportamento. Como disse Freud, "A vida se empobrece e perde interesse quando a maior ficha do jogo da vida, a própria vida, não pode ser posta em risco". Por favor, não me critiquem dizendo que uso e abuso de citações freudianas. O que posso fazer? A verdade é: Freud nunca é demais.

Na placa estava escrito: Ako Fumarai. Assim que toquei a campainha, a porta foi aberta por uma japonesa pequena, cujo aspecto anorético me inspirou confiança. O seu cabelo era curto e negro, e ela usava um quimono branco. Tentei cumprimentá-la, mas ela se afastou, apoiou as mãos sobre as coxas e inclinou o corpo para a frente, formando um ângulo de quarenta e cinco graus. Respondi a saudação da mesma maneira.

“Bem-vinda”, disse Ako.

Estava em uma saleta mínima, pé-direito baixo. As paredes repletas de cartazes com fotos e desenhos do intestino grosso. Ako me entregou um formulário e perguntou se era a primeira vez que eu fazia limpeza do cólon. Meneei a cabeça afirmativamente. Não teria sentido comentar sobre o clister da bisa.

“Você sofre de constipação?”

“Não, mas ultimamente...”

“Está com prisão de ventre.”

“Mais ou menos. Também tenho me sentido muito cansada.”

Dentro daquela saleta havia uma pequena mesa com duas cadeiras, onde estávamos sentadas, uma cama e a máquina com os tubos descartáveis, que ela fez questão de me mostrar.

“Por favor, vá ao banheiro, tire a roupa e coloque esta túnica com a abertura para trás. Aproveite e faça xixi.”

Entrei no banheiro, que era do tamanho de uma cabine telefônica. Quando saí, segui as ordens de Ako, que pediu para eu deitar com a parte central do meu corpo sobre uma espécie de fralda e virar de lado. Mais uma vez ela me mostrou um tubo e três cânulas de plástico, e frisou, “Todos descartáveis”. Explicou como era o funcionamento, por onde a água entrava e saía. Não prestei atenção. Ela colocou luvas de borracha e enfiou delicadamente uma das cânulas no meu ânus.

“Primeiro a água vai entrar, depois sair. Vamos fazer isso duas vezes, para as fezes irem amolecendo. Depois os intervalos serão

mais longos.”

A água que entrava era morna e me causava arrepios pelo corpo. Quando Ako fechava a válvula e a água saía, eu sentia uma cólica desagradável. Era constrangedor ver aquela água suja saindo de dentro de mim pelo tubo transparente. Ako massageava e apertava a minha barriga.

“Muito bom. Muito bom”, disse ela, escondendo a boca com uma das mãos e rindo uma risadinha monocórdia, hi hi hi.

Os calafrios aumentavam. Ela pressionava o meu intestino e falava sobre os seus pacientes obesos que passavam dias, semanas, às vezes até um mês sem defecar.

“É difícil fazer isso nos obesos”, e ela apertou com força um ponto na lateral esquerda da minha barriga, “a quantidade de gordura impede que eu sinta as fezes petrificadas no intestino.”

Como os obesos conseguiam entrar naquela saleta minúscula, e naquele banheiro menor ainda, me pareceu um mistério, mas eu não disse nada, porque ela virou a válvula e a água voltou a entrar pelo meu ânus. Quando eu já não aguentava mais, pedi que parasse, mas tapando a boca ela deu uma risadinha, hi hi hi, e disse, “Mais um pouco, hi hi hi”.

Pedi que ela fechasse a válvula.

“Hi hi hi. Calma, ainda tem muita coisa para sair, hi hi hi. As cólicas só vão parar quando as partes mais duras se dissolverem, hi hi hi. Vou continuar enchendo de água, hi hi hi. Você tem de suportar, hi hi hi.”

“Pare de rir”, gritei abruptamente.

Ako ficou muda.

Minha barriga foi encolhendo à medida que eu expelia os detritos aquosos. Ako deu um tapinha na minha coxa, indicando que eu virasse de lado. Tirou a cânula. A sessão estava terminada.

Paguei em dinheiro e fui embora.

15

Recentemente, especialistas apelidaram o intestino de “segundo cérebro”. Ele é o único órgão do corpo humano capaz de executar funções independentemente do sistema nervoso central. Os intestinos possuem uma rica rede neural, cerca de cem milhões de neurônios. Ako me explicou isso e mais um porção de coisas para comprovar que, ao limparmos o intestino, limpamos a mente.

Particularmente não vi resultados, a minha mente parecia mais suja do que nunca.

Ako ainda me disse que quase noventa por cento da serotonina, neurotransmissor responsável pela alegria, era produzida pelo intestino. “Sendo assim”, afirmou, “quase toda pessoa que sofre de prisão de ventre é deprimida.”

Estaria eu deprimida? Não, que nada, andava era com os nervos à flor da pele.

Um dia eu estava deitada, cochilando no sofá — ultimamente dormia a qualquer hora, bastava estar sentada —, quando Karen veio por cima de mim e, sem querer, me arranhou no braço. Dei um berro e empurrei-a com força, jogando-a no chão. Acredito que gritei bastante, uma vez que Denise veio ver o que estava acontecendo. Irritada, perguntei, “Por que você não cortou as unhas dessa gata?”. Denise tentou explicar que era eu quem não gostava que as unhas de Karen ficassem curtas demais. Eu a interrompi, disse para calar a boca e fazer o que eu estava mandando, “Vá já cortar as unhas dessa gata”. Denise se retirou com Karen no colo.

Senti remorso, não há nada mais vergonhoso e covarde que tratar mal os subalternos e bater em animais indefesos. Sim, confesso, eu bati na minha gatinha.

Fui até o banheiro. Elas estavam lá. Quando entrei, olharam para mim. Pedi desculpas. Então, notei que Denise não seguia as minhas ordens, simplesmente aparava as unhas de Karen, não as cortava rentes, como devia. Tomei a tesoura da mão dela. Denise não

gostou, mas não disse nada, apenas me olhou com aquele olhar insuportável de devoção servil e ódio. “Suma da minha frente”, falei. Denise se retirou.

Vi-me sozinha no banheiro e sem saber como cortar as unhas de Karen. Cortei as unhas como pude, malcortadas, mas rentes, muito rentes, quase no sabugo. Karen resmungava. Eu a belisquei mais de uma vez até que ficasse quieta e cooperasse comigo.

Esse descontrole era apenas uma parte do mal-estar, os meus seios doíam, até a água do chuveiro os machucava, eu continuava sofrendo de constipação e vomitava quase tudo que comia.

O inferno que eu vivia era consequência de uma gravidez. Descobri isso no dia vinte e um de fevereiro, fazendo um teste de farmácia.

16

Vinte e um, dia vinte e um de fevereiro, pressenti que aquilo era um mau sinal, o mês de março se aproximava. “Os idos de março”, falei para mim mesma, quinze de março no calendário romano significa maldição, foi nesse dia que assassinaram Júlio César. “Cuidado com os idos de março”, disse com voz cavernosa o adivinho cego na peça de Shakespeare, ao intrometer-se na frente de Júlio César.

Receei que o meu bebê não nascesse saudável. Talvez eu estivesse grávida de uma menina, sempre quis ter uma filha, mesmo sabendo que a relação entre mãe e filha é difícil.

Vinte e um é o meu número misterioso. Senão, como explicar o dia em que fui salva graças a ele? Eu estava no aeroporto de São Paulo voltando para o Rio de Janeiro. Li em um *outdoor*: meta 21. Sem entender que tipo de anúncio era aquele, me distraí. Nesse meio-tempo fui roubada. Levaram a minha bolsa com dinheiro, documentos, tudo. Não pude embarcar. Aquele avião que perdi caiu. Passei a acreditar que o meu destino estava conectado ao número

vinte e um. Então, como não me assombrar ao descobrir a gravidez no dia vinte e um de fevereiro?

Faltava uma semana para o início de março, aquilo só podia significar uma tragédia. Afastei aqueles pensamentos sinistros para poder me sentir mais segura com relação à gravidez.

Fechei os olhos e fantasiei. A minha filha estava nos meus braços, podia sentir o seu corpo frágil e pequenino, a pele fina e suave, o cheirinho doce. Um dos pezinhos mexia, as mãozinhas estavam fechadas, assim como os olhinhos. Eu, sentada em uma cadeira de balanço, amamentava a bebezinha. Que prazer, que delícia alimentá-la. Os meus seios eram enormes, volumosos e cor-de-rosa. Federico apareceu e ficou nos espiando através de uma fresta na porta. Eu aprendia a fazer tricô, sapatinhos de todas as cores. Andava na ponta dos pés, usava o vestido branco da Baronesa Elisabeth Bachofen-Echt, aquele que ela usou quando foi retratada por Klimt. O vestido branco da Baronesa cabia perfeitamente em mim. Éramos do mesmo tamanho. Não foi preciso fazer qualquer ajuste. Nem bainha foi necessário. O vestido branco tinha detalhes em renda. Era da melhor qualidade — afinal, era o vestido de uma mulher da nobreza. Eu dançava com Federico em silêncio, abraçados, sempre abraçados e, por um instante, ele não me reconheceu e disse: A gente se conhece? Baronesa Elisabeth Bachofen-Echt? Ah, não, desculpe, você não é aquela Menina de Cabelo Negro Nua em Pé que Schiele retratou? Desculpe, mas estou confundindo você. Federico me abandonou no meio da pista de dança e correu até o fundo do salão. Abriu uma porta que dava acesso a um lugar colorido povoado por orientais. Coreia? Japão? China? Chinatown? Canal Street? Antes que eu chegasse a uma conclusão, ele retornou fechando a porta e trazendo um sapato branco de salto nas mãos. Calçou-os em mim. Bela, Belinha, minha querida Isabela, é você, disse ele, voltando a me reconhecer. Notei que os sapatos eram de porcelana branca e faziam tic, tic, tic à medida que eu sapateava

com graça e agilidade. Eles é que guiavam os meus passos, dois para cá, dois para lá e *pas de bourrée*, gritou a minha mãe. Barriga para dentro, coluna ereta, olha a postura. Vamos, *plié, pas de bourrée, pas de chat*. Minha mãe bateu com a régua de madeira no meu bumbum e mandou que eu observasse a Karen com atenção. A minha gatinha deu um belíssimo salto e todos aplaudiram. O nome desse passo é *pas de chat* porque imita o movimento do pulo do gato. Agora é a sua vez, Bela-baleinha, vamos, faça como a Karen. Seguindo as ordens da minha mãe executei uma série de *pas de chat*. Quando eu já não aguentava mais, Federico me puxou pela cintura. Dançamos lindamente um *grand pas de deux* sem deixar de fora nenhuma das cinco regras: a entrada, o *adage*, a variação para a bailarina, em que dei quinze piruetas sobre os sapatos de porcelana, a variação para o bailarino, que Federico executou com precisão e exibicionismo, fazendo caras e bocas, como se tentasse ofuscar a minha performance. Quando chegou a hora da *coda*, momento final do *pas de deux*, em que os bailarinos dançam juntos, nós já não estávamos nos entendendo e Federico me jogou com força para cima. Rodopiei no ar desafiando as leis da gravidade. Seria isso a vida? Um rodopio, um obstinado rodopio em si mesmo? Seria eu um pião? A nossa menina começou a chorar. Federico estalou os dedos, fazendo surgir uma cartola preta de onde tirou um pó azul que foi salpicado sobre o bebê. Gritei assustada

mas logo me acalmei, pois a minha bebezinha chorava notas musicais, uma melodia que foi se transformando em um trágico tango. Quis dançar com Federico, mas ele falou que a minha obrigação como mãe era amamentar o neném que chorava. Ajoelhei no milho e ofereci meus imensos seios cor-de-rosa para a cantante bebezinha azul, que imediatamente se calou. Federico disse que eu estava linda e que ele ia fazer uma mantinha branca com detalhes em renda para a nossa filhinha. A bebezinha tinha sardas e não se parecia nem com Federico, nem comigo. Os bebês são todos iguais,

disse um homem sem rosto que estava encostado na parede. Pai, é você?, perguntei. Sou alguém capaz de fazer encômios tão convincentes quanto as mais ferozes críticas, é mais difícil justificar o que nos agrada do que o que nos desagrada, quando uma pessoa diz que você é uma incompetente sem talento você acredita sem se questionar, mas perante elogios você fica desconfiada e inquieta, não é mesmo? Prezado vovô, interrompeu a bebezinha, não se esqueça de que sentimos imenso prazer em repudiar alguém, por isso é tão fácil e natural fazê-lo. Era por isso que eu queria uma filha, e não um filho. As mulheres são mais inteligentes e sensíveis. Mas eu prefiro os homens, disse Federico. Comecei a corromper, saltando faíscas no ritmo de um batuque. Tambores dionisíacos, nada de harpas ou valsa, eu disse à Baronesa Elisabeth Bachofen-Echt, que estava sentada num canto, vestida com roupas íntimas, estalando os dedos crispados enquanto esperava que eu lhe devolvesse o exuberante e branco vestido. A minha barriga crescia. Mais um bebê para aumentar a nossa família. Será uma chinesinha, eu disse, uma chinesinha, meus amores. Igual àquela que sempre desejei, aquela que vi na saída de um restaurante em Chinatown. Fui comer *dim sum* num domingo e lá estava a linda chinesinha num carrinho de bebê, e eu disse, vou roubar essa chinesinha e me casar na catedral Saint Patrick. E eu ria, ria, sempre me achando muito engraçada. Você está grávida. Grávida ou gorda? Pus-me a caminhar e atrás de mim havia uma fila de bebezinhos e também Federico e a Baronesa Elisabeth Bachofen-Echt e ainda a minha mãe, além da Karen e do homem sem rosto, e eles me imitavam, até a minha mãe debochava de mim. Eles reproduziam todos os meus gestos, a maneira como eu andava e mexia no cabelo. Eu deixava de ser humana, porque eles mecanizavam os meus movimentos, e aquilo era muito engraçado para aqueles que assistiam, mas não para mim, que era privada da minha individualidade.

17

Fui ao consultório do doutor Roberto, meu ginecologista. “Não sei se quero ter esse filho”, eu disse.

“Muito bem, a decisão é sua. Vou examiná-la.” Deitei sobre a mesa ginecológica.

Abri as pernas, apoiando-as sobre as hastes acolchoadas de metal, e um lençol foi colocado sobre elas. O aparelho de ultrassonografia transvaginal foi ligado, o transdutor protegido com um preservativo e introduzido para captar as imagens necessárias.

Vi na tela o meu bebê, uma espécie de feijão, um feijãozinho solitário, de apenas vinte e nove milímetros, que flutuava no meu útero. O doutor Roberto imprimiu a imagem e me entregou. Guardei a foto na bolsa.

Voltei andando para casa. Durante o percurso olhei algumas vezes a foto daquele ser que já tinha um coração que batia, pude escutá-lo durante a consulta. Havia em mim outro coração, outra vida até então vazia, sem rosto, de voz muda, pensamento surdo, cego, que não sabe que tem vida, que vida? A vida dele ainda é minha. Aquilo era de uma assustadora doçura. Doce, tão doce, que podia enjoar e eu enjoava, vomitava, irritada, sempre irritada e sensível, incapaz de entender verdadeiramente aquelas transformações que ocorriam no meu corpo. Não era apenas o corpo, era mais, era tudo — tudo o quê? Dava largas passadas sobre a esburacada calçada de pedras portuguesas mal colocadas. O salto do meu sapato enganchava nas pequenas aberturas do chão, tentando impedir que eu avançasse.

18

Ao chegar em casa liguei para Federico, que ainda estava em Roma com Diogo. Perguntei quando ele voltava. Federico, cuja voz soava embriagada, respondeu que iria ficar em Roma mais alguns dias, que ele e Diogo estavam a sós, sem Milene. “Estamos muito felizes aqui, mas, minha Belinha, isso não diminui em nada a

saudade que sinto de você.” Pude escutar o almofadinha do Diogo murmurar qualquer coisa. Claro que eles deviam estar felizes.

A minha vontade foi dizer, “Federico, venha já para casa, estou esperando um filho seu, largue o Diogo em Roma e pegue o primeiro avião de volta para ficar ao meu lado”. Contudo, apenas desejei felicidades para os dois e desliguei.

Sentia a minha barriga, ela não pesava, não pulsava, mas existia densa, como uma pequena bolinha de chumbo. Não quis tocá-la. Olhava numa direção fixa.

Ouvi uns chiados e cochichos, além do chilrear de passarinhos. Não estava tonta, mas o meu equilíbrio parecia abalado, tive de me apoiar na parede e nos móveis para chegar até o quarto. Ao passar pelo *closet*, no caminho para o banheiro, pisei sobre Karen, que exalou um miado plangente. Ajoelhei-me ao lado dela e, quando me inclinei para abraçá-la, caí sobre ela, que gemeu. Comecei a chorar, deitada no chão, agarrada à minha gatinha.

19

“De certa forma você queria engravidar”, disse Cornélio durante a sessão.

Queria? Mas como? Eu queria ter filhos e, ao mesmo tempo, não queria. Quantos filhos estragaram a vida das mães? Inúmeros, porém as mães não percebem. É raro eu ver, mesmo entre as quatro paredes do consultório, alguma mãe reconhecer que o filho é um estorvo e que seria melhor não tê-lo. Elas são totalmente cegas, surdas e burras. Só porque pariram o filho acreditam que têm a obrigação de amá-lo. Muitas vezes fingem que amam, e de tanto fingir acabam acreditando.

Quando eu era pequena, não duvidava do amor da minha mãe. No entanto, às vezes eu percebia o cansaço que ela sentia por ter de ser mãe. Como todas as outras, ela racionalizava. Dizia a si mesma, a Isabela é minha filha, devo amá-la.

Na infância eu tinha uma vizinha que era mãe de um débil mental, um homem de trinta e poucos anos que a massacrava diariamente. Como ela aguentava? A única resposta: era mãe. O marido da minha vizinha, pai do retardado, morreu. Não tenho dúvida de que aquela morte foi uma fuga para não ter de cuidar do filho doente. Largou a mãe sozinha com o filho débil mental.

Volta e meia, durante muitos anos, eu dividia o elevador com o retardado. Ele gritava, fazia sons como um animal feroz e gesticulava tentando falar comigo. Eu sorria, mas no fundo ficava constrangida. Tinha pena daquela mãe, que estava ali, ao lado do filho, atenta e carinhosa, amando-o sem reclamar.

Nem todos os filhos nascem débeis mentais, autistas ou doentes, há também os que são saudáveis e, mesmo assim, arrasam a vida dos pais.

É evidente que muitos filhos trazem alegria, talvez a maioria, não sei, não posso afirmar. Porém, muito cedo decidi que não precisaria de um filho para ser feliz. Ou precisaria? Nunca vi gente sem filho ter a vida arruinada porque não teve filho, mas já vi muita gente ter a vida esfaçalhada porque teve.

É necessário entender que existe uma diferença entre reprodução e criação. Não somos bichos, que parem e não se apegam ao filhotinho. Quando o bebê nasce, esse ser que limpamos, alimentamos, acarinhamos, torna-se o centro da nossa vida. Como disse Freud, "Sua majestade, o bebê".

20

Antes de ser internado pelo irmão, seu único parente, por apresentar vários sintomas neuropsiquiátricos, o Perseguido passou por um exame minucioso com resultados normais. Porém, o irmão, preocupado com a saúde do meu paciente, levou-o a um neurologista particular, que realizou uma avaliação criteriosa e prescreveu uma ressonância magnética cerebral.

O irmão do Perseguido fez questão de me entregar pessoalmente o resultado da ressonância magnética cerebral e o diagnóstico do médico particular, que dizia, "O paciente Amilton da Costa", era assim que o Perseguido se chamava, "não apresenta problemas neurológicos, não há desvios das estruturas encefálicas da linha média, sistema ventricular de forma, tamanho e posições usuais, cisternas subaracnoideas e sulcos telencefálicos sem alterações, núcleo da base e tronco cerebral com morfologia e sinal usuais, sela túrcica com forma e conteúdos normais...". Resumindo: o Perseguido era um homem cem por cento saudável e, mesmo assim, tinha de permanecer internado.

Passado o choque das primeiras semanas, o Perseguido começou a falar. Quando eu dizia, "Bom-dia, Amilton", ele respondia, "Boa-noite e atenção, o meu nome não é Amilton, o meu nome é Diabo, eu sou o diabo, tome cuidado comigo. A minha mãe me chamava assim porque eu matava os coelhinhos".

Certa vez o Perseguido não compareceu à sessão de terapia. Fui até seu dormitório para saber o motivo. A enfermeira Fátima, a mesma que lhe entregava o jornal diariamente, me avisou que o Perseguido estava trancado no banheiro. Após bater na porta do banheiro repetidas vezes e não receber resposta, resolvi entrar no banheiro, acompanhada da Fátima e de um segurança. A porta foi arrombada, e lá, dentro do banheiro, estava o Perseguido a se secar com uma toalha umedecida, com cheiro e vestígios de fezes. Ele tinha urinado e defecado pelo chão e esfregado as fezes na parede. E pensar que fisiologicamente e neurologicamente o Perseguido era um indivíduo perfeito.

21

Sorriso um riso nervoso mas aliviado ao lembrar de um dia no consultório, quando me vi perdida em um labirinto de olhos, estalar de dedos, morder de lábios, choros, pausas, fungações, palavras,

sintomas e exigências que eu não me sentia apta a atender. Confundia os pacientes, um deles, que insistia em falar exaustivamente comigo, eu não reconheci.

Arrependi-me de ter saído de casa. Caminhava para o dia quinze de março, a morte de Júlio César. Seria aquele, também para mim, o mês de uma tragédia que se iniciara no dia vinte e um?

22

Tudo poderia ser muito simples, mas não era.

Chega de perder tempo. Nada tem significado, nós é que damos significado às coisas.

Telefonei para o doutor Roberto para agendar o aborto.

23

“Vamos usar anestesia local”, disse o doutor Roberto segurando uma injeção. “Vai doer um pouco e pronto. Depois, você só vai sentir um pequeno incômodo.”

Tentei interromper o meu ginecologista, mas ele prosseguiu falando, com uma voz calma, que o colo do meu útero seria imobilizado por um tenáculo e dilatado pela inserção de uma série de dilatadores cervicais, e que um aparelho de sucção aspiraria o tecido embrionário.

Denise me acompanhou. Segurava na minha mão e sorria para mim. Não contei para mamãe sobre a gravidez. Ela queria ter um neto.

Permaneci com os olhos abertos, fixados no teto, não obstante houvesse uma luminária embutida com uma lâmpada que irradiava uma luz muito forte.

Tive uma breve visão, quase um lampejo, que primeiro contemplei com temerosa incerteza. Era a Baronesa Elisabeth Bachofen-Echt com suas bochechas rosadas. Ela me observava com um tímido sorriso nos lábios vermelhos. O tema oriental que adorna aquela

obra de Klimt também podia ser visto, porém em cores menos vívidas que as pintadas por ele. Havia as mesmas figuras orientais e, no meio delas, reconheci a criancinha chinesa que vi em Nova York, muitos anos antes, num domingo após comer *dim sum* em Chinatown, e brinquei dizendo que queria roubá-la para mim. Reparei nas mãos da Baronesa. Eram levemente disformes e crispadas, como as mãos das mulheres pintadas por Egon Schiele.

Apertei a mão de Denise quando leves contrações começaram a ocorrer dentro de mim. Lágrimas brotaram dos meus olhos e me impediram de ver a Baronesa Elisabeth Bachofen-Echt.

Quando voltei a enxergar deparei com o olhar piedoso de Denise. Nunca acreditei em comiseração, mas fiquei comovida com o carinho dela. Imaginei o que ela devia estar pensando, que eu chorava pela perda, pelo que poderia ter sido, pelo amor que não tinha sido capaz de dar. Não era nada disso, mas deixei passar e aninhei-me na compaixão que ela sentia por mim.

Assim que cheguei em casa, após comer e tomar o antibiótico receitado pelo doutor Roberto, dormi por algumas horas. Quando acordei, lembrei das mãos crispadas da Baronesa. Peguei um livro com reproduções dos quadros de Klimt. Abri na página onde se encontrava o retrato da Baronesa Elisabeth Bachofen-Echt. Para minha surpresa, as mãos dela eram de fato crispadas, tensas, tortas e aflitas, como as mãos das mulheres de Schiele, como as mãos da Menina de Cabelo Negro Nua em Pé, aquela menina em preto e branco, de olhos sedutores e tristes, que tinha apenas a vagina, os lábios e os mamilos coloridos de vermelho, aquela menina que tanto me desorientava.

Em 1907, Gustav Klimt conheceu o pintor Egon Schiele e o incentivou, além de convidá-lo para expor na *Vienna Kunstschau*. Nada me tira da cabeça que aquelas mãos contraídas da Baronesa eram inspiradas em Schiele, apesar de saber que Schiele foi influenciado pela obra de Klimt, que era mais velho e uma espécie

de figura paterna para Schiele, que perdeu o pai aos quatorze anos. Se Klimt não escapou das garras daquelas mulheres de Schiele, como eu escaparia?

Pensei no que o doutor Roberto havia me dito, que eu não poderia ter relações sexuais nas próximas semanas. Fumei. Bebi duas doses de tequila. Sabia que Federico tinha chegado de Roma naquele dia. Por cima da camisola de seda azul-clara vesti uma jaqueta jeans, calcei um par de sapatilhas, peguei a bolsa e saí de casa sem fazer barulho, para que Denise não acordasse.

Entrei no carro. Desci a rua até chegar à Lagoa Rodrigo de Freitas. Era tarde, talvez fosse meia-noite ou quem sabe duas da manhã, não sei. Só sei que estacionei na frente do prédio de Federico.

24

Quando Federico abriu a porta eu o abracei.

Eu insistia em querer aquilo que não podia ter. Sabedoria é desejar conquistar ainda mais aquilo que já se possui, seja um marido, um amante, um trabalho, uma amizade. Mas isso é difícil, raro. Como diz o axioma universal, familiaridade inspira desdém.

Federico me afastou e, com um olhar preocupado, perguntou o que estava havendo. Respondi que não era nada, apenas saudade. Ele fez um carinho na minha face, depois nos meus braços, e então me abraçou.

Pedi que me levasse para o quarto.

Ele quis me dar os presentes que trouxera da viagem. "Agora, não, por favor, agora não", eu disse.

Tirei a roupa. Federico fez o mesmo.

A cama estava desfeita. Deitei-me de bruços sobre o edredom.

Ainda que estivesse decidida a não seguir as ordens médicas e quisesse ser machucada, achei que no começo fosse resistir, mas não, permiti a sua entrada. Senti a penetração, pouco a pouco,

milímetro por milímetro. Federico me virou de frente e me beijou. Pedi que enfiasse mais fundo, com mais força, sem piedade.

O meu orgasmo era fruto da fricção no lugar certo e de atrozes pensamentos desconexos. Então, por que eu insistia em fazer sexo com parceiros em vez de me masturbar? Sexo é uma daquelas coisas que para nada servem hoje. Nem para procriar ele é necessário. Li em certa ocasião que “os pássaros praticam a abstinência sexual, e as abelhas também. Mas não necessariamente todos os pássaros e abelhas. As abelhas operárias, que são irmãs da abelha rainha, não praticam o sexo. E em certas espécies de pássaros — como a gralha dos arbustos da Flórida — alguns indivíduos, conhecidos como auxiliares, não geram, apenas ajudam os pais a criar os filhotes”. Em seguida, havia a seguinte pergunta: “Será que a indiferença ao sexo poderia também se estender aos seres humanos?”. É evidente que sim. Pelo que eu saiba, o ubíquo doutor Freud, aos quarenta anos, desistiu de ter relações sexuais. E seria uma falácia afirmar que o seu desinteresse sexual era um distúrbio que o prejudicava.

Sem dúvida, eu padeceria menos se abolisse de vez o sexo da minha vida. Evitaria todas as emoções e preocupações que o acompanhavam, além dos riscos à saúde e as gravidezes indesejadas. Como uma assexuada, eu teria um cotidiano comparativamente mais fácil. Uma assexuada que se masturba não é exatamente uma assexuada, mas acho que está claro o que eu quero dizer. Não copularia, apenas me masturbaria. Não faria diferença para mim, uma vez que, como já disse, percorro o ato sexual sozinha. Os meus desejos oscilam num mundo de sonhos, uma espécie de cosmogonia libidinal, que me faz atingir o orgasmo.

Ser assexuado é mais comum do que se pensa. Entretanto, é difícil identificar esses indivíduos, porque, ao contrário da homossexualidade, a assexualidade nunca foi ilegal. Está certo que, na Idade Média, a não consumação do casamento era considerada

um insulto ao sacramento do matrimônio e até hoje é motivo para o divórcio. Definitivamente, não é esquisito ser assexuado. Se você abordar qualquer passante na rua e perguntar a ele se conhece alguém assexuado, certamente a resposta será: alguns. Mas o que ocorre é que os assexuados não confessam. Pelo contrário: fazem até uma porção de mímicas, fingindo que namoram pessoas com as quais saem apenas para conversar, jantar, ir ao cinema. Porém, ir para a cama? De jeito nenhum. Grande parte dos assexuados é casada, sei do que estou falando, alguns dos meus pacientes casados já confessaram não ter relações sexuais com seus cônjuges nem vontade de tê-las com outras pessoas. Os que praticam o ato sexual fazem-no sem vontade, para agradar o parceiro ou a parceira. Se era comum encontrar assexuados, por que eles não eram discutidos e mencionados? É muito simples, até banal: as religiões não querem que o povo deixe de ter filhos, todas almejam que seus rebanhos cresçam; e também os governos, que nos países desenvolvidos se preocupam com a baixa taxa de natalidade e nos países subdesenvolvidos precisam dos votos da população analfabeta; e tem também o interesse dos militares, que querem ter um número cada vez maior de pessoas dispostas a participar das forças armadas; e há ainda os industriais e comerciantes em geral, que precisam vender as suas porcarias. Existe uma razão para tudo, até para estimular o sexo. E eu nem citei a indústria pornográfica e os fabricantes das drogas que prometem melhorar o desempenho sexual.

Talvez todo aquele raciocínio fosse apenas o resultado da insatisfação que eu sentia. A verdade é que eu não estava contente com Federico em cima de mim. Empurrei-o.

“O que foi, Bela?”

Antes que eu respondesse, ele, com os olhos fixados entre as minhas pernas, disse, “Você está sangrando”.

Federico buscou uma toalha, que coloquei entre as pernas para estancar o sangue. Em seguida, sem que eu pedisse, ele me deu um analgésico. Não recordo o que aconteceu depois. Devo ter dormido, porque só me volta à memória o barulho da rua que me fez despertar. Escutei o caminhão de lixo parar, ouvi o puxar e rolar das lixeiras, as vozes dos garis, e aquilo me acalmou, vivia a normalidade de mais um dia.

25

Pensei que se tivesse contraído uma infecção na noite anterior, não teria problema. Dificilmente aquele ato impulsivo acarretaria a minha infertilidade. É verdade, eu ainda tinha esperanças de um dia ser mãe.

Vesti a roupa com que havia chegado na noite anterior, uma camisola de seda azul-clara e uma jaqueta jeans, e fui dirigindo para o hospital.

As minhas mãos tremiam, o que me deixou receosa, uma vez que dirigiria até o hospital psiquiátrico, que ficava no subúrbio. À medida que o trânsito piorava, a tremedeira das mãos se intensificava. Quando o meu celular tocou quase bati no carro da frente. Não consegui atendê-lo a tempo. Deixei o telefone no colo. Ele voltou a tocar. Era a minha analisanda Madame Bovary.

“Por que você desmarcou a minha consulta? Por quê?” Quando comecei a explicar que fui obrigada a cancelar todos os pacientes do dia anterior por motivos de saúde, a ligação caiu. A bateria do meu celular tinha acabado. Fiquei preocupada com a minha Emma Bovary. Ela era uma pessoa que se enervava com pequenas coisas. Uma comida malfeita era capaz de fazê-la ter um surto nervoso; uma distração do marido deixava-a com uma sensação insuportável de abandono, e um pequeno atraso gerava suspeitas de adultério; um problema com o cartão de crédito incitava um acesso de raiva contra todas as instituições bancárias; a poeira sobre um móvel ou o

chão mal encerado podiam causar crises que duravam uma tarde inteira; e aquela ligação que caiu, eu tinha certeza, a deixaria tensa e indignada, imaginando que encerrei o telefonema propositadamente.

Cheguei ao hospital e fui direto para a minha sala. Pedi que a enfermeira Fátima chamasse o Perseguido. Ele andava causando problemas e recusava-se a comer, pois acreditava que as pessoas à sua volta queriam envenená-lo.

Fiz um gesto para saudá-lo. Como já disse, não gosto de dar bom-dia, nem mesmo para um pobre-diabo.

“Boa noite. Não devia mais falar com a doutora. Você sumiu e eles não permitem que eu tenha um casal de coelhos. Se eles me autorizarem a ter um casal, logo, logo voltarei a ter uma criação. Quero dois coelhos, um macho e uma fêmea, que acabaram de nascer. Em um mês eles atingirão a maturidade sexual. Pense comigo, o período de gestação do coelho dura um mês, logo a fêmea vai dar à luz todos os meses. Suponhamos que, todos os meses, nasça um coelho macho e um coelho fêmea, e que esses coelhos nunca morram. Minha mãe me ensinou que, para criar coelhos, devemos imaginar que eles são eternos. Começo com um par de coelhos, que ainda não procriaram. Preste atenção, doutora Isabela, um par de coelhos, no mês seguinte a fêmea dá à luz um par de coelhos, um macho e outro fêmea. Existem agora dois casais de coelhos. Depois de três meses, o par inicial de coelhos dá à luz mais um par de coelhos. Nesse período, o segundo par acasala, pois já atingiu a maturidade sexual. Isto faz, então, um total de três pares. Depois de quatro meses, o par original tem mais um par de coelhos. O par nascido do segundo par acasala, mas eles ainda não procriam. Isto dá um total de cinco pares...”

O Perseguido continuou me explicando como os coelhos procriavam. Eu estava perdida, até que de repente o ouvi dizer que

depois do sétimo mês a sua criação teria vinte e um pares de coelhos.

“Por que vinte e um pares de coelhos?”, perguntei.

“Ora, ora, porque é assim que eles procriam, de acordo com a sequência de Fibonacci. É só somar o último número com o anterior, 0 par de coelhos + 1 par de coelhos = 1 par de coelhos. 1 par de coelhos + 1 par de coelhos = 2 pares de coelhos. 1 par de coelhos + 2 pares de coelhos = 3 pares de coelhos, e assim por diante, 2 pares + 3 pares = 5 pares, 3 + 5 = 8. 5 + 8 = 13, até chegar em 8 pares de coelhos + 13 pares de coelhos = 21 pares de coelhos. Entendeu o porquê dos vinte e um pares de coelho? É só seguir a sequência de Fibonacci: 0, 1, 1, 2, 3, 5, 8, 13, 21, 34, 55, 89, 144 etc. Esses números representam a existência do mundo. Tudo na natureza liga-se aos números de Fibonacci. Tudo: as pétalas de uma flor, a Via Láctea, o caracol da lesma, o náutilo... Todas as proporções encontradas na natureza seguem a razão áurea que vem da sequência de Fibonacci. Nós também seguimos essa sequência, uma cabeça, um nariz, um pênis, uma vagina, um pescoço, dois olhos, dois braços, duas orelhas, cinco dedos na mão, cinco no pé, e se você contar os dentes, que são trinta e dois, e incluir os dois sisos superiores, veja bem, só os superiores, continua a sequência de Fibonacci, trinta e quatro. Entendeu?”

“Então quer dizer que o número vinte e um faz parte dessa sequência?”

“Faz. Ande, responda, vou poder criar coelhos aqui no nosso parque?”

“Acha justo você ter animais se os outros internos não podem ter?”

“Então quer dizer que a doutora é mais um deles? Leio todos os jornais, sei o que está acontecendo. Se eu fosse mulher, teria gente me protegendo, dizendo que sou mulher oprimida de país subdesenvolvido. Não faça essa cara de desentendida, porque a

doutora sabe muito bem que na semana passada deixaram aquela japonesa que bate na minha cintura trazer um urso para o nosso parque.”

“Aquele urso era de pelúcia, era um brinquedo.”

“Acha que me engana, que sou cego? Aquela japa pode ter um bicho porque é uma mulher, uma mulherzinha. Quer saber? Mulher tem de ficar parindo na maternidade. Vocês querem mandar, mas, se alguém briga com vocês, bancam logo a donzela sensitiva e exigem tratamento especial.”

Ele se levantou, trancou a porta da sala e tirou a chave.

“Pare de chorar. Porque eu não tenho pena de mulherzinha chorona.”

“Não estou chorando.”

“Se alguém tem de chorar aqui sou eu, que não sou mulher, nem preto, nem veado, nem favelado, nem índio, nem árabe, não sou judeu, nem baleia, nem mico-leão-dourado ou outro bicho em extinção.”

“Por favor, fique calmo.”

“Como é que posso ficar calmo? Ninguém tem pena de mim, só porque sou homem, branco e pobre, e olhe que perdi minha mãe, meus coelhos, minha casa, e ainda tenho o rosto queimado e um parafuso no joelho que está afrouxando. Vocês estão todos se unindo contra mim.”

“Por favor, sente-se.”

“Pare de me interromper, estou aqui para falar. E a doutora tem de me ouvir. Está escutando?”, disse ele se aproximando de mim. “Preste atenção, porque o que vou dizer agora é muito sério, ninguém vai me impedir de ter uma criação de coelhos. Olhe pra mim quando eu falo, doutora Isabela.”

O Perseguido era sensível como todo paranoico e tinha um instinto tão apurado quanto o de um animal. Percebeu que eu estava com medo.

“Por favor, se acalme, coloque a chave de volta na porta. Vamos lá.”

Acredito que essas tenham sido as minhas últimas palavras antes de sentir as mãos do Perseguido ao redor do meu pescoço. Seus olhos fulguravam nervosos cravados nos meus. “Eu quero os meus coelhos”, dizia ele, rangendo os dentes e tentando me estrangular.

26

Quando abri os olhos, notei que estava sozinha em um dos quartos do hospital psiquiátrico.

O meu pescoço doía um pouco. Sabia que, mais cedo ou mais tarde, aquilo também aconteceria comigo. Não era a primeira e também não seria a última psicanalista a ser agredida fisicamente por um paciente.

Saí do quarto. Percorri o corredor, abrindo todas as portas que apareciam no meu caminho. Muitos quartos estavam no escuro, com as luzes apagadas. No entanto, em alguns deles vislumbrei pessoas deitadas sobre camas de armação metálica. Elas não se moviam, mas eu podia ouvi-las murmurar. Quando ameacei entrar num dos quartos, as vozes se calaram. O que tentavam esconder de mim? Atravessei o jardim interno e encontrei um cachorrão preto, que eu nunca tinha visto no hospital. Ele se aproximou de mim como se me conhecesse. Barrando a minha passagem, ergueu-se colocando as duas patas dianteiras no meu peito. Lambeu meu rosto. Agradei, pedi licença e fui para a minha sala.

Telefonei para Denise. Pedi que pegasse um táxi e viesse me buscar e que trouxesse algo para eu vestir. Eu me envergonhava de estar usando aquela camisola azul-clara com detalhes em renda por debaixo da jaqueta jeans. Ainda ao telefone, Denise me repreendeu por eu ter saído de casa no meio da noite e ter ido dormir com Federico após fazer um aborto.

Algum tempo depois Denise chegou. Troquei de roupa e voltamos para casa. Ela foi dirigindo o meu carro.

“Estava preparando um bolo de laranja quando a senhora ligou”, disse Denise ao chegarmos. “Ainda preciso colocar no forno. Demora vinte minutos para assar.”

Enquanto eu esperava, sentada no sofá, que Denise servisse um lanche, decidi que não comeria o bolo de laranja, não podia continuar ingerindo tudo que Denise me oferecia, e ela me oferecia de tudo, jamais levando em conta que devemos limitar a quantidade de calorias dos alimentos, que não devemos comer carne, qualquer carne, com batata, pão, arroz, macarrão, enfim, carboidratos em geral. Ingerir proteína, só se for com legumes e verduras. Frutas não podem ser ingeridas com outros alimentos, logo comer fruta de sobremesa está fora de cogitação, fora de cogitação, ouviu, Denise?, você não pode servir fruta de sobremesa, nem líquido durante as refeições, porque dilata o estômago. Mesmo não tendo tendência a engordar, eu acabaria morrendo entupida. Se eu deixasse, a Denise promoveria orgias gastronômicas diárias na minha casa. Não me esquecia do que vi sendo expelido por aquele meu orifício no consultório de Ako. Pensei em dar a Karen o pedaço de bolo destinado a mim. Claro que eu poderia jogar fora, porém detesto desperdício. Refleti sobre o assunto e concluí que aquela massa açucarada faria mal à minha gatinha, sem falar que Karen não gostava de comer doces. É, eu teria de dizer a verdade a Denise e recusar o meu bolo favorito. Ela poderia levar o bolo inteiro para a casa dela. Quanta comida nós ingerimos sem necessidade, não há corpo que aguente. “A grande aflição do homem, que o acompanha da infância até a morte, é que ver e comer são duas coisas distintas. O eterno estado de beatitude é quando basta ver e não é preciso comer.” Perguntei-me, confusa, quem dissera essa frase, sem saber a razão pela qual ela havia surgido na minha mente. Ah, Simone

Weil, foi Simone Weil, aquela filósofa francesa, magricela e feia que morreu de anorexia nervosa.

Definitivamente eu não comeria aquele pedaço de bolo, não porque sofresse de anorexia, mas tinha de me cuidar. "Bendito és Tu, A-do-nai, nosso Deus, Rei do Universo, que formou o homem com sabedoria e nele criou muitos orifícios e cavidades."

Coisa mais estranha é a nossa mente, eu não sabia que lembrava aquela reza judaica. Os judeus têm bênçãos matinais, não sei todas, obviamente, mas sei que eles agradecem depois de defecar e urinar, agradecem por todos os orifícios e cavidades do corpo humano. A-do-nai, Senhor, bendito seja o Espírito Santo, a minha memória não estava tão ruim, lembrei a reza, louvados sejam Deus e as cavidades e orifícios do meu corpo.

Levei um susto com a presença de Karen, nem tinha percebido ela se aproximar. Estava quieta junto a mim no sofá.

Observava o meu pescoço marcado pelas mãos do Perseguido com um ar curioso, quase preocupado. Tinha uma postura imponente, e as vibrissas, aqueles pelos do focinho com função sensorial, estavam apontadas para a frente e para cima. Ela inclinou a cabeça e, me fitando com seus olhos azuis, colocou a linguinha para fora. "Karen, vem cá."

Ela não me obedeceu e semicerrou os olhos como se não estivesse interessada no que eu tinha a dizer. "Karen, vem cá, vem cá, Karenzita." Continuou imóvel, mas tive a impressão de que a vi piscar o olho direito. Achei estranho, não sabia que ela conseguia piscar apenas um olho. Estendi os braços, chamando-a. Karen arrebitou o rabo, ficou de pé nas quatro patas, tomou distância e deu um pequeno salto. Parou no meu colo e encarou-me, como se suspeitasse de algo. Se eu não a conhecesse, poderia pensar que planejava me atacar. Quando a abracei, apoiando a sua carinha no meu ombro, escutei uma voz fina, porém muito bem articulada, dizer, "Eu quero comer uma sardinha, miau, miau, miau".

Evidentemente me assustei e duvidei do que tinha acabado de ouvir. Permaneci parada. Era inacreditável. Eu não estava bêbeda, nem sob o efeito de qualquer medicamento. Por mais inteligente que Karen fosse, ela não poderia falar. Segurei-a com as duas mãos. "Karen, Karen, fala mais alguma coisa. Fala comigo, Karenzita, fala. Fala."

"O que é isso, dona Isabela?", disse Denise, se aproximando com a bandeja de bolo e café.

Respondi que não era nada. Acendi um cigarro e tomei duas xícaras de café. Estava disposta a ouvir Karen falar novamente, puxei a sua orelha marrom e também o seu rabo, que balançava. Depois fiquei acariciando seus pelos e repetindo, "Fala, Karenzita, fala!". Mas ela só miava. Como Karen foi ficando irritada, liguei a televisão. Mudei de canal algumas vezes até me decidir por uma comédia com atores desconhecidos, que me fez rir à beça. Na verdade, o filme não era tão engraçado assim, os atores é que eram péssimos e me faziam rir. Gatos não falam. Não sabia qual era o dia do mês, já estávamos em março? "Cuidado com os idos de março", falei com voz cavernosa, como se estivesse representando o papel do adivinhador cego da peça de Shakespeare. Mais uma vez a minha gatinha semicerrou os olhos e bocejou, como se nada que eu dissesse a interessasse.

Não resisti e experimentei o bolo que estava sobre a bandeja. Uma delícia, tinha acabado de ser feito, morninho, comi o pedaço inteiro.

O telefone tocou. Atendi. Era a minha paciente Madame Bovary.

Falou bastante e eu, desempenhando com afinco o meu papel de psicanalista, a escutei. Reclamou do marido e da filha pré-adolescente. Minha paciente desconfiava que a filha estava fumando maconha, bebendo e tendo relações sexuais. Ao longo da nossa conversa, Emma repetiu várias vezes, "A minha filha nunca mentiu

para mim. Sempre foi uma menina responsável, estudiosa e muito obediente. Não entendo o que está acontecendo”.

Quando finalmente a acalmei, dizendo que ela poderia passar no consultório no dia seguinte, desligamos. Contudo, aquilo me fez refletir, as histórias se repetiam.

Toda vez que eu escutava uma mãe dizer que seu filho era responsável, maduro e não mentia, sabia que no íntimo ela estava racionalizando para poder negligenciá-lo sem culpa ou isentar-se da responsabilidade, caso acontecesse uma tragédia.

27

Algo, que demorei a identificar, estava diferente na sala de visitas. Contei: dois sofás, um liso e outro estampado, três poltronas, sete quadros, dois abajures, uma mesa de centro, duas laterais e um tapete, mas aquele tapete não pertencia à sala de visitas, seu lugar era debaixo da mesa de jantar. O sofá liso estava no lugar do sofá estampado, e os tapetes trocados.

Isso só podia ser coisa da Denise. Que mania, constantemente trocando os móveis de lugar. Às vezes eu reclamava, dizendo, “O que há? Por que você fez isso?”. Mas ela logo falava, “A senhora não gostou? Quer que mude de novo?”. Como era sábado e eu estava sozinha em casa, não pude saber se ela havia modificado a decoração da sala. Eu ficava impressionada com a força física de Denise. Não entendia como ela aguentava carregar os móveis de um lado para outro sem a ajuda de ninguém.

Enquanto cortava em pedaços bem pequenos o filé-mignon da Karen, lembrei-me da reação de alguns analisandos, que se incomodaram e até se queixaram quando alterei a posição do divã no meu consultório. Um dos pacientes até me acusou, disse que eu trocara os móveis de lugar para confundi-lo mentalmente. Os meus analisandos gostavam de encontrar o consultório exatamente como

o deixavam. Detestavam notar que as coisas estavam dispostas de outra maneira.

“Karen, Karen, o almoço está pronto.”

Abri uma garrafa de vinho e tirei o empadão de galinha do forno.

“Karen, Karenzita, vem almoçar.”

Ela não estava na sala, nem debaixo das mesas. “Está se escondendo, malandrinha? Vou encontrar você”, falei do corredor. Fui direto para o meu quarto, sabia que ela deveria estar enfiada no *closet*. “Karenzita, vou pegar você.” Abri a porta do *closet*. Ela não estava lá. Olhei entre as roupas e no meio dos sapatos. “Vem logo, Karen. Vem, meu benzinho, senão o empadão esfria. Você sabe que gosto da comida pelando.”

Não a encontrei em parte alguma. Procurei nos banheiros, no escritório, até no quarto da Denise. Voltei para o *closet* e abri as gavetas, tirei tudo do cesto de roupa suja, até a máquina de lavar revistei. Quando eu era pequena a minha mãe colocou, sem querer, a nossa cachorrinha maltês junto com as roupas brancas na máquina de lavar e ligou. Só fomos perceber minutos depois e foi tarde demais, a cachorrinha já tinha quebrado a perna.

“Agora chega, Karen. Perdeu a graça. Não quero mais brincar de esconder. Venha já aqui.”

De repente notei que a janela da sala estava escancarada. Não sei por que fui até lá e olhei para baixo. Vi o corpo de Karen caído sobre o cimento da entrada do prédio.

Enquanto esperava o elevador, lembrei-me de que Karen gostava de pular do sofá para a janela. Certamente o fato de eu ter cortado as suas unhas a impedira de firmar-se no parapeito.

Karen estava morta, estendida no cimento. Peguei-a no colo e notei que as quatro patas estavam quebradas. Ela tinha caído de pé. A culpa era minha por ter cortado as suas unhas rentes ao sabugo. Agarrei-me a ela. O porteiro foi me acudir, perguntou se eu

precisava de alguma coisa. “Não, obrigada. Obrigada”, repeti, antes de subir.

Coloquei Karen sobre a cama. Ela parecia dormir. Depois de escovar com cuidado o seu pelo, tirei do meu pescoço o lenço de seda que tinha amarrado para esconder os hematomas feitos pelo Perseguido e pus sobre ela. Precisaria de algo que pudesse servir de caixão. No meu *closet* as únicas caixas que encontrei eram de sapato. Não poderia sepultá-la dentro de uma caixa de papelão. Procurei pelo escritório e pela sala, só havia caixas muito pequenas ou cestos sem tampa. Fui até a despensa e peguei o faqueiro de prata, que ficava guardado em uma grande caixa de madeira fechada a chave. Tirei todas as divisórias e os talheres, deixei-os sobre a mesa da cozinha e voltei com a caixa de madeira vazia para o quarto.

A caixa de madeira forrada de veludo vermelho se assemelhava a um pequeno esquite. Parecia que fora feita sob medida para Karen, que coube perfeitamente dentro dela. Tranquei a caixa de madeira e coloquei a chave no bolso.

Antes de sair, pedi ao porteiro que me emprestasse uma enxada.

Falei para o motorista do táxi me levar até o Parque Lage. No caminho paramos em uma floricultura. Comprei rosas vermelhas.

Fui ficando com pressa, porém era mais que uma simples urgência de chegar a algum lugar, era um tremelicar dos nervos. Não havia motivo para correria. Era sábado, e eu não tinha mais nada para fazer durante o resto do dia. Poderia sepultar Karen com calma.

Com o dinheiro já separado na mão e a caixa de madeira no colo, planejei o meu trajeto quando chegasse ao Parque Lage. Daria a volta pelos fundos da Escola de Artes Visuais. Infelizmente, não estava emocionalmente disposta para rever aquela bela construção e seus salões ornados com pinturas decorativas assinadas por — bem, não consegui lembrar o nome do artista, mas recordei que a cantora lírica Gabriella Besanzoni Lage morou naquela mansão. Dizem que

dava festas e mais festas ao redor da piscina interna do palácio. Os tempos eram outros, ainda existia *glamour* e poesia, saraus, homens corteses vestidos de *smoking*, mulheres em longos enfeitadas com joias e fumando de piteira, todos bebendo champanhe, valsando ao som de uma orquestra. Casais de mãos dadas namorando no jardim e alguns amantes mais ousados se encontrando às escondidas atrás dos bosques no escuro da noite.

Não entendo essa nostalgia que sinto por coisas que jamais vivi.

Era um absurdo, eu estava vestida de calça jeans, camisa de malha e tênis. Por que não coloquei um vestido preto? Por que não amarrei um lenço escuro em volta da cabeça? Por que não escondi as manchas roxas que tinha no pescoço? Pedi perdão a Karen por não estar de luto. Entretanto, sabia que ela compreenderia a minha perturbação. Tinha de organizar sozinha o funeral. Uma perda é sempre dolorosa — como posso dizer? —, não há outro jeito, é sempre difícil.

Eu subiria uma das trilhas na direção da encosta do maciço do Corcovado. Quem me acompanharia naquela caminhada seria o Cristo Redentor, que com seus braços abertos ficaria lá de cima me observando sepultar a minha gatinha, que descansaria para sempre ao pé de uma árvore na Mata Atlântica.

Entreguei o dinheiro, que sem perceber amassara, ao taxista. Disse para ficar com o troco.

Fiz o percurso que havia planejado. No início caminhava a passos rápidos, seguia carregando a caixa de madeira com Karen, as rosas vermelhas e a enxada emprestada. À medida que eu me cansava e o caminho se tornava mais íngreme, eu diminuía o ritmo das passadas. Demorei até chegar ao meu destino final, uma árvore de grande porte com um tronco largo, mas tão largo que, ao abraçá-lo, não consegui fazer com que as minhas mãos se tocassem.

Fazer uma cova na terra foi ainda mais cansativo.

Abri a caixa e peguei Karen no colo para vê-la pela última vez.

Jamais saberei o que é morrer. Ninguém sabe, uma vez que não se vive a experiência da morte. Logo, estamos condenados a viver eternamente. Então, por que — por que penso na morte, no nada que serei se já não serei mais?

“Deus pai, todo-poderoso, criador do céu e da terra, protegi Karen”, repeti exaustivamente enquanto cobria o caixão de terra. “Amém”, disse ao jogar as rosas sobre a sepultura.

Desci a trilha carregando a enxada.

Avistei um banco vazio e sentei. Tive a impressão de estar olhando através de um véu opaco, mas logo percebi que a minha visão era encoberta pelas asas de uma borboleta que havia pousado na ponta do meu nariz. Balancei a cabeça e ela voou. Tomou certa distância e permaneceu no mesmo lugar, batendo as finas asinhas como se me sondasse. Quando concluiu que eu era inofensiva, voltou a se aproximar, movendo-se em ziguezague. Pousou sobre o meu joelho direito. Reparei no seu colorido. Suas asas eram amarelas contornadas de preto, tinha uma bola branca no centro de cada asa, como se fosse uma ficha de cassino. Notei que havia dois algarismos dentro de cada círculo branco. Li num deles: 21. Li no outro: 21. Pensei em capturar a borboleta. Poderia prendê-la com um alfinete num painel, mandar emoldurar e pendurar na parede da minha casa. Olhava para a borboleta, que batia as asinhas de leve sobre o meu joelho.

“Você quer me dizer alguma coisa?”

A borboleta não me respondeu e saiu voando. Fui atrás. Ela parou em frente a uma senhora idosa de óculos que lia sentada em um banco.

“Boa-tarde”, eu disse, “desculpe incomodar, mas a senhora conhece essa borboleta?”

“Que borboleta?”

“Essa que está aqui na sua frente.”

“Deixe-me trocar de óculos. Esse que estou usando é para vista cansada, só uso para leitura. Sabe quantos anos eu tenho? Adivinha? Vou logo avisando, mais de noventa.”

“Sim. Sim. Mas a senhora conhece essa borboleta?”

“Calma. Calma, senão a senhorita não chega à minha idade. A gente tem de ter paciência nessa vida. Um minuto, deixe-me trocar de óculos. Vou colocar os meus óculos para miopia, para ver longe. Assim, poderei espiar a sua borboleta, está bem?”

Com uma lentidão que me enervou, a velhinha fechou o livro e colocou-o sobre o banco. Depois tirou os óculos, prendeu na gola do vestido e abriu a bolsa. Eu vigiava a borboleta, com medo de que ela fosse embora. Finalmente, a velhinha encontrou os óculos para miopia.

“Vamos, coloque logo esses óculos, por favor.”

“Um momento, a lente está suja”, disse ela limpando os óculos com a ponta do vestido.

Nesse momento a borboleta saiu voando, e a velhinha, com os óculos na cara, virando a cabeça de um lado para o outro, perguntou, “Que borboleta? Não estou vendo borboleta nenhuma”.

“Ela foi embora. Pensou que a borboleta ficaria à sua disposição o dia inteiro?”

28

Existia tormento, existia dúvida, existia angústia, existia impaciência, horror, tristeza, desamparo, loucura e medo e uma asa quebrada e existia desencanto e esperança e a lembrança da minha infância e eu brincando num jardim e existia um sorriso achatado e existia o regozijo e uma alegria exaurida, um cansaço fingido, porque havia ambição, e existia uma menina e ela sonhava, mas era um pesadelo que já foi meu, meu de quando menina e existia sono agitado e suor frio, via-me nua em uma festa entre pessoas conhecidas que de dedo em riste riam de mim e existia eu sentada

na cama, as luzes apagadas, e existia uma menina sozinha e existia eu sozinha, um calafrio puro, meu, só meu, e eu transpirava e a roupa grudava no meu corpo, no meu corpo de menina, no meu corpo de mulher, e existia uma moeda de ouro e uma boca cheia de dentes que me mordida, doía, como doía, mas existia fé e existia a Nossa Senhora e Jesus Cristo e eu frequentava a missa e comungava e confessava e na aula de religião, quando a freira dizia Gênesis capítulo x versículo y, eu levantava o braço e lia o trecho em voz alta e existia um terço pendurado na armação da minha cama e existia a minha mãe que orava comigo sem acreditar e existia o padre que espargia água benta e dizia reza um pai-nosso e dez ave-marias e você será perdoada e eu rezava, e existia Deus para quem eu pedia muitas coisas, além de um bom marido para minha mãe, e existia a culpa e o perdão, o padre garantia que Deus tudo compreendia, não condenava aqueles que não se arrependiam, existia a redenção e os meus lábios se movimentando e o eco da minha voz que fazia as paredes da igreja vibrarem e existia o meu pai que não me protegia nem me via e existia eu e a reminiscência de algo que eu não conseguia lembrar e um corpo nu, meu, balançando de forma convulsiva e existia uma sensação atônita, eu deparava com uma desconhecida que era eu e existia a lembrança daquelas noites que não terminavam com o raiar do dia, eu era uma menina e existia o abuso, a incompreensão, o prazer, o nojo e um riso nervoso, que ri feito doido porque não fazia sentido eu ter certeza absoluta de que naquela noite uma santa veio me visitar, Nossa Senhora de Fátima ou quem sabe a Nossa Senhora de Lourdes, provavelmente a Nossa Senhora de Aparecida, mas a aparição se transfigurava, se contorcia, tornando-se uma figura abstrata que aos poucos adquiria os contornos de uma pintura de Schiele e eu reconhecia aquela imagem que costumava contemplar em um dos livros de arte da minha avó paterna, a Menina de Cabelo Negro Nua em Pé, ela era pintada em branco e preto, e somente nos

lábios, nas aréolas dos pequenos seios e numa parte da vagina existia vermelho, existia o sangue na vagina, um estupro e o rosto triste de olhar sedutor e a pele encardida e o comprido cabelo preto que estava apoiado na mão direita retorcida, de dedos anormalmente longos e escuros, e eu me fundia àquela visão, o mergulho na noite tenebrosa que escondia de mim os meus próprios segredos e existia o choro, a dor e um homem de nariz largo e existia a coragem obstinada e a mãe, a minha mãe que desaparecia e reaparecia e existia um bebê e existia um buraco oco e existia a carência e lágrimas, mais lágrimas e uma ideia e beijos, beijos e juras de amor e existia amor e falta de amor e sexo e a possibilidade de viajar com segurança pelo mundo, por uma cidade, por uma casa, por um quarto, por dentro de mim mesma, e existia um pequeno pedaço de espelho que refletia o Universo e existia mais e existia alegria e pés descalços e cabelos molhados e uma sensação que não tinha nada de anormal, mas me deixava acabrunhada, era alguma coisa de limites inexplorados que existia, e existia uma mosca inoportuna e o cheiro que saía pelas janelas emperradas da casa da minha avó paterna, do apartamento onde ela se suicidou, uma morte planejada por mim dentro de um muquifo e uma mulher de cabelo roxo, roxo é a cor do desespero e existia a cortina puída, o estofado rasgado, a parede suja, o teto borrado pela infiltração e a falta de dinheiro, existia o odor de suor seco e gordura que envolvia os talheres e os pratos mal lavados daquele apartamento quarto e sala onde mãe e filho diariamente viviam e morriam e morcegos voavam quando eu saía da casa da minha avó que era a mãe do meu pai, queria ter meu pai por perto, mas me desagradava vê-lo e lá se ia, indo, inexistindo e existindo assombração, decadência, e existia a minha vontade de dizer que tanto faz e eu dizia tanto faz e eu dizia e não adiantava e eu me obrigava a repetir tanto faz e nada, apenas desamparo e uma fotografia e outra e as pessoas da minha família só existiam em fotografias, era o que restava, além do

pesado vazio que se impunha sobre mim, a sequência da vida que me subjugava, implicando abandono, implicando resistência, implicando o existir e uma obscura esperança, fome e sede e um deserto de onde eu não sabia sair, não existia porta, janela, chaminé, túnel, corredor, escada, não existia saída nem entrada, nem chave, nem cofre, nem segredo, e não existia sótão, porão ou esconderijo, não existia passagem secreta, não existia saída, só se existia, eu, eu e uma cadeira, eu e um pernilongo, eu e uma estranha, eu e uma família, eu e um poema, eu e um céu, eu e um espelho que reflete tudo e tudo que é, é questionável e tudo que foi talvez não tenha sido.

29

Reconheci que o mais prudente seria me internar em uma clínica de repouso. Eu não estava bem e seria irresponsável continuar atendendo meus pacientes. Essa foi uma decisão da qual Cornélio tentou me dissuadir quando lhe telefonei. Insatisfeito com os meus argumentos, decidiu vir até a minha casa. Enquanto eu o aguardava, descasquei três maçãs, duas peras e um pêsego, não para comer, só para relaxar, tanto que joguei tudo no lixo depois.

Tum, tum, tum. Tum, tum, tum. Era Cornélio que batia com a bengala contra a porta. Tum, tum, tum.

Ao me ver ele não disse nada, encostou de leve o castão no meu peito e me empurrou delicadamente, dizendo: "Sente aí". Obedeci.

Cornélio ficou andando pela sala, de um lado para o outro, batendo com a ponta da bengala no chão. Como mencionei anteriormente, ele não era manco nem tinha qualquer problema na perna, mas certa vez, num passado distante, sofreu um pequeno acidente e precisou andar de bengala por algumas semanas. Durante esse período percebeu que as pessoas o tratavam de maneira diferente: abriam a porta para ele, cediam-lhe o lugar,

deixavam que ele passasse à frente na fila e, se fosse o caso, carregavam as suas malas.

“Por favor, sente aqui do meu lado. Você está me deixando nervosa. Não é exagero meu, estou realmente ouvindo vozes. Recebi uma visita da Baronesa. Você sabe quem é a Baronesa, não sabe?”

Fui até a estante e peguei um livro do Klimt onde havia uma reprodução da pintura que o artista fizera da Baronesa Elisabeth Bachofen-Echt.

“É esta aqui”, eu disse, mostrando o retrato da Baronesa para Cornélio, “ela sou eu e não a Menina de Cabelo Negro Nua em Pé, encardida, pintada por Schiele. Sem falar que eu vi um cachorrão preto no hospital, uma borboleta numerada com meu número misterioso, o vinte e um, e não posso esquecer da vizinha de Karen, ‘Quero comer uma sardinha, miau, miau, miau.’”

Cornélio ergueu a bengala e, com um gesto rápido mas certo, bateu com ela contra a parede.

“E isto por acaso é ficar louca? Qualquer um de nós pode se comportar, sob determinada circunstância, como um paranoico, sem falar que um pouco de paranoia não faz mal a ninguém. O que tem de errado se você de repente decidiu corrigir algum aspecto do mundo que lhe é intolerável pela elaboração e realização de um desejo em forma de delírio? Qual o problema em você ser tomada por lembranças da sua infância ou ouvir vozes ou ainda ver uma borboleta numerada ou a Baronesa Elisabeth? Lembre-se do que Freud chamou de neurose atual: diante de um choque qualquer, a pessoa pode ficar temporariamente doente. Não existe uma linha dividindo a vida real da vida imaginária. Mas, se quer assim, assim será. Vou ligar para reservar um quarto na clínica para você.”

30

Avisei minha mãe e Denise que eu me internaria em uma clínica de repouso. Não discutiram quando pedi que me ajudassem a

arrumar uma pequena mala e prontamente se ofereceram para desmarcar as consultas dos meus pacientes, que em caso de emergência deveriam contatar Tânia. No entanto, quando mostrei uma reprodução do retrato da Baronesa Elisabeth Bachofen-Echt pintado por Klimt e afirmei que queria um vestido igual ao dela, ambas me interromperam dizendo que aquilo era uma bobagem.

Minha mãe era muito habilidosa e sabia costurar maravilhosamente. Quando eu era criança, semanas antes do início do Carnaval ela tirava as minhas medidas para poder comprar tecidos, tecidos de várias cores, além de lantejoulas, para fazer fantasias para mim. Quatro dias de Carnaval, quatro fantasias. Colombina, melindrosa, pirata, cigana, odalisca, bailarina, fada, princesa, bruxa, índio, dançarina de cançã... Todas sem exceção eram extremamente benfeitas. Mamãe pensava em todos os detalhes. Recordo quando ela chegava em casa carregada de pacotes e eu os desembulhava, eufórica, e depois, atenta, seguia as suas ordens, desdobrava o tule barato de fios de náilon, a organza, separava as linhas, as miçangas, os paetês e as lantejoulas. Ficava ao lado da mamãe enquanto ela esticava os tecidos, um de cada vez, sobre a mesa da sala de jantar, media e desenhava sobre eles com uma espécie de giz, em seguida pegava a tesoura e cortava. Os pedaços que sobravam caíam ao chão. Enquanto eu recolhia os retalhos ela abria a pesada máquina de costura e colocava a linha da cor adequada e, então, punha-se a costurar, silenciosa, concentrada, em nenhum instante cantarolava ou interrompia o trabalho. Eu ficava boquiaberta e a amava ainda mais.

“Mãe, lembra das fantasias de Carnaval? E do vestido de noiva que você fez para a festa junina do colégio? O vestido da Baronesa é muito parecido, mas bem mais simples, não tem aquele véu enorme bordado que arrastava no chão. Vou lhe dar dinheiro para comprar um tecido de boa qualidade. Que tal organza de seda? Tem de ter renda também, e você não pode esquecer que a barra do vestido é

bufante, a cintura alta com pregas horizontais, está vendo aqui na foto? Ah, e lembre-se de fazer o xale, talvez de renda, que é essencial para cobrir os ombros.”

“Isabela, isso é um absurdo. Não vou fazer.”

Não discuti com a minha mãe, apenas disse, “Se você não quiser me fazer esse favor, contratarei uma costureira”.

Fiz uma pausa e prossegui, “Denise, preciso que você corte o meu cabelo. Quero ter uma franja rala igual à da Baronesa Elisabeth Bachofen-Echt”.

“Sim, senhora.”

“Isabela”, disse minha mãe, “você tem uma fita métrica para eu tirar as suas medidas?”

31

Acordei mais um dia sozinha na cama de ferro branco. Lavei o rosto, pintei os lábios, passei ruge nas bochechas e penteei o cabelo como o da Baronesa Elisabeth Bachofen-Echt. Não tomei o meu habitual café da manhã: torrada com manteiga, café e suco de laranja. Trouxeram um chá com bolo, que degustei de olhos fechados. Por um momento acreditei estar em Viena e falei em voz alta, “Doutor Freud, quer me passar o *apfelstrudel*?”.

A mesa e a cadeira do meu quarto também eram de ferro pintado de branco, e a tinta nas extremidades descascava. O mesmo acontecia com a pintura da cama. Os lençóis eram puídos. Preferia-os assim, pois tomavam a forma do meu corpo com facilidade, eram mais macios e suaves que roupas de cama novas. Apeguei-me emocionalmente àqueles móveis, em especial a cama, que me parecia estar presa ao chão, tal a sua estabilidade. Ali eu podia simplesmente ser, ser sem adjetivos, transitória e vulnerável, simplesmente humana. Sim, sim, humana, nem sujeito, nem objeto, nem eu, nem outra e ainda assim eu e outra, e muitas e uma e ninguém. A cama me protegia caso a minha imanência fosse

ameaçada por uma sensação de estranhamento. Eu dormia bem no colchão de molas que sorvia o meu corpo enquanto rangia, embalando o meu sono. Eu não sonhava e, se sonhava, era incapaz de distinguir o sonho da fantasia ou mesmo da realidade. Era regida pelo inconsciente, abandonava minha postura neurótica que tentava incansavelmente dar sentido a tudo. Nem a maçaneta da porta, que piscava para mim, me deixava confusa.

Quando eu tinha alguma dúvida permanecia imóvel, reagindo.

Um dos meus cílios caiu sobre a mesa de ferro branco. Pus o dedo sobre ele, fiz um pedido e coloquei-o entre os seios. Não sei se o meu desejo se realizou. Como poderia saber se não lembro o que pedi? Devia ser algo muito importante e, por precaução, para não ficar decepcionada caso ele não se realizasse, esqueci.

Na clínica de repouso ninguém se incomodava com a péssima qualidade da comida. Na verdade, não ligavam para nada. Achei que seria uma perda de tempo reclamar, porque o desleixo é uma característica que se encontra em toda parte.

Pensar nisso fez a Baronesa Elisabeth Bachofen-Echt sentir saudades dos magníficos doces que costumava comer na companhia de Klimt. Isso a irritou e fez alguns fios do seu cabelo arrepiarem. Fui para a frente do espelho para me pentear.

O meu mau humor aumentou quando vi o reflexo da Isabela no espelho. Ela tinha a obrigação de estar trabalhando, como fazem os profissionais liberais. Como psicanalista, o seu papel era cuidar dos pacientes, que deveriam estar em apuros por não tê-la por perto. Ela não podia continuar ali, sem comparecer aos compromissos daquele dia e do dia seguinte e do dia depois do dia seguinte, mas talvez porque aquele dia fosse aquele dia e eu, no caso a Isabela, me chamasse Baronesa Elisabeth Bachofen-Echt, mandei tudo para o inferno.

Na última semana havia chovido bastante e poucas pessoas entraram em contato com a Isabela. Desejei que o doutor Freud, o

próprio, viesse conversar com ela, que tremia e parecia não me ouvir. Talvez sentisse medo de mim. É por isso que eu queria que o doutor Freud falasse pessoalmente com a Isabela. Sabia que isso não seria possível, uma vez que ele já estava morto há muito tempo. Todo mundo morre, até mesmo o doutor Freud. Nunca liguei para isso, nem durante a adolescência tive esperança na imortalidade.

Pensei em levar a Isabela para dar um passeio no jardim, porém o tempo continuava nublado e ameaçava chover novamente. Permaneci no quarto, não queria sujar o meu vestido branco.

Naquele dia ninguém foi me ver — nem minha mãe, nem Federico, que me visitavam com frequência. Fiquei recolhida, deitada na cama. Bateram na porta.

“Eu sou o Jesus.”

Olhei para o sujeito que entrara e perguntei: “Jesus Cristo?”

“Jesus de Souza.”

Ele estava vestido de branco, o que realçava ainda mais o negror luzidio da sua pele. Era baixinho, rechonchudo e sem pescoço. Simpatizei logo com ele.

“Sou o novo enfermeiro. Vim tirar a sua pressão e trazer o remédio. O doutor Cornélio falou para eu chamar a senhora de Baronesa.”

Enquanto tirava a minha pressão, contou-me uma piada: “Um maluco chega com a mão fechada perto de um doido e pergunta, ‘Adivinha o que eu tenho na mão?’. O doido responde, ‘Um elefante’. ‘Ah, assim não vale’, diz o maluco, ‘você viu a tromba’”.

Jesus caiu na gargalhada e eu o acompanhei, não porque a piada fosse engraçada mas porque a gargalhada dele era contagiante.

Passei a esperar ansiosa a aparição diária de Jesus.

Como de costume, Federico foi me fazer uma visita, quero dizer, ele foi visitar a Isabela e, evidentemente, era ela que ele via, por mais que respeitasse a minha vontade e me chamasse de Baronesa Elisabeth Bachofen-Echt quando eu lhe pedia melindrosamente.

Federico me observava por trás das lentes fumê dos seus óculos de grau, o que me fazia crer que ele tinha más intenções, ou seja, queria ir para a cama comigo. Nada mais natural — afinal, eu estava muito bonita, apesar de ter algo fantasmagórico na minha maneira de andar. Conquanto eu usasse salto alto, o vestido branco arrastava no chão.

Federico me falava coisas lindas, aquelas coisas que os homens apaixonados têm o hábito de dizer. E ele era ridículo e encantador, como todo homem que se deixa dominar pela paixão. Quando abri o presente que ele trouxera para mim, fiquei comovida, mas controlei a emoção. A vaidade ditou o meu silêncio, quando choro a minha boca toma formas estranhas. Corri até o espelho e pus a tiara de brilhantes — falsos, mas nem por isso menos valiosos — na cabeça.

Abracei Federico. Como todos os homens, ele gostava de se iludir e imaginar que eu precisava dele para viver. Menti dizendo, "*Ich liebe dich*".

Estaria eu apaixonada? Não existe melhor maneira de se livrar de si mesmo sem correr risco de vida. A mitologia do senso comum diz que se morre por amor, não acredito, nunca vi isso acontecer. No entanto, já vi gente morrer por falta de amor.

Como sempre, não lembro se sonhei naquela noite, mas sei que dormi com a tiara de brilhantes na cabeça e acordei descansada, estirada sobre a minha querida cama de ferro branco.

Minha mãe ficou com seus olhinhos azuis marejados quando veio me visitar. Quis dizer alguma coisa para acalmá-la, avisá-la de que a Isabela estava bem e que eu mandaria lavar o vestido assim que possível. A menina que ainda existia em mim abraçou a mãe e chorou, chorou porque a mãe chorava enquanto beijava a sua testa arranhada pela tiara. Vestígios da Menina de Cabelo Negro Nua em Pé de Schiele? Seria para sempre assim? Toda vez que a mãe chorasse a menina choraria?

Cornélio vinha diariamente conversar comigo e, mais de uma vez, insistiu para que eu tirasse a tiara de brilhantes da cabeça na hora de dormir. Certo dia, me colocou sentada em frente ao espelho e mostrou os ferimentos na minha testa. Em seguida, disse que eu era uma baronesa e que baronesas não usavam coroas. Expliquei-lhe que aquilo não era uma coroa, era uma tiara, um simples ornato usado pelas mulheres para enfeitar o penteado. Acrescentei que sabia que no passado muitos homens, como sacerdotes e príncipes do Oriente, usavam tiaras como símbolo de poder, porém aquela não era a minha intenção. E coroa? Eu jamais usaria uma coroa. Mesmo sendo Baronesa, era contra a monarquia. Cornélio respirou fundo, abriu uma pasta e retirou uma reprodução da pintura de Klimt.

“Você está vendo alguma tiara na cabeça da Baronesa Elisabeth Bachofen-Echt?”

“Não. Mas foi o Federico que me deu essa tiara. Ele vai ficar triste se eu não usar.”

“Conversei com Federico e ele me garantiu que não vai ficar chateado. Na verdade, ele a acha ainda mais bonita sem tiara. E tem mais, Federico não quer ver a mulher que tanto ama com a testa machucada.”

Tirei a tiara e coloquei-a na cabeça de Cornélio. Pedi que se olhasse no espelho. Os brilhantes falsos da tiara realçavam a cor branca dos seus cabelos. Dei a tiara de presente a Cornélio, que agradeceu e permaneceu com ela na cabeça até o fim da sessão. Aliás, ele passou a usá-la sempre que vinha me visitar. Suponho que esse gesto ajudou no meu tratamento.

Quando eu me encontrava sozinha, girava com os braços abertos deixando-me cair quando ficava tonta. Em seguida, rastejava e escondia-me debaixo da cama. Brincava de estátua. Infelizmente, sempre parava na mesma posição, na pose da pintura. Rosto relaxado e mãos crispadas.

À noite eu andava no escuro fingindo-me de cega. Esse era um dos meus passatempos favoritos.

Volta e meia Tânia vinha me fazer companhia. Sempre trazia algum doce para comermos junto com o café que Jesus nos servia. Enquanto o meu enfermeiro sorria para mim com olhos ternos, Tânia me observava com uma expressão inexplicável e ligeiramente sombria — além de me chamar de Isabela, ao contrário dele, que me chamava de Baronesa. O comportamento de Tânia me irritava. Estaria ela agindo daquela maneira de propósito?

Eu me atirava sobre a cama de ferro branco e enrolava todo o meu corpo no lençol puído. Fechava os olhos e fingia ser uma múmia. Vez por outra adormecia, vencida pela exaustão. Não adiantava tentar, eu não conseguiria, não poderia mudar os fatos, mudar os nomes, mudar o passado. Mas como não pensar nele se aquele era o único passado que eu conhecia, a única vida que eu tinha?

32

Logo após o café da manhã avisei Jesus de que daria uma volta pelo bairro. Ele se ofereceu para ir comigo. Recusei, alegando que desejava ficar sozinha.

Não havia outras casas nem prédios na proximidade da clínica, que ficava no fim de uma rua íngreme e estreita de paralelepípedos. Saí caminhando calmamente pela calçada. Não passavam carros. O lugar era deserto. Estaria eu só no mundo? Sim, só, pobre de mim, disse em voz alta para chamar a atenção das grandes árvores. Eu me enganara, não estava só, passarinhos me faziam companhia, alguns pareciam rir maliciosamente às escondidas. Ouvia o estalido das folhas se quebrando, crepitando, sob os meus pés. Agachei para pegar uma folha, optei pela que me pareceu mais ressecada. Uma mulher de canelas finas passou por mim, me encarou. Eu disse bom-dia. Ela respondeu, afastando-se rapidamente. Segui em frente. O

número de árvores foi diminuindo e a quantidade de casas, aumentando. Carros, prédios, pessoas e poluição fizeram-se presentes, mas mudos aos meus ouvidos.

Entrei na primeira padaria que vi e fui direto ao balcão pedir um cafezinho. Ao meu lado estava um sujeito magro de boné. Ele tinha uma pequena caderneta, uma espécie de bloquinho, na qual anotava algo. Não obstante estivesse concentrado, percebeu que me sentei ao seu lado. Ao terminar, guardou o caderninho e a caneta no bolso de trás da calça jeans. Molhou o pão no café e comeu.

“Sei que é falta de educação fazer isso”, disse ele.

“Finja que eu não vi”, respondi.

Notei que o sujeito me observava. Reparava nas minhas mãos, nos meus sapatos, no meu vestido branco, no meu penteado. Aquilo foi me deixando ensimesmada.

“Onde é o baile a fantasia?”, perguntou.

“Boa pergunta. O senhor me paga esse cafezinho?” “Com muito prazer. O meu nome é José.”

“E o meu é... Isabela.”

“Kabumba.”

Entendi o que ele quis dizer e respondi, “Kabumba”.

33

Tomei banho. Abri a mala que mamãe e Denise haviam preparado. Vesti uma calça jeans, uma camisa de malha e um par de sapatilhas pretas com detalhes coloridos na ponta. Pouco tempo depois bateram na porta. Era Jesus acompanhado do Cornélio, que vinha com a sua bengala e usava a tiara de brilhantes na cabeça.

“Pode tirar a tiara, Cornélio, a Baronesa foi embora.” Ele colocou a tiara sobre a mesa.

“Acho que não tenho mais nada. Como você costuma dizer, a questão é saber administrar a loucura. Estou boa.”

“Claro que você está boa. Você nunca esteve doente. Veio para cá porque quis. Essa coisa de se vestir de Baronesa, lembrar da infância, ouvir vozes, ver a Menina de Cabelo Negro Nua em Pé de Schiele e borboleta numerada, isso é normal. Eu também vejo borboleta, só que com outro número. E eu sou maluco? Eu sou maluco, Jesus?”

“Não, claro que não, doutor. Mas que o senhor ficava bonito com a tiara de brilhantes, ficava”, disse Jesus, sorrindo.

Perguntei quando eu poderia voltar a trabalhar.

“Imediatamente”, respondeu Cornélio. Depois se afastou e, sem se despedir de mim ou de Jesus, saiu batendo a bengala, toc, toc, toc, contra o chão. Não me incomodei, conhecia o seu comportamento por vezes abrupto e mal-educado.

Jesus me ajudou a colocar algumas coisas na pequena mala. Quando peguei o vestido branco rendado da Baronesa e a tiara de brilhantes para guardar, hesitei.

“O que faço com isso, Jesus?”

“Se a senhora me der, eu aceito.”

Entreguei a tiara e a roupa da Baronesa a Jesus, que me agradeceu contente.

Da recepção da clínica de repouso, telefonei para a minha mãe, que fez questão de ir me buscar. Sentei-me no sofá à sua espera.

O final que continua

1

Quando cheguei em casa encontrei Federico sentado na sala tomando um cafezinho. Provavelmente minha mãe o avisara de que eu estava saindo da clínica de repouso. Federico me abraçou. Denise preparava o meu bolo favorito, um bolo de laranja com bastante calda. Mamãe pediu licença e disse que iria ajudar Denise na cozinha.

“Isabela, você precisa de alguém para cuidar de você, e essa pessoa sou eu.”

“Estou bem, Federico. Amanhã mesmo começarei a trabalhar. Assim que acordar, vou para o hospital psiquiátrico.”

“Bela, Bela, minha Bela, sei que você não terá uma recaída, mas por enquanto precisa ter alguém por perto, pelo menos por algumas semanas.”

“O que você propõe?”

“Você vem morar comigo por algum tempo.”

Fiz uma pausa.

“Tenho uma contraproposta”, falei, “nas próximas semanas você vem passar os fins de semana na minha casa. Mas para isso terá de pagar.”

“Como assim?”

“Junto com você tem de vir uma gatinha siamesa.”

2

Jantei sozinha, lentamente.

A estada na clínica de repouso me fizera bem.

Sempre acreditara em Aristóteles. Para valorizar o acontecido no tempo, ele disse que apenas uma coisa havia sido negada a Deus: o poder de desfazer o passado. Mas eu, um ser humano, sabia que

naquele instante podia desfazer o meu passado, e a minha verdade se tornara um truísmo: viver o agora.

Federico viria passar os próximos fins de semana na minha casa, eu sabia que Diogo continuaria por perto. Porém, não me aborreci, teria Federico ao meu lado, e ele ainda me traria uma gatinha siamesa. Permitia que ele fosse, antes que viesse. Aceitava perdê-lo, antes de tê-lo.

Sossegada, paciente, deixava que as coisas, os fatos *fossem* sem a minha interferência, sem o ignóbil desejo de possessão. Por quanto tempo essa sensação perduraria? Pensei em Jesus, no Jesus negro, que na clínica de repouso aparecia diariamente sorrindo no meu quarto.

Acendi um cigarro.

Não havia saída, eu estava cercada por todos os lados: pelo hoje, pelo começo e pelo fim. Perpetuamente condenada ao agora. Será que algum dia estaria pronta para isso, para o sempre, para o para sempre, que, como disse Emily Dickinson, é composto de agoras?

Esta história, como todas as histórias, não chegou ao fim. Ela continua, o agora não cessa nunca o seu vir a ser, seu devenir.